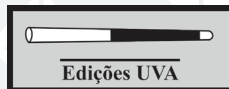


Izabelle Mont'Alverne Napoleão Albuquerque  
Maria Socorro de Araújo Dias  
Marcos Aguiar Ribeiro  
(Organizadores)

50  
*anos do*

# **CURSO DE ENFERMAGEM DA UVA**

Mosaicos de uma  
formação ética, técnica,  
científica, política e estética



SOBRAL- 2022

50  
*anos do*

CURSO DE  
ENFERMAGEM  
DA UVA

Mosaicos de uma  
formação ética, técnica,  
científica, política e estética

50 anos do Curso de Enfermagem da UVA: mosaicos de uma formação ética, técnica, científica, política e estética ©2022 Copyright by Izabelle Mont`Alverne Napoleão Albuquerque, Maria Socorro de Araújo Dias, Marcos Aguiar Ribeiro (orgs.)

Impresso no Brasil/Printed in Brasil.

Efetuada depósito legal na Câmara Brasileira do Livro.



Av. da Universidade, 850 - Campus da Betânia - Sobral - CE  
CEP 62040-370 - Telefone: (88) 3611.6613



### **Reitora**

Izabelle Mont`Alverne Napoleão Albuquerque

### **Vice-Reitor**

Francisco Carvalho de Arruda Coelho

### **Diretora das Edições UVA**

Maria Socorro de Araújo Dias

### **Conselho Editorial**

Maria Socorro de Araújo Dias (Presidente)	Maria Amélia Carneiro Bezerra
Izabelle Mont`Alverne Napoleão Albuquerque	Maria José Araújo Souza
Alexandra Maria de Castro e Santos Araújo	Maria Somália Sales Viana
Ana Iris Tomás Vasconcelos	Maristela Inês Osawa Vasconcelos
Carlos Augusto Pereira dos Santos	Raquel Oliveira dos Santos Fontinele
Claudia Goulart de Abreu	Simone Ferreira Diniz
Eneas Rei Leite	Renata Albuquerque Lima
Francisco Helder Almeida Rodrigues	Tito Barros Leal de Ponte Medeiros
Israel Rocha Brandão	Virginia Célia Cavalcanti de Holanda
Maria Adelane Monteiro da Silva	

### **Catálogo**

Dayanne Albuquerque Araújo

### **Comissão Científica da Obra Revisão**

Alírio Patrício  
Camila Barros Santos  
Lielma Carla Chagas da Silva  
Maria Socorro de Araújo Dias

### **Editoração e Projeto Gráfico**

Éder Oliveira França

A Capa foi inspirada em mosaicos do piso da UVA (Campus Betânia), sede das primeiras turmas do Curso de Enfermagem

### **Revisão Bibliográfica**

Alírio Patrício  
Camila Barros Santos

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação  
Universidade Estadual Vale do Acaraú | Sistema de Bibliotecas  
Bibliotecária Responsável: Dayanne Albuquerque Araújo - CRB-3/1426

C575 50 anos do Curso de Enfermagem da UVA: Mosaicos de uma formação ética, técnica científica, política e estética / Organizado por: Izabelle Mont'Alverne Napoleão Albuquerque; Maria Socorro de Araújo Dias e Marcos Aguiar Ribeiro. – Sobral: Edições UVA, 2022. 258p.

ISBN nº 978-65-87115-34-4 (impresso)

ISBN nº 978-65-87115-35-1 (e-book)

1. Enfermagem. 2. História. 3. Educação. I. Albuquerque, Izabelle Mont'Alverne (Org.). II. Dias, Maria Socorro de (Org.). III. Ribeiro, Marcos Aguiar (Org.). IV. Título.

CDD 610.7



## SUMÁRIO

<b>Prefácio</b>	09
-----------------	----

*Cid Ferreira Gomes*

<b>Da Gênese à Formação das Primeiras Turmas do Curso de Enfermagem da UVA</b>	11
--	----

*Maria Socorro Carneiro Linhares*

*Aloísio Ribeiro da Ponte*

*Francisco Meton de Vasconcelos*

*Rogena Weaver Noronha Brasil*

<b>A Escola de Obstetrícia do Semiárido Cearense: a Caminhada do Curso de Enfermagem da UVA</b>	39
---	----

*Cibelly Aliny Siqueira Lima Freitas*

*Eroteíde Leite de Pinho*

*Maria Alzeni Coelho Ponte*

*José Vilson Barreto Araújo*

*Manoel Alves Teixeira*

*Rosana Solon Tajra*

<b>O Repensar da Formação do(a) Enfermeiro(a) para o Sistema Único de Saúde com ênfase na Atenção Primária à Saúde: Trajetória da Terceira Década (1993-2002) do Curso de Enfermagem da UVA</b>	69
---	----

*Maria Socorro de Araújo Dias*

*Maria do Socorro Carneiro Melo*

*Lielma Carla Chagas da Silva*

*Carlos Hilton Albuquerque Soares*

**Matizes da Formação Científica e Política do Curso de Enfermagem da UVA:** Vozes que Reconhecem o Percurso e Apontam Caminhos 99

*Maria Socorro de Araújo Dias*  
*Maria Adelane Monteiro da Silva*  
*Manuelle Maria Marques Matias*  
*Alessandra Ponte de Queiroz Miranda*  
*Christianne Marie Aguiar Coelho*  
*Augusta Brito de Paula*  
*Maria da Conceição Coelho Brito*

**De Enfermeiro a Docente Pesquisador em Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu*:** Agenda Positiva do Curso de Enfermagem da UVA na sua Quinta Década e Trajetórias de Egressos 133

*Maristela Inês Osawa Vasconcelos*  
*Andréa Carvalho Araújo Moreira*  
*Maria Amélia Carneiro Bezerra*  
*Antonio Rodrigues Ferreira Júnior*  
*Glauberto da Silva Quirino*  
*Roberta Cavalcante Muniz Lira*  
*José Maria Ximenes Guimarães*

**A Ponte da Memória:** Travessia de Lutas e Conquistas do Curso de Enfermagem da UVA 167

*Eliany Nazaré Oliveira*  
*Keila Maria de Azevedo Ponte*  
*Maria de Lourdes Alves*  
*Joyce Mazza Nunes Aragão*  
*Rebeca Sales Viana*  
*Francisco Rosemiro Guimarães Ximenes Neto*

**Desafios e Estratégias na Formação e no Cuidado em Saúde Face a Pandemia de COVID-19: Contribuições de Estudantes e Egressos do Curso de Enfermagem da UVA**

201

*Marcos Aguiar Ribeiro*

*Izabelle Mont'Alverne Napoleão Albuquerque*

*Ana Beatriz Oliveira do Nascimento*

*Ana Suelen Pedroza Cavalcante*

*David Gomes Araújo Junior*

*Isabel Cristina Kowal Olm Cunha*

**Curso de Enfermagem da UVA: Bases Sólidas para uma Formação Profissional Socialmente Implicada com os Desafios Contemporâneos**

225

*Izabelle Mont'Alverne Napoleão Albuquerque*

*Marcos Aguiar Ribeiro*

*Ana Beatriz Oliveira do Nascimento*

*Maristela Inês Osawa Vasconcelos*

*Lielma Carla Chagas da Silva*

*Maria Socorro de Araújo Dias*







## Prefácio

Em seus quase 55 anos de fundação, a Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA) vem ajudando a formar uma geração de cearenses e construindo uma trajetória forjada no pioneirismo e na qualidade do ensino superior no interior do Ceará. Não podemos falar de UVA sem lembrar a ideia transformadora do padre sobralense Francisco Sadoc de Araújo, fundador da Universidade, e de figuras ilustres que continuaram seu legado, como o Professor Teodoro Soares, que se envolveu pessoalmente na luta pelo reconhecimento da UVA pelo Ministério da Educação, que ocorreu em 1994.

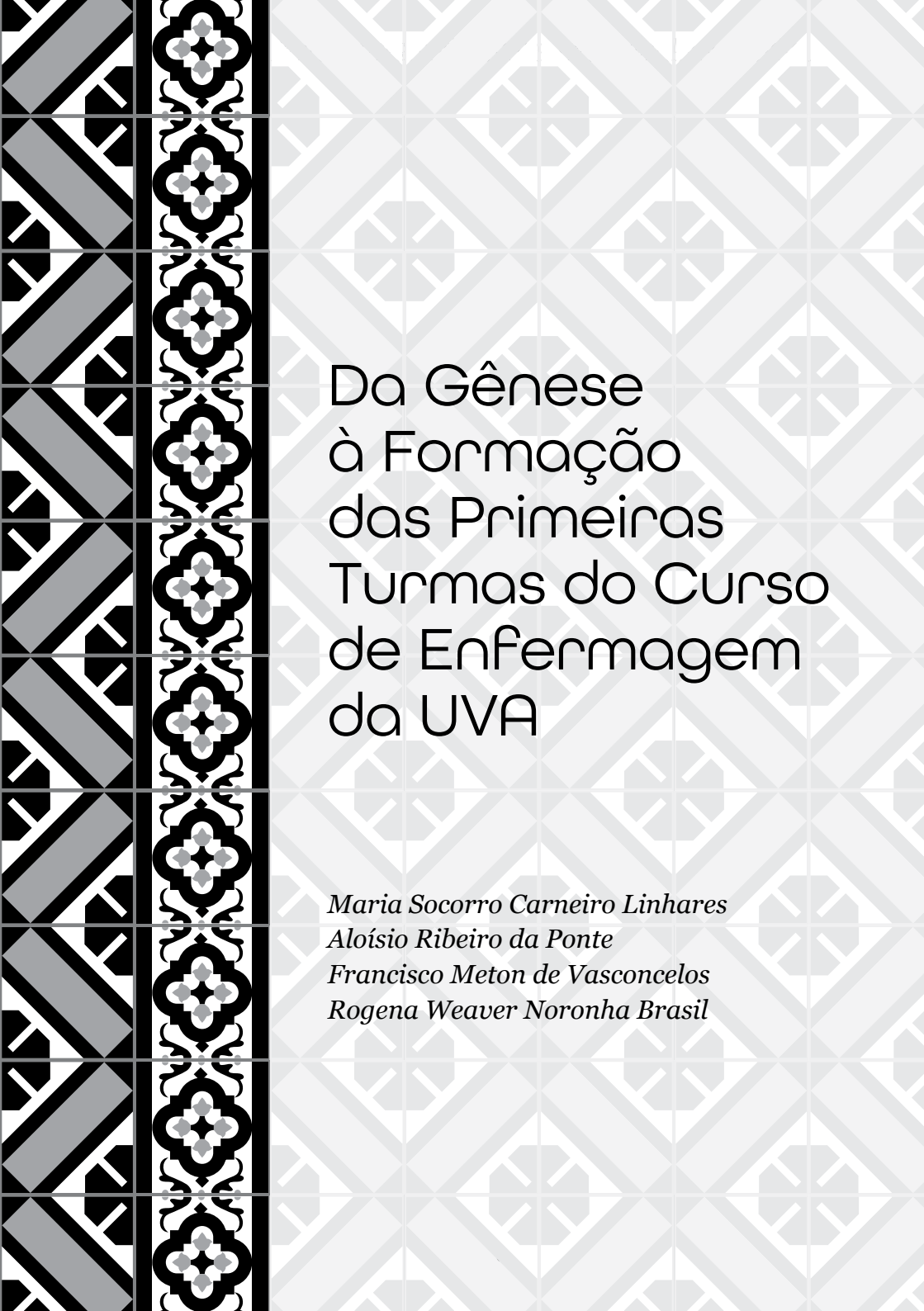
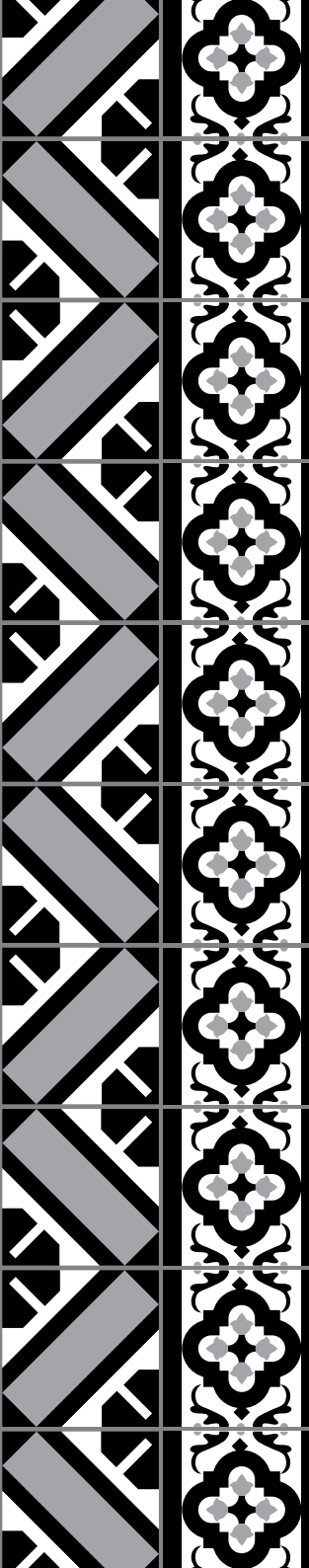
Tenho muito orgulho de poder ter feito parte dessa história apoiando a UVA quando fui prefeito de Sobral e governador do Ceará, acompanhando a implantação de novos cursos e vibrando com o crescimento dessa tão importante instituição. Agora, em meu mandato de senador pelo Ceará, sigo tentando oferecer minha contribuição, especialmente viabilizando recursos que são fundamentais para o bom funcionamento da Universidade.

Por esta razão é que tenho alegria renovada em participar desta publicação que marca, neste ano de 2022, mais um feito da Universidade Estadual Vale do Acaraú: o jubileu de ouro do Curso de Enfermagem, um dos mais relevantes e cujo papel social vem sendo inestimável. Durante estes 50 anos, a UVA formou milhares de enfermeiras e enfermeiros, que cada vez mais demonstram sua relevância na construção de um sistema de saúde que seja de fato universal e que possa atender àqueles que mais precisam. A pandemia da Covid-19 serviu para confirmar o que todos já sabíamos: a essencialidade do papel destes profissionais.

Finalizo desejando vida longa ao Curso de Enfermagem da UVA e apresentando meu reconhecimento e gratidão a todos os profissionais que direta ou indiretamente contribuem para a formação superior no Ceará. A educação é o único caminho capaz de fazer nosso País voltar a se desenvolver, trazendo mais igualdade e mais esperança para todos nós.

***Cid Ferreira Gomes***

*Senador da República pelo Estado do Ceará*



# Da Gênese à Formação das Primeiras Turmas do Curso de Enfermagem da UVA

*Maria Socorro Carneiro Linhares  
Aloísio Ribeiro da Ponte  
Francisco Meton de Vasconcelos  
Rogena Weaver Noronha Brasil*

# **Da Gênese à Formação das Primeiras Turmas do Curso de Enfermagem da UVA <sup>1</sup>**

Maria Socorro Carneiro Linhares  
Aloísio Ribeiro da Ponte  
Francisco Meton de Vasconcelos  
Rogena Weaver Noronha Brasil

## **A gênese**

Para escrever a origem do Curso de Enfermagem da Universidade Estadual Vale do Acaraú, há 50 anos, urge destacar para o leitor uma breve contextualização das condições da assistência que as mulheres, no passado, recebiam durante a gravidez, o parto e o pós-parto. Isto porque este contexto guarda intrínseca relação com a criação do curso.

Nas tradições mais longínquas, as mulheres ganhavam seus filhos em casa, assistidas por outras mulheres conhecidas como parteiras, curiosas ou assistentes de parto. Estas mulheres, em sua maioria, sem diploma ou ensino formal, habilitadas com a experiência passada de mãe para filha ou com os próprios partos, tinham atuação caracterizada por práticas baseadas em experiências individuais, guiadas pela intuição e validadas

---

<sup>1</sup> Muitos dos fatos narrados neste capítulo têm como fontes as memórias dos autores, que vivenciaram todo o processo de criação e desenvolvimento do Curso de Enfermagem como docentes ou discentes.

pela fé para alcançar um parto seguro (CARREGAL; SCHRECK; SANTOS; PERES, 2020). Infelizmente, a intuição e a fé muitas vezes não garantiam a vida da mãe e do seu concepto e muitas morriam como resultado de complicações que ocorrem durante ou depois da gestação e do parto. A maioria dessas complicações se desenvolve durante a gravidez e a maior parte delas pode ser evitada e tratada (OPAS, 2022).

De acordo com o Ministério da Saúde (BRASIL, 2009), a morte materna é uma das mais graves violações dos direitos humanos das mulheres, por ser evitável em 92,0% dos casos e ocorrer principalmente nos países subdesenvolvidos.

Em 1994, na 10<sup>a</sup> revisão da Classificação Internacional de Doenças (CID-10), a Organização Mundial da Saúde (OMS) definiu a morte materna como a “morte de mulheres durante a gestação ou dentro de um período de 42 dias após o término da gravidez, devido a qualquer causa relacionada ou agravada pela gravidez ou por medidas tomadas em relação a ela, porém não devido a causas acidentais ou incidentais” (OMS, 1995). O conceito de morte materna pela OMS representou um grande avanço para a redução das imprecisões e dos sub-registros dos óbitos que ocorrem nestas circunstâncias.

Até onde se tem conhecimento, até a década 1970, o Brasil não possuía um sistema regular de vigilância epidemiológica em morbidade materna que utilizasse rotineiramente dados hospitalares e de registro vital

para o real monitoramento do nível e da tendência da mortalidade materna (SOUSA; CECATTI; HARDY; AMARAL *et al.*, 2006). Somente com a implantação de dois sistemas de informações vitais, o Sistema de Informação de Mortalidade (SIM) e o do Sistema de Informação de Nascidos Vivos, implementados em 1975 e 1991, respectivamente, foi possível monitorar e qualificar as informações sobre a saúde e os óbitos em mulheres em idade reprodutiva (BRASIL, 2021).

Ao longo da história, a compreensão sobre fontes de informações acerca da magnitude da mortalidade materna no Brasil eram registros imprecisos e incompletos a partir de declarações das causas de óbitos nestas circunstâncias e em observações empíricas da comunidade sobre os desfechos trágicos nas famílias frente a um óbito de uma mãe durante ou logo após dar à luz. A orfandade materna e a viuvez dos homens permeavam como assombros às famílias das mulheres grávidas.

O município de Sobral carrega uma história que o tornou o principal centro econômico, social, político e cultural da zona norte do estado do Ceará, assim como a principal referência de medicina e de prestação de serviços de cuidados à saúde para a população dessa região desde a colonização. De acordo a Mont'Alverne (2011), desde a metade do século XVIII, diante da carência à assistência nas colônias lusas, o Conselho Ultramarino de Lisboa escolheu esse município como uma das suas Vilas para abrigar pessoas qualificadas para exercer a medicina.

Esses médicos, chamados licenciados, tinham como missão curar as mazelas mórbidas que se alastravam sobre a região norte cearense. Tradicionalmente, até os dias de hoje, Sobral exerceu um papel importante no desenvolvimento de estudos da medicina e na prestação de serviços na área da saúde. Assim, muitas mulheres que sofreram com complicações nas fases da gestação e do parto eram e continuam encaminhadas de unidades nosocomiais dos municípios da zona norte do estado para os serviços especializados de Sobral em busca de uma melhor assistência para a sua saúde.

Em meados de 1970, o Padre Francisco Sadoc de Araújo, fundador da Fundação Vale do Acaraú, cientista, filósofo, pedagogo e historiador, identificou diversos casos de homens que haviam casado por duas, três e, até quatro vezes, enquanto realizava um estudo sobre a genealogia das famílias sobralenses. Diante desta constatação, resolveu entrevistar alguns deles sobre o porquê de tantos casamentos. Como resposta, obteve que as mulheres morriam majoritariamente no parto. Observando profundamente esta situação, pôde constatar que o problema estava na falta de conhecimento técnico-científico e na deficiência de habilidades das pessoas que cuidavam dessas mulheres, as chamadas parteiras leigas (UVA, 2022).

Nesta mesma época, o médico do Raimundo Nonato Silveira, com pouco mais de um ano de atuação em Sobral como obstetra, observava um número significativo

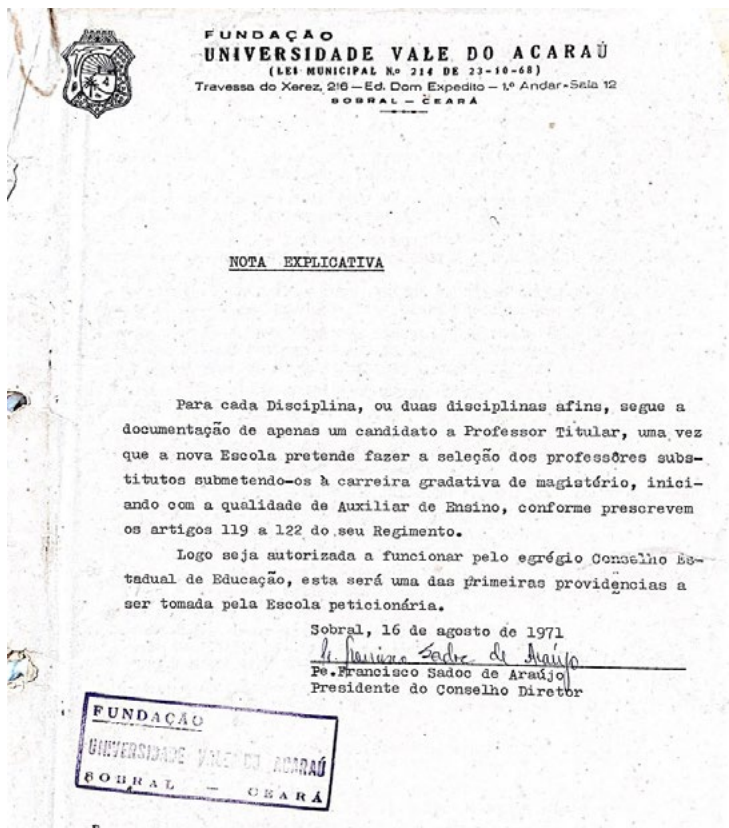


de óbitos de mulheres oriundas das unidades nosocomiais da região norte do estado, em razão de complicações na gestação e no parto e que estes óbitos poderiam estar associados à qualidade da assistência prestada pelas parteiras às gestantes, uma vez que se tratava de uma prática apenas com base empírica. Assim, o referido obstetra e escritor, inquieto com a situação da alta mortalidade materna na região, escreveu um artigo para o jornal *Correio da Semana*, único jornal de circulação local, cujo título foi “Necessidade e Conveniência da Criação da Escola de Obstetrícia de Sobral” (UVA, 2020). Neste artigo, ele chama atenção das autoridades e faz um apelo para a criação de um Curso de Obstetrícia em Sobral. Ressalta-se que, uma conjunção de coincidências aproximava o médico Raimundo Nonato Silveira e o Padre Francisco Sadoc de Araújo. Ambos, se assemelhavam pela mesma percepção sobre a alta mortalidade materna na região e entre outras coisas: o Dr. Silveira, assim como era mais conhecido, já que eram primos e nutriam o gosto pela conversa entre eles.

Sendo assim, o Pe. Sadoc, naquele momento Presidente do Conselho da Fundação Vale do Acaraú, pensou muito longe e delineou uma minuta criando a Faculdade de Obstetrícia de Sobral em 03 de junho de 1971 (UVA, 2022).

## Os Primeiros Passos para a Implantação do Curso de Enfermagem e Obstetrícia – 1972 a 1981

Figura 1– Nota Explicativa para petição do Faculdade de Obstetrícia da UVA, 197.



Fonte: Acervo de documentos históricos da Universidade Estadual Vale do Acaraú (2022).

Além da nota explicativa, acompanhava o processo a relação nominal dos profissionais que iriam compor o corpo docente da Faculdade de Obstetrícia da UVA (Figura 2). Esta relação acompanhava os documentos

de identificação e uma ficha como um currículo mínimo, anexados todos os comprovantes da formação (Figura 3). Além disso, cada proponente ao cargo de docente, assinava um termo de compromisso de Regência (Ex. Figura 4) e apresentava um atestado de idoneidade moral e um de saúde (Figuras 5 e 6).

Figura 2 – Relação de candidatas a professores da Faculdade de Obstetrícia da UVA-1971.

1. Documentação do Dr RAIMUNDO NONATO ALBUQUERQUE SILVEIRA, candidato à docência de "BIOLOGIA" e "ANATOMIA E HISTOLOGIA".
2. Documentação da Dr<sup>a</sup> FRANCISCA VÂNIA BARRETO AGUIAR, candidata à docência de "BIOQUÍMICA" e "NUTRIÇÃO".
3. Documentação do Dr JOSÉ JANDER ROCHA GIPONI, candidato à docência de "ENFERMAGEM OBSTÉTRICA, GINECOLÓGICA E NEO-NATAL" e "GRAVIDEZ, PARTO E PUERPERIO".
4. Documentação do Dr FRANCISCO AMAURI CARNEIRO PAULA PESSOA, candidata à docência de "PATOLOGIA II" (Parasitologia e Microbiologia).
5. Documentação da Dr<sup>a</sup> BENEDITA PESSOA FORTE, candidata à docência de "ENFERMAGEM EM DOENÇAS TRANSMISSÍVEIS" e "ADMINISTRAÇÃO DE SERVIÇOS DE ENFERMAGEM EM MATERNIDADES E DISPENSÁRIOS PRÉ-NATAIS".
6. Documentação do Dr ANTÔNIO DE PÁDUA NEVES, candidato à docência de "INTRODUÇÃO À SAÚDE PÚBLICA" (Epidemiologia, Estatística Vital e Saneamento).
7. Documentação do Dr JOSÉ ARIMATHEA DO MONTE SILVA, candidato à docência de "ENFERMAGEM PSIQUIÁTRICA".
8. Documentação do Pe. FRANCISCO SADOS DE ARAÚJO, candidato à docência de "PSICOLOGIA".
9. Documentação do Pe. JOÃO BATISTA FROTA, candidato à docência de "SOCIOLOGIA".
10. Documentação do Dr ANTÔNIO GUARANY MONT'ALVERNE, candidato à docência de "ENFERMAGEM MÉDICO-CIRÚRGICA" e "ANATOMIA E FISIOLOGIA DO APARELHO GENITAL FEMININO".
11. Documentação do Dr GERARDO MAGELA ARAÚJO PONTELES, candidato à docência de "PATOLOGIA I" (Processos Patológicos gerais e Imunologia) e "ENFERMAGEM MATERNO-INFANTIL".
12. Documentação da Dr<sup>a</sup> FRANCISCA MOREIRA PARENTE, candidata à docência de "ADMINISTRAÇÃO APLICADA À ENFERMAGEM" e "DIDÁTICA APLICADA À ENFERMAGEM".
13. Documentação do Dr JOSÉ HENRIQUE LEAL CARDOSO, candidato à docência de "FISIOLOGIA" e "FARMACOLOGIA".
14. Documentação da Dr<sup>a</sup> MARIA AUXILIADORA DE PAULA RODRIGUES, candidata à docência de "INTRODUÇÃO À ENFERMAGEM" e "EXERCÍCIO DA ENFERMAGEM" (Deontologia e Legislação Profissional).
15. Documentação do Pe. JOSÉ LINHARES PONTES, candidato à docência de "PASTORAL HOSPITALAR".

PSA/ALS

Fonte: Acervo de documentos históricos da Universidade Estadual Vale do Acaraú (2022).

Figura 3 – Ficha com currículo mínimo, 1971.

Fundação UNIVERSIDADE VALE DO ACARAÚ  
(Criada pelo lei Municipal N. 214 de 23.10.68)  
SOBRAL – CEARÁ  
FACULDADE DE OBSTRETRÍCIA DE SOBRAL  
Curriculum vitae de Professores

Disciplina "CIÊNCIAS FISIOLÓGICAS" (Fisiologia e Farmacologia)  
e "PATOLOGIA I" (Processos Patológicos Gerais e Imunologia)  
Curso Obstetrícia

**PROFESSOR:**

Nome DR. JOSÉ HENRIQUE LEAL CARDOSO (Médico)  
Filiação João Martins Leal  
Maria do Monte Leal Cardoso  
Nacionalidade Brasileira  
Data do Nascimento 2 de Maio de 1945

TÍTULOS E DIPLOMAS DO PROFESSOR (Obs. Mencionar o registro no MEC)

1. Médico diplomado pela Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Ceará em 1970.
2. Curso de atualização em Nutrição e Alimentação promovido pela Organização Mundial de Saúde e UFC, realizado em Fortaleza em dezembro de 1970.
3. Curso de Propedêutica Ginecológica realizado sob o patrocínio da Sociedade Cearense de Ginecologia e Obstetrícia em 1969.
4. Curso de Diagnóstico Diferencial de Tumores Ósseos promovido pela Sociedade Brasileira de Patologistas em julho de 1970.
5. Participante do VIII Congresso Brasileiro de Patologia realizado em Fortaleza pela Sociedade Brasileira de Patologistas em julho de 1970
6. Curso de Neuropediatria realizado pela Sociedade Cearense de pediatria e UFC em Fortaleza em janeiro de 1970.
7. Participante do Seminário sobre Pedagogia Médica promovido pela Faculdade de Medicina da UFC em cooperação com a Associação Brasileira de Escolas Médicas em julho de 1970.
8. Curso sobre Psicotrópicos promovido pela AEMEC em colaboração com o Centro Médico Cearense em março de 1970.
9. Curso de Medicina de Urgência promovido pelo Clube Professor Christian Bernard realizado em Fortaleza em 1968.
10. Professor concursado, Auxiliar de Ensino, da disciplina Farmacologia do Dep. de Fisiologia da Faculdade de Medicina da UFC.

ATIVIDADES DIDÁTICAS DO PROFESSOR

1. Auxiliar de Ensino lotado do Dep. de Fisiologia da Faculdade de Medicina da UFC.
2. Monitor do Dep. de Fisiologia da Faculdade de Medicina da UFC durante os anos de 1968, 1969 e 1970.
3. Ministrou aulas no II Curso de Revisão Farmacológica destinado a candidatos a Monitor da Faculdade de Medicina da UFC.
4. Ministrou aulas práticas no I Curso para Formação de Monitores da Faculdade de Medicina da UFC em fevereiro de 1969.

Fonte: Acervo de documentos históricos da Universidade Estadual Vale do Acaraú (2022).

Figura 4 - Termo de compromisso de Regência.

Fundação UNIVERSIDADE VALE DO ACARAÚ  
(Criada pela Lei Municipal N. 214 de 23.10.68)  
SOBRAL - CEARÁ

FACULDADE DE OBSTETRÍCIA DE SOBRAL

Termo de Compromisso de Regência

Pelo presente instrumento, por mim assinado, comprometo-me a exercer o ensino da Disciplinas "FISIOLOGIA" e "FARMACOLOGIA E TERAPIA" do Curso de Obstetrícia da Faculdade de OBSTETRÍCIA DE SOBRAL, Estado do Ceará, de acordo com a Legislação em vigor, os Estatutos da Entidade Mantenedora e o Regimento da Faculdade.

Sobral, (Ceará) 20 de Agosto 1971

José Henrique L. P. Cardoso  
Assinatura do Professor

VISTO

Dr. Francisco Sábio de Araújo  
Presidente da Entidade Mantenedora

Fonte: Acervo de documentos históricos da Universidade Estadual Vale do Acaraú (2022).



Figura 5 – Atestado de idoneidade moral, 1971.

A T E S T A D O   D E   I D O N E I D A D E   M O R A L

Atestamos, para fins de prova junto ao  
Conselho Estadual de Educação (CEE), a Idoneidade Mo-  
ral do Dr. Gerardo Magela Araújo Fonteles.  
Sobral, 23 de Julho de 1971.


Francisco Leomir Fonteles  
Presidente da Câmara Municipal de Sobral

Parinundo Jurek Sobrinho, Juiz de Direito  
Juiz de Direito

[Assinatura]  
Delegado Regional de Polícia


Reconheço verdadeira a assinatura de Francisco  
Leomir Fonteles, Parinundo  
Jurek Sobrinho, e a identidade de  
Gerardo Magela Araújo Fonteles.

Sobral 26 de Julho de 1971.  
Em test. [Assinatura] da verdade  
o Assessor  
[Assinatura]



Fonte: Acervo de documentos históricos da Universidade Estadual Vale do Acaraú (2022).

Figura 6 – Atestado de saúde física e mental. 1971

  
SANTA CASA DE MISERICORDIA  
1808 M. - 25.


ATESTADO DE SANIDADE FISICA E  
MENTAL.

Atestamos, para fins de prova junto ao  
Conselho Estadual de Educação (CEE), que o Dr. Raimundo /  
Nonato Albuquerque Silveira não sofre de moléstia infecto-  
contagiosa, tendo perfeita saúde física e mental.

Sobral, 14 de Agosto de 1971.

Henrique Rodrigues de Albuquerque  
Dr. Henrique Rodrigues de Albuquerque  
CRM 708

Claudio Pessoa Rodrigues de Albuquerque  
Dr. Claudio Pessoa Rodrigues de Albuquerque  
CRM 1254

  
CONSELHO ESTADUAL DE EDUCAÇÃO  
25 de Setembro de 1971  
Rua Manoel Dias, 702  
SOBRAL - CEARÁ

RECONHEÇO as firmas dos doutores que ho-  
jei compareceram e assinaram este atestado  
de saúde física e mental de Dou 16.  
SOBRAL, 19 de agosto de 1971  
Em testemunho da verdade.  
Maria Farias Ferreira  
MARIA FARIAS FERREIRA  
Substituta

Fonte: Acervo de documentos históricos da Universidade Estadual Vale do Acaraú (2022).

Entre os 15 proponentes que compunham o corpo docente para a Faculdade de Obstetrícia: 47% (07) eram médicos, 20% (03) sacerdotes, 13% (02) farmacêuticos, 13% (02) enfermeiras e 7% (01) administradora hospitalar. Observa-se que, quase a metade do corpo docente do Curso era constituído por médicos e poucas enfermeiras. As duas enfermeiras que integravam a relação de professores eram a Irmã Maria Auxiliadora de Paula Rodrigues, religiosa, diplomada na Escola de Enfermeiras N. S. das Graças de Recife, no ano de 1965 e Benedita Pessoa Forte, diplomada pela Escola de Enfermagem São Vicente de Paulo, agregada à Universidade Federal do Ceará, no ano de 1968. Os conteúdos de ensino eram iminentemente voltados para as ciências biológicas, prevalecendo o saber médico.

Com a extinção dos cursos de Obstetriz no Brasil na década de 70, a formação dos obstetrites passou a ser responsabilidade exclusiva das escolas de Enfermagem da época (RIESCO; TSUNECIRO; LEISTER, 2011). Assim, a proposta de um curso de Obstetriz na UVA foi substituída pela instituição, pelo Conselho Diretor da Fundação Vale do Acaraú, da Faculdade de Enfermagem e Obstetrícia de Sobral, oferecendo 60 vagas/anual. Em julho de 1972 foi realizado o primeiro vestibular com 500 inscritos para 60 vagas.

Com a institucionalização da Faculdade de Enfermagem e Obstetrícia, o prof. Raimundo Nonato Silveira foi empossado como o primeiro diretor que permaneceu no período de 1972 a 1978. O segundo e último



diretor da Faculdade foi o Prof. Aloísio Ribeiro da Ponte, que se manteve na função durante o período de maio 1978 a fevereiro de 1984.

A diretoria e a secretaria da Faculdade de Enfermagem e Obstetrícia se fincaram nas antigas instalações da tipografia da UVA, no bairro da Betânia. Uma curiosidade sobre este lugar: o principal mentor da Faculdade, o Cônego Sadoc de Araújo, residia no piso superior e, de lá, acompanhava todos os movimentos e avanços do curso idealizado por ele.

Em 23 de janeiro de 1975, por meio do Decreto Federal de nº. 75.269, a Faculdade de Enfermagem e Obstetrícia de Sobral foi autorizada a funcionar como Faculdade de Enfermagem com habilitação em Obstetrícia com duração de 4 anos, porém, ainda, sem ter o reconhecimento de Conselho Federal de Educação.

**Decreto aprovação do funcionamento do Curso de Enfermagem e Obstetrícia**

*AUTORIZA O FUNCIONAMENTO DA FACULDADE DE ENFERMAGEM E OBSTETRICIA DE SOBRAL, MANTIDA PELA FUNDAÇÃO VALE DO ACARAU-FUVA, COM SEDE NA CIDADE DE SOBRAL, ESTADO DO CEARA.*

*DECRETO Nº 75.269, DE 23 DE JANEIRO DE 1975*

*Autoriza o funcionamento da Faculdade de Enfermagem e Obstetrícia de Sobral, mantida pela Fundação Vale do Acaraú - FUVA, com sede na cidade de Sobral, Estado do Ceará.*

*O PRESIDENTE DA REPÚBLICA, usando das atribuições que lhe confere o artigo 81, item III, da Constituição, de acordo*

*com o artigo 47, da Lei nº 5.540, de 28 de novembro de 1968, alterado pelo Decreto-lei nº 842, de 9 de setembro de 1969, conforme consta do Processo nº 233.412-72 do Ministério da Educação e Cultura,*

*DECRETA: Art 1º Fica autorizado o funcionamento da Faculdade de Enfermagem e Obstetrícia, de Sobral, com habilitação em Enfermagem Obstétrica, mantida pela Fundação Vale do Acaraú - FUVA, com sede cidade de Sobral, Estado do Ceará.*

*Art 2º Este Decreto entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário (BRASIL, 1975).*

Para a implantação da Faculdade de Enfermagem e Obstetrícia, foram essenciais as participações dos médicos Raimundo Albuquerque Silveira e José Henrique Leal Cardoso, um ex-seminarista e amigo do Pe. Sadoc de Araújo. Ambos foram incumbidos de organizar as primeiras aulas das disciplinas básicas para a Obstetrícia, bem como as aulas de bioquímica, farmacologia, fisiologia, anatomia, histologia, genética e outras. No início do curso, alguns médicos e farmacêuticos da Universidade Federal do Ceará, em Fortaleza, foram convidados para ministrarem as aulas, que sempre ocorriam em finais de semana.

Para o ensino dos estudos de anatomia, foi criado o primeiro laboratório de anatomia. A Universidade Federal de Pernambuco fez a doação de um arsenal de peças anatômicas do corpo humano e um cadáver. Essa doação foi intermediada pelo Cônego Joviniano de Loiola, diretor

da Faculdade de Pedagogia na época e irmão do Reitor da instituição doadora. As peças chegaram em conservação por meio da formalização e foram mantidas nestas mesmas condições em uma sala que havia sido preparada, anteriormente, com bancadas, revestimento em azulejos e próxima às salas de aulas do Curso.

Em sua origem, o Curso de Enfermagem da UVA conta também com um conjunto de eventos, desencadeados desde à criação da Universidade Vale do Acaraú até a sua concretização como uma universidade pública de hoje. Em 1968, por iniciativa do Cônego Francisco Sadoc de Araújo e com o apoio de vários sobralenses foi criada a Universidade Vale do Acaraú. A sua criação foi sancionada pelo Prefeito de Sobral, Jerônimo de Medeiros Prado, por meio da Lei Municipal nº 214 de 23/10/1968, o que a tornou uma Autarquia Municipal. Essa categoria administrativa foi importante para a implantação do Curso de Enfermagem e Obstetrícia, que carecia de recursos para sua manutenção, inclusive para o pagamento dos seus professores, embora alguns ministrassem as aulas como voluntários.

Em 1984, por meio da Lei nº 10.933 de 10/10/1984, o Poder Executivo Estadual cria, sob a forma de Autarquia, a Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA). O próximo capítulo apresenta, com detalhes, os processos da encampação da UVA pelo estado e o quanto estes processos foram importantes para a consolidação do Curso de Enfermagem, bem como de outros cursos.

## **O reconhecimento do Curso de Enfermagem e Obstetrícia pelo Ministério da Educação e Cultura**

Em 8 de novembro de 1979, o processo de 2.801/78, originário da Câmara de Ensino Superior, foi acolhido e aprovado pelo Conselho Federal de Educação, com parecer de Nº 1.536/79, o reconhecimento do Curso de Enfermagem e Obstetrícia com habilitação em Enfermagem e Enfermagem Obstétrica, com 60 vagas totais anuais, mantida pela Fundação Vale do Acaraú, com sede em Sobral. Em 18 de dezembro de 1979, através da Portaria no 1.226 do Ministério da Educação e Cultura – MEC, o Curso de Enfermagem e Obstetrícia foi reconhecido pelo Conselho Federal de Educação com o currículo mínimo de formação básica em enfermagem em sete semestres e um semestre para habilitação em obstetrícia.

Para o reconhecimento do Curso de Enfermagem e Obstetrícia perante o Conselho Federal de Educação, constavam no processo quarenta e cinco títulos de candidatos a professores no Curso de Enfermagem e Obstetrícia. Após análise das fichas e respectivos currículos, apenas 27 títulos foram aprovados para 23 docentes ministrarem as disciplinas da grade curricular do curso. Os 23 docentes aprovados eram distribuídos com as seguintes categorias: médicos (09), enfermeiras (05), farmacêuticos bioquímicos (02), sacerdotes -sociólogos (3), administradora hospitalar (01), educadora física (01), engenheiro agrônomo (01) e pedagogo (01), como constam em tabela a seguir.

Tabela 1 – Lista do corpo docente de 1979.

1	Aloisio Ribeiro da Ponte (Médico) - Ciências do Comportamento e Enfermagem Psiquiátrica; Fisiologia, Farmacologia e Psicologia – Saneamento e Saúde da Comunidade;
2	Antonio de Pádua Neves (Médico) – Introdução à Saúde Pública, Enfermagem em Doenças Transmissíveis e Ciências Fisiológicas;
3	Davi Helder de Vasconcelos (Farmacêutico Bioquímico) – Patologia e Ciências Fisiológicas; Bioquímica, Microbiologia e Parasitologia;
4	Diogo Honório Gomes Parente (Farmacêutico Bioquímico) – Patologia e Ciências Fisiológicas;
5	Francisca Moreira Parente (Administradora Hospitalar) - Administração Hospitalar – Administração Aplicada à Enfermagem – Administração de Serviços de Enfermagem em Maternidade e Dispensa Pré-natais;
6	Francisco de Assis Fonteles (Engenheiro Agrônomo) – Estatística Vital;
7	Pe. José Linhares Ponte (Sacerdote e Sociólogo) – Ciências do Comportamento;
8	Antônio Monte Costa (Médico) – Citologia, Genética e Estatística Vital;
9	Francisco Xavier de Lima Sobreira (Médico) - Patologia e Biologia;
10	José Aurelio Ponte Dias (Médico) - Anatomia, Histologia e Citologia;
11	Maria Albertina Rocha Diógenes (Enfermeira) – Enfermagem Psiquiátrica. Introdução à Enfermagem e Deontologia Médica e Legislação Profissional;
12	Maria Graciema Daniel Silveira (Enfermeira) – Administração Aplicada à Enfermagem Hospitalar, Exercício de Enfermagem, Didática Aplicada à Enfermagem e Enfermagem Psiquiátrica;

13	Maria Zélia Pereira (Enfermeira)– Enfermagem Obstétrica, Fundamentos de Enfermagem e Administração Aplicada à Enfermagem; Administração de Serviços de Enfermagem em Maternidades e Dispensa Pré-Natais - Administração Aplicada à Enfermagem;
14	Mary Guerra Pinheiro (Enfermeira) - Enfermagem Psiquiátrica, Enfermagem em Doenças Transmissíveis e Enfermagem Neonatal;
15	Manoel Dimas Rocha de Oliveira (Médico) – Fisiologia, Citologia e Farmacologia;
16	Oton Oliveira Garcia (Médico) – Patologia, Introdução à Saúde Pública e Saneamento e Saúde da Comunidade;
17	Raimundo Nonato Albuquerque Silveira (Médico) – Ciências Morfológicas, Enfermagem Obstétrica, Ginecologia e Neonatal, Gravidez, Parto e Puerpério;
18	Rogena Weaver Noronha Brasil (Enfermeira) - Introdução à Saúde Pública, Enfermagem Materno-Infantil e Enfermagem em Doenças Transmissíveis; Introdução à Enfermagem Médico -Cirúrgica e Enfermagem Materno-Infantil;
19	Wagner de Goes Horta (Médico) – Processos Patológicos, Parasitologia, Imunologia e Epidemiologia -Ciências Morfológicas e Ciências Fisiológicas;
20	Jose Ednardo Albuquerque Silveira (Pedagogo) – Estudo de Problemas Brasileiros – Parecer nº 677/78 – CFE;
21	Ligia Costa Coelho (Educadora Física) – Educação Física – Parecer nº 2.138/77 CFE;
22	Raimundo Caciano Feijão (Sacerdote e Sociólogo) - Estudo de Problemas Brasileiros – Parecer nº 2.138/77 – CFE;
23	Conego Joviniano Loiola Sampaio (Sacerdote e Sociólogo) - Estudo de Problemas Brasileiros Parecer 2.138/77 – CFE

Fonte: Documento 228, Brasília, 1979

Até 1993, a composição dos docentes do Curso de Enfermagem e Obstetrícia era, predominantemente, formada por médicos e os conteúdos de ensino estavam mais voltados para áreas das ciências biológicas, prevalecendo o saber médico. Em 1994, a UVA lançou o primeiro edital de um concurso com dez vagas para professores efetivos, na categoria de enfermeiros. A inserção de 10 professoras enfermeiras provocou uma grande mudança no perfil do corpo docente do Curso, o que acabou gerando o aprofundamento nas discussões em torno dos conteúdos necessários à formação do enfermeiro.

Em 1996, foi implantado o novo currículo de Enfermagem com uma concepção pedagógica baseada na seleção de conteúdos programáticos a partir do quadro sanitário e perfil epidemiológico local; nas integrações interdisciplinares e no trabalho em equipes multiprofissionais; buscando inserir os alunos nos diversos níveis de atenção à saúde o mais cedo possível, além de excluir a habilitação em Obstetrícia como forma de inserir os conteúdos destas na formação do enfermeiro, para assegurar sua integralidade e evitar precoces especializações. Neste currículo constavam 272 créditos, perfazendo um total de 4.080 h/a, distribuídas em 09 semestres, sendo o último ano destinado aos Estágios Supervisionados e apresentação de Monografias (UVA, 2017).

## **As primeiras turmas – 1972 – 1982**

No período de 1972 a 1982 foram graduados 166 enfermeiros. A colação de grau da primeira turma ocorreu dentro de uma solenidade de sessão extraordinária da Faculdade de Enfermagem e Obstetrícia de Sobral, no Teatro São João, em 31 de julho de 1976, com 28 concludentes. O orador da turma foi o concludente José Haroldo Lopes Barrocas. Foram homenageados pela turma: o professor José Parsifal Barroso (nome da Turma), o Governador José Aduino Bezerra (patrono), o Coronel Luciano Thebano Barreto Lima (paraninfo) e o professor Raimundo Nonato Silveira Albuquerque (diretor). Receberam menção de gratidão especial: Cônego Francisco Sadoc de Araújo (presidente do Conselho Diretor da UVA), José Linhares Ponte (administrador da Santa Casa), Dom Walfrido Teixeira Vieira (Bispo Diocesano), Dr. Claudio Martins (Presidente do Conselho Estadual de Educação) e o deputado João Frederico Ferreira Gomes. Agradecimentos especiais foram dirigidos aos prefeitos Jeronimo Medeiros Prado (Criação da UVA) e Joaquim Barreto Lima (Criação da Escola).

Os concludentes da primeira turma do Curso de Enfermagem e Obstetrícia (1972-1976), foram: Abdoral Vieira Gomes, Antonia Vilma da Silva, Benedito Arruda Carneiro, Danilo Lopes Barrocas, Eduardo Vasconcelos da Frota, Euclides Carmo Gomes, Eurides Maria Veras Parente, Francisco das Chagas Aragão Feijó, Francisco Eudásio Barros, Francisco Martins Andrade, Gerardo



Magela Vasconcelos, Helio Moreira Lima, José Alves de Aragão, José Maria Lira Cavalcante, José Olimar Magalhaes Carneiro, José Ramiro Araújo, João Udine Vasconcelos, Luis Braga Filho, Luis Carlos Damasceno de Albuquerque, Maria das Graças L. de Araújo, Maria de Lourdes Alves, Maria Hildelea Lopes Carneiro, Norma Braga Moura, José Haroldo Lopes Barrocas (orador), Paula Vanessa Rodrigues, Rose Mary de Lavor Benigno, Sanzio Rodrigues de Araújo e Vitória Regia Mont'Alverne Arruda

Os formandos, até o ano de 1979, encontraram muitas dificuldades para atuarem na profissão. Além da escassez de postos de trabalho na região, eles eram impedidos de trabalharem por não possuírem o registro no Conselho Regional de Enfermagem (Coren). Esta situação perdurou até o reconhecimento do Curso pelo MEC em 1979. Muitos enfermeiros migraram para outras regiões do Brasil, onde havia muita carência desses profissionais e os conselhos regionais de enfermagem não fiscalizavam com a mesma intensidade que o Ceará, ou seja, muitos acabavam atuando na clandestinidade em relação às instituições reguladoras da profissão.

Com o reconhecimento do Curso Enfermagem pelo MEC, novos horizontes se abriram para os profissionais enfermeiros egressos da UVA. Aos poucos foram assumindo postos de trabalho em todo interior do Ceará, especialmente da região norte estado. Com o passar do tempo, o trabalho e as competências da categoria passaram

a ser reconhecidas como estratégicas na liderança das equipes de enfermagem e no cuidado em saúde em diversas unidades hospitalares e em postos de saúde pública.

De acordo com Machado *et al.* (2016), a expansão de postos de trabalho de enfermagem no Brasil se desenvolveu, nos últimos anos, a partir de um contexto demográfico, econômico, social e político de crescentes demandas por serviços de saúde. A criação do Sistema Único de Saúde (SUS) em 1988, novas estratégias em busca da efetiva implantação dos princípios doutrinários e operacionais da atual política de saúde foram propostas pelo governo e adotadas pelos serviços estatais, tais como o Programa de Agentes Comunitários de Saúde (PACS), em 1991, e o Programa de Saúde da Família (PSF), em 1994 (PEREIRA; ALVES, 2004). O Ceará foi um dos estados pioneiros do Brasil na organização dos seus sistemas locais de saúde, proporcionando a implantação do PACS e do PSF em quase todos os seus municípios (ÁVILA, 2011; COSSEMS, 2007).

Neste contexto, o enfermeiro como membro da equipe de Saúde da Família passou a ter importante papel na implantação e na condução tanto do PACS quanto do PSF (hoje Estratégia Saúde da Família), em todo o território cearense, levando a uma forte expansão do mercado de trabalho para os profissionais de enfermagem.

A proposta do atual Projeto Pedagógico do Curso de Graduação em Enfermagem da UVA - 2020, busca acompanhar as transformações da profissão, do ensino,

do mercado de trabalho e, principalmente, atender as necessidades e demandas de saúde da população evidenciadas pela mudança no seu perfil demográfico-epidemiológico, valorizando as dimensões sociais e psicológicas do processo saúde-doença vivenciado pelo indivíduo ou pelo coletivo.

## **Referências**

ÁVILA, Maria Marlene Marques. Origem e evolução do programa de Agentes Comunitários de Saúde no Ceará. *Revista Brasileira em Promoção da Saúde*, v. 24, n. 2, p. 159-168, 2011.

BRASIL. PORTAL DE LEGISLAÇÃO. *Decreto nº 75269 de 23/01/1975 / PE - Poder Executivo Federal*. (D.O.U. 24/01/1975). Disponível em: <https://www.diariodasleis.com.br/legislacao/federal/58894-autoriza-o-funcionamento-da-faculdade-de-enfermagem-e-obstetricia-de-sobral-mantida-pela-fundauuo-vale-do-acarau-fuva-com-sede-na-cidade-de-sobral-estado-do-ceara.html>. Acesso em 31 de jul.2022.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. *Departamento de Análise de Situação em Saúde*. Guia de vigilância epidemiológica do óbito materno. 2009.

BRASIL. *Sistema de Informação em Saúde*. Brasília: DF, 2021. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/composicao/svs/vigilancia-de-doencas-cronicas-nao-transmissiveis/sistemas-de-informacao-em-saude>. Acesso em: 31 de jul. 2022.

CARREGAL, Fernanda Alves dos Santos et al. Resgate histórico dos avanços da Enfermagem Obstétrica brasileira. História da enfermagem. *Revista eletrônica*, p. 123-132, 2020. Disponível em: <http://here.abennacional.org.br/here/v11/n2/a4.pdf>. Acesso em: 31 de jul. 2022.

COSSEMS. Ceará: Conselho de Secretarias e Secretários Municipais de Saúde do Ceará. *Revista Sustentação*, v. 1, p 1-82, 2007. Disponível em: <https://www.cosemsce.org.br/revista/sustentacao-42.pdf>. Acesso em: 23 de jul. de 2022.

MACHADO, Maria Helena *et al.* Mercado de trabalho em enfermagem no âmbito do SUS: uma abordagem a partir da pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil. *Divulgação em Saúde para Debate*, v. 56, p. 52-69, Rio de Janeiro, 2016. Disponível em: [https://docs.bvsalud.org/biblioref/2019/04/884409/mercado-de-trabalho-em-enfermagem-no-ambito-do-sus-uma-abordage\\_Uir6lGY.pdf](https://docs.bvsalud.org/biblioref/2019/04/884409/mercado-de-trabalho-em-enfermagem-no-ambito-do-sus-uma-abordage_Uir6lGY.pdf). Acesso em: 23 de jul. de 2022.

MONT'ALVERNE, José Ronaldo. *História da Medicina de Sobral*. Dos primórdios à Faculdade de Medicina. 2011.

OMS. Organização Mundial da Saúde. *Classificação estatística internacional de doenças e problemas relacionados à saúde*: Centro Colaborador da OMS para a Classificação de Doenças, em português. São Paulo, 1995.

OPAS. Organização Pan-Americana da Saúde. *Morte Materna*. 2022. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/node/63100>. Acesso em: 31 de jul. 2022.

PEREIRA, Cláudia Maria de Oliveira; ALVES, Marília. A participação do enfermeiro na implantação do programa de saúde da família em Belo Horizonte. *Revista Brasileira de Enfermagem*, v. 57, p. 311-315, 2004. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/reben/a/DdMw5MPPYJSc-NSNJmLwdyWC/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 24 de jul.2022.

RIESCO, Maria Luiza Gonzalez; TSUNECHIRO, Maria Alice; LEISTER, Nathalie. Escola de obstetrícia da Universidade de São Paulo: a história contada no livro de atas (1912-1970). *Texto & Contexto-Enfermagem*, v. 20, p. 164-171, Florianópolis, 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tce/a/P4KgLKwsydwh5Y6p8KJYs8k/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 24 de jul.2022.

SOUSA, Maria Helena de et al. Sistemas de informação em saúde e monitoramento de morbidade materna grave e mortalidade materna. *Revista Brasileira de Saúde Materno Infantil*, v. 6, p. 161-168, 2006.

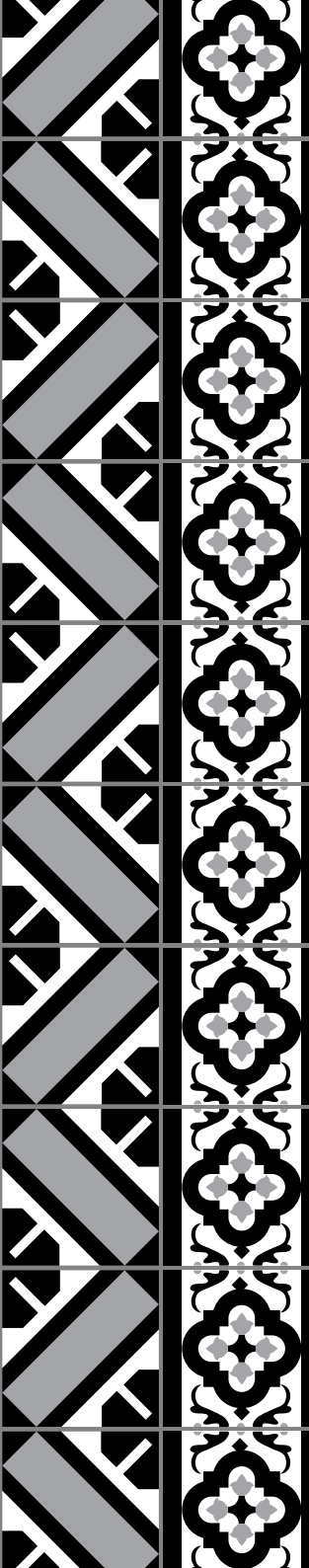
Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA). *Cursos de Graduação - Enfermagem - Concepção do curso*. Sobral, 2022. Disponível em: [http://www.uvanet.br/cursos/texto\\_curso.php?id\\_coordenacao=8&campo=concepcao](http://www.uvanet.br/cursos/texto_curso.php?id_coordenacao=8&campo=concepcao). Acesso em: 17 de ago. 2022.

Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA). *Projeto Pedagógico do Curso de Enfermagem da UVA*. Curso de Enfermagem Curso de Enfermagem. Sobral, Ceará. 2017. 363p.

Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA). *Projeto Pedagógico do Curso de Enfermagem da UVA- 2020*. Curso de Enfermagem Curso de Enfermagem. Sobral, Ceará, 2020. 458p.

Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA). *História da Fundação Universidade Estadual do Vale do Acaraú*. Disponível: <http://www.uvanet.br/> Acesso em 17 de ago. 2022.





A Escola de  
Obstetrícia  
do Semiárido  
Cearense: a  
Caminhada  
do Curso de  
Enfermagem  
da UVA

*Cibelly Aliny Siqueira Lima Freitas*  
*Eroteíde Leite de Pinho*  
*Maria Alzeni Coelho Ponte*  
*José Vilson Barreto Araújo*  
*Manoel Alves Teixeira*  
*Rosana Solon Tajra*



# **A Escola de Obstetrícia do Semiárido Cearense: A Caminhada do Curso de Enfermagem da UVA**

Cibelly Aliny Siqueira Lima Freitas

Eroteíde Leite de Pinho

Maria Alzeni Coelho Ponte

José Wilson Barreto Araújo

Manoel Alves Teixeira

Rosana Solon Tajra

## **Contando a trilha para fazer memória da história**

O texto aqui apresentado intenta trazer reflexões sobre as contribuições da Universidade Estadual Vale do Acaraú na formação de enfermeiras(os) obstétricas(os) durante a segunda década de implantação do Curso de Enfermagem (1983-1992) para minimizar a morbimortalidade materna na Região Norte do estado do Ceará.

Para tanto, realizamos leituras do rico acervo da Biblioteca Central da UVA de importantes autores e atores que protagonizaram a criação e a expansão da Universidade, chamada de “menina” pelo Padre Francisco Sadoc de Araújo, primeiro Reitor da UVA. Era assim que ele gostava de se referir à universidade. O professor José Edinardo Albuquerque Silveira, professor emérito da UVA e fundador da Faculdade de Educação de Sobral – Curso de Pedagogia, foi um “gigante” que colaborou nos processos

de autorização de muitos cursos da universidade, bem como seu reconhecimento e regularização junto ao Conselho Estadual de Educação e o professor José Teodoro Soares, Reitor da UVA e reconhecido por muitos que com ele conviveu, “pela mente e mãos aplicadas” esteve na incansável batalha pela causa do povo sobralense.

Além disso, consultamos os Projetos Políticos Pedagógicos do Curso de Enfermagem disponíveis na coordenação e as matrizes curriculares ofertadas na segunda década de implantação do Curso, que se encontram sob guarda da Pró-reitoria de Ensino e Graduação, as quais utilizamos como referência para subsidiar as reflexões sobre a formação de profissionais com habilitação em obstetrícia.

Ressaltamos ainda a realização de conversas informais com enfermeiras(os) egressas(os) da UVA da época e que se dedicaram ao exercício docente formando a expressiva massa trabalhadora da Enfermagem do semiárido cearense e que hoje se encontra (re)fazendo história nos lugares mais longínquos do Brasil.

Vamos agora fazer memória de atores, fatos e atos marcantes da história do Curso de Enfermagem da UVA, a primeira Escola de Obstetrícia da região norte do Ceará.

## **O nascimento da Escola de Obstetrícia no Semiárido Cearense**

A Fundação Universidade Estadual do Vale do Acaraú constitui um órgão da Administração Pública Indireta do Estado do Ceará sob a formação de Fundação

Pública, com personalidade de Direito Público, vinculada à Secretaria de Ciência, Tecnologia e Educação Superior do estado do Ceará (SECITECE), conforme Lei Estadual nº 12.077-A, de 01 de março de 1993.

Na década de 60, nascia a Universidade Vale do Acaraú, criada por meio da Lei Municipal nº 214 de 23 de outubro de 1968, sancionada pelo Prefeito de Sobral, Jerônimo de Medeiros Prado. Em 1984, dezesseis anos depois de sua criação, o Poder Executivo Estadual por meio da Lei nº 10.933 de 10 de outubro de 1984 cria, sob a forma de Autarquia, a Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA), vinculada à Secretaria de Educação, dotada de personalidade jurídica de direito público e autonomia administrativa, financeira, patrimonial, didática e disciplinar, com sede no Município de Sobral e jurisdição em todo o Estado do Ceará. Com a criação da Autarquia são encampadas as Faculdades de Ciências Contábeis, Enfermagem e Obstetrícia, Educação e de Tecnologia, que compunham a antiga Fundação Universidade Vale do Acaraú, e a Faculdade de Filosofia Dom José, pertencente a Diocese de Sobral (UVA, 2022).

A criação da Faculdade de Enfermagem e Obstetrícia da Fundação Vale do Acaraú em 1971, hoje Curso de Enfermagem, se deu pelas reflexões do primeiro Reitor da Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA), Padre Francisco Sadoc de Araújo. Em seus estudos sobre a genealogia das famílias sobralenses, identificou diversos casos de homens que haviam casado mais de

uma vez, porque suas mulheres evoluíam para óbito por complicações no parto.

Neste mesmo ano, o médico Raimundo Nonato Albuquerque Silveira, natural de Massapê, Ceará, observou, em seu cotidiano de trabalho, um número significativo de óbitos de mulheres oriundas das unidades nosocomiais da Região Norte do Estado, em razão de complicações na gestação e no parto, que poderiam estar associadas a assistência prestada pelas parteiras às gestantes, uma vez que se tratava de uma prática apenas com base empírica.

Em conversas com Aloísio Ponte, professor aposentado do Curso de Enfermagem, o referido médico Raimundo Silveira, inquieto com o contexto da mortalidade materna na região norte, escreveu um artigo para o jornal Correio da Semana “Necessidade e Conveniência da Criação da Escola de Obstetrícia de Sobral”. Esse documento retratava os desafios vivenciados na assistência ginecológica e obstétrica junto às mulheres dos municípios circunvizinhos à Sobral-Ceará, bem como a necessidade de termos profissionais com uma formação técnico-científica para assistir as mulheres durante o ciclo gravídico puerperal.

As reflexões do Padre Sadoc e observações do médico Raimundo Silveira somadas ao contexto sociodemográfico e epidemiológico da época, bem como do movimento de inserção da formação em obstetrícia nos currículos de Enfermagem foram essenciais para a fundação de uma Escola de Obstetrícia em Sobral, Ceará, que oportunizasse

a formação de profissionais na área da obstetrícia e, assim, transformasse a realidade da assistência materna-infantil na região norte do Ceará.

Na época, a divulgação da abertura da Faculdade de Obstetrix em Sobral provocou reação contrária na corporação médica, que se sentiu ameaçada e afirmava que o Curso era ilegal, segundo informações do professor Aloísio Ponte. Dessa forma, o Curso foi rotulado com muitos adjetivos depreciativos pela elite sobralense, bem como os primeiros profissionais egressos do referido Curso, os quais eram graduados em Enfermagem com habilitação em Obstetrícia.

Além das discussões corporativistas, havia dificuldade de implantação por questões burocráticas. Dentre os entraves para funcionamento do Curso, conforme exigências do Conselho Federal de Educação (CFE) e dos órgãos representantes da profissão de enfermagem, citamos: (1) carência de professores enfermeiros na região; (2) inexistência de laboratórios estruturados para realização de práticas; (3) carência de cenários de prática das disciplinas básicas e profissionalizantes; (4) falta de acervo bibliográfico específico da área e (5) dificuldades financeiras para melhoria do curso, o qual era mantido pelo recurso oriundo das mensalidades dos estudantes.

Pe. Sadoc e o médico Raimundo Silveira comentaram a dificuldade de se estruturar o Laboratório de Anatomia. Destacaram que os ossos eram conseguidos com os coveiros e as primeiras peças anatômicas foram

doadas pela Universidade Federal do Ceará (UFC) e pela Universidade Federal de Pernambuco (UFP). O transporte dos cadáveres de Recife à Sobral foi realizado pessoalmente pelo ginecologista-obstetra Raimundo Silveira, o qual menciona que correu risco de prisão, pois transportava as peças anatômicas sem documentação que autorizasse a doação.

Assim, a ousadia desses atores levou a criação do Curso de Enfermagem – Bacharelado, terceiro curso criado na Universidade, então Autarquia municipal, que teve seu primeiro vestibular em julho de 1972, sendo ofertadas 60 vagas/ano, onde os primeiros alunos concluíram em 1976. A autorização para funcionar ocorreu em 23 de janeiro de 1975, pelo decreto nº 75.269 como Curso de Enfermagem com habilitação em obstetrícia, tendo duração de quatro anos. No entanto, somente em 1979 foi reconhecida pelo Conselho Federal de Educação, por meio da Portaria nº 1.226 do Ministério da Educação e Cultura (MEC), publicado no Diário Oficial da União em 18.12.79 (UVA, 2002). Salientamos que o médico Raimundo Nonato Albuquerque Silveira foi diretor e professor da Faculdade de Enfermagem de Sobral, Ceará, durante aproximadamente 10 anos, no período de maio de 1972 a fevereiro de 1983.

Vale ressaltar que se trata de uma escola de obstetrícia em Sobral-Ce, na década de 70, tempo em que as profissões de enfermeira, parteira, obstetriz e enfermeira obstétrica em sua origem, formação e exercício profissional em um contexto de plena discussão no Brasil sobre es-

tes temas. Nesse contexto, intentamos nas próximas páginas apresentar a matriz curricular do Curso na década de 80 fazendo um diálogo com a literatura e trazendo importantes reflexões sobre a formação de enfermeiras obstetras no país.

## **Legalização da Faculdade de Obstetrícia de Sobral, Ceará**

O Curso de Enfermagem com habilitação em obstetrícia foi autorizado a funcionar no dia 23 de janeiro de 1975 pelo decreto nº 75.269, porém, somente em 1979 foi reconhecida pelo Conselho Federal de Educação, através da portaria nº 1.226 do MEC publicado no Diário Oficial da União em 18.12.79 (UVA, 2002).

O processo mais desafiador da história da Faculdade de Enfermagem foi o seu reconhecimento pelo Conselho Federal de Educação (CFE). O médico Raimundo Silveira relata que o êxito para o reconhecimento do Curso foi um trabalho pessoal do Senador Pasfal Barroso, o qual orientou e se envolveu pessoalmente na luta e negociação com o MEC. Em 1984, a Fundação Vale do Acaraú foi encampada no Governo Gonzaga Mota, tornando-se Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA) sob Autarquia do Estado, conforme Lei nº 10.933, de 10 de outubro de 1984, a qual define:

Cria sob forma de Autarquia, a Universidade Estadual Vale do Acaraú, vinculada à Secretaria de Educação. Ficam encampadas pela UVA, a Faculdade de Enfermagem e

Obstetrícia, a Faculdade de Educação, a Faculdade de Tecnologia, como também a Faculdade de Filosofia da Diocese de Sobral e por ela mantida, sob a anuência da Diocese de Sobral, a partir da lei Municipal nº 11 de 31 de maio de 1984. (BRASIL, 1984)

Assim, a Universidade passa a ser uma instituição pública estadual e os professores que já lecionavam na instituição e tiveram seus currículos aprovados pelo Conselho Estadual de Educação (CES) foram incorporados como funcionários públicos estaduais.

No que diz respeito ao primeiro vestibular deste Curso, em 1972, a professora Lourdes Alves afirma que foram ofertadas 60 vagas, onde todos realizaram matrícula. As aulas do curso ocorriam na sala que atualmente é o Departamento de Recursos Humanos da UVA. O curso tinha duração de quatro anos (oito semestres), perfazendo uma carga horária de 3.120 horas conforme podemos constatar na primeira matriz curricular do Curso, em anexo. Neste currículo havia conteúdos voltados às áreas de obstetrícia, ginecologia e neonatologia, especialmente nos 7º e 8º semestres.

No que se refere às disciplinas básicas, estas eram ministradas por alguns professores da UFC que lecionavam em Fortaleza, no Curso de Medicina, e que eram convidados pelo médico Raimundo Silveira para ensinar durante os fins de semana (sexta-feira à noite, sábado e domingo), tais como: Dr. Henrique Leal, Dr. Benito Carneiro, Dr. Júlio Maria, Dr. José Ricamonte Capelo, entre outros. Os demais



professores eram médicos e bioquímicos que residiam e trabalhavam em Sobral, os quais disponibilizavam suas bibliotecas e seus laboratórios para realização das aulas práticas, a saber: Dr. Jander Giffoni, Dr. Raimundo Silveira, Dr. Amaury Moura Câmara, Dr. Otton Alencar, Dr. Diogo Honório Gomes Parente, entre outros.

Salientamos que, alguns anos depois, as primeiras professoras enfermeiras foram Ana Dália, Nelcinéia Macedo e Graciema. Os estágios ocorriam no período diurno na Santa Casa de Misericórdia de Sobral, nos Postos de Saúde de Sobral, Casa de Repouso Guararapes e Abrigo Sagrado Coração de Jesus. As aulas teóricas ocorriam no período noturno no Campus Betânia (antigo Seminário Diocesano de Sobral).

Tendo em vista que a maior dificuldade de manutenção do curso era a carência de professores Enfermeiros, na medida em que os estudantes se formavam, os que tinham destaque durante a graduação, eram convidados para comporem o corpo docente.

## **Passos para a consolidação do Curso de Enfermagem**

O primeiro Reitor foi o Pe. Sadoc, permanecendo até 1990. Em seguida, o Reitor José Teodoro Soares permaneceu de 1990 a 2005. Em 2006, assumiu o Reitor Antonio Colaço Martins, o qual está em exercício. O primeiro Diretor foi Dr. Raimundo Nonato Silveira, que assumiu no período de 1972 a 1978. O segundo e último

diretor da Faculdade foi Dr. Aloísio Ribeiro da Ponte. A partir de 1990, na administração do Reitor José Teodoro Soares, as Faculdades se desmembraram em Cursos e Diretorias de Centro, tendo como primeiro diretor o Dr. Luiz d'Ascensão Aquino Filho e primeiro coordenador do Curso de Enfermagem e Obstetrícia, o Prof. Vilson Barreto que ficou até 1996.

Considerando a linha do tempo em que nos propomos escrever neste capítulo, resgatamos um breve histórico das gestões do Prof. Aloísio Ponte e do Prof. Vilson Barreto.

### **A gestão do professor Aloísio Ponte**

Diante das dificuldades na contratação de professores para que lecionassem no curso, Dr. Aloísio Ponte afirma que na época convidou vários alunos egressos para lecionarem no curso, os quais citamos: Enf. Manoel Alves Teixeira, Enfa. Lourdes Alves, Enfa. Glória Maria Morais, Enfa. Fátima Francelino, Enfa. Maria Alzenir Coelho; Irmã Dorotéia (Enfermeira), Enfa. Socorro Monte, Enfa. Benedita Ferreira Gomes, Enf. Meton Vasconcelos, Enf. Vilson Barreto, entre outros. Os currículos desses Enfermeiros foram encaminhados ao Conselho Federal de Educação para que estes pudessem receber autorização para lecionar no curso.

Na organização da Faculdade havia um Diretor e um secretário para as questões burocráticas mais específicas da Enfermagem. Prof. Aloísio Ponte comenta que:

*“O Enf. Meton Vasconcelos foi o primeiro Secretário do Curso de Enfermagem. Esse cargo tinha a função de fazer declaração, certidão, fazer parte das reuniões da congregação, assinar todos os certificados junto ao diretor. [...] Convidei porque, como aluno, ele era dinâmico e interessado”.*

## **A gestão do professor Vilson Barreto**

O Prof. Vilson Barreto foi coordenador do Curso de Enfermagem no período de 1990 a 1996. Durante esse período, aconteceram algumas mudanças estruturais organizativas e uma curricular no Curso de Enfermagem e Obstetrícia da UVA. Em 1991, criou-se o sistema de pré-requisitos, onde as disciplinas foram postas num certo sistema de organização por ordem crescente de complexidade, por semestres, nos quais os estudantes teriam suas habilidades adquiridas de maneira estruturada. Com isso, houve a ampliação do tempo do curso para dez semestres, dos quais os dois últimos eram voltados para a habilitação em obstetrícia (TEOFILO, 2006).

Em 1992, começou a ocorrer dois vestibulares por ano com 30 vagas cada, sendo um noturno e outro diurno. No ano seguinte, foi realizada uma avaliação de desempenho entre as turmas, que demonstrou que os alunos do diurno tinham um rendimento 60% melhor que o noturno. O professor Vilson Barreto relata que esse processo avaliativo padronizou o vestibular, onde os estudantes podiam se dedicar somente ao Curso de Enfermagem.

Depois da encampação em 1984, o concurso público mais expressivo foi de 1994, com aprovação de 10 docentes enfermeiros, oito destes assumiram e no decorrer dos anos só permaneceram quatro.

A história nos apresenta um cenário de muitos desafios para a implantação e consolidação do Curso de Enfermagem da UVA, o qual se configura neste ano do seu Jubileu um importante equipamento público estadual de formação da massa trabalhadora de enfermeiros aptos para atuar em todos os níveis de atenção à saúde, com senso crítico e escuta sensível para avaliar e atuar em contextos sociais da vida cotidiana e do trabalho, com autonomia científica para a produção intelectual.

Para tanto, o curso tem ofertado uma proposta pedagógica integrada com a realidade social na qual o estudante está inserido, levando em consideração as demandas sociais e de saúde da macrorregião de Sobral, assumindo o compromisso de contribuir com a melhoria dos indicadores de saúde e qualidade de vida da população da zona norte do estado do Ceará.

## **O Curso de Enfermagem da UVA e a herança da formação profissional de obstetrites**

A dinamicidade dos processos de formação, a partir dos determinantes sociais e das necessidades de saúde de uma população, faz com que a formação profissional seja consonante com a realidade social vivenciada, instigando esforços para a reorientação da formação em saúde. Nesse

contexto se insere a mortalidade materna em meados da década de 60, 70 e 80 no Brasil, em especial na região nordeste do Brasil.

A redução da mortalidade materna no Brasil é um desafio histórico para a saúde pública, uma vez que atinge de forma desigual as regiões brasileiras, sobretudo, territórios onde há alta vulnerabilidade social. A mortalidade materna pode ser considerada uma violação dos direitos humanos, pois na maioria dos casos, trata-se de um agravo evitável (BRASIL, 2020).

A capacitação profissional de obstetrias e enfermeiras obstétricas, historicamente, coexistem no Curso de Enfermagem da UVA, uma vez que a habilitação formal na área de obstetrícia era concebida anexa às escolas de enfermagem ou de medicina e como uma especialidade da enfermagem.

No século XIX, a educação formal de parteiras no Brasil iniciou-se junto às escolas médicas, que controlaram sua formação até meados do século XX. Em 1832, foi criado o primeiro documento legal sobre o ensino de parteiras quando as Academias Médico-Cirúrgicas do Rio de Janeiro e da Bahia foram transformadas em Faculdades de Medicina e, entre os cursos oferecidos, foi incluído o Curso de Partos.

Jorge (1975) destaca que as mulheres que se dedicavam a partejar deveriam possuir uma ‘carta de examinação’, concedida pelo físico-mor ou cirurgião-mor do Império, e uma licença da chancelaria. Essa exigência

representava um movimento de controle sobre o exercício da atividade das parteiras pelos médicos. De 1832 até 1949, toda a legislação do ensino de parteiras esteve vinculada a legislação do ensino da medicina. O autor sinaliza que, neste mesmo período, a legislação sobre o ensino de parteiras foi objeto de diversos decretos que determinaram a denominação dos cursos, as exigências para admissão de candidatas, o currículo a ser seguido e o título conferido – parteira, enfermeira parteira, enfermeira especializada, obstetritz e enfermeira obstétrica. A denominação de enfermeira especializada para a parteira começou a ser usada na década de 20 e a de obstetritz apareceu pela primeira vez como o título conferido às formadas no Curso de Obstetrícia da Faculdade de Medicina e Cirurgia do Pará, entre 1922 e 1925.

Na década de 50, foi regulamentado o exercício da enfermagem profissional e distinguia a obstetritz das demais categorias, ou seja, enfermeiro, auxiliar de enfermagem, parteira, enfermeiro prático ou prático de enfermagem e parteira prática (RIESCO, 1998).

O autor acrescenta que a associação do trabalho da parteira e da enfermeira foi sendo cogitada já no final do século XIX, quando médicos brasileiros passaram a propor a formação profissional de parteiras que fossem também enfermeiras.

As mudanças mais importantes na legislação do ensino de parteiras, no início do século XX, relacionam-se com a extinção dos cursos de parteiras e a criação de cursos

de enfermeiras de maternidades anexas às faculdades de medicina. Com a reforma universitária de 1968, e depois de anos de debates em torno dessas formações profissionais, as duas profissões foram fundidas com a absorção da obstetrícia pela enfermagem, emergente enquanto profissão universitária. Com o currículo implantado em 1972 e que vigorou até 1994, a graduação da obstetriz foi extinta e as modalidades de formação passaram a ser a habilitação e a especialização em enfermagem obstétrica, cursadas pelo enfermeiro com graduação (RIESCO, 1998).

É importante notar que mesmo diante desse contexto de regularização da profissão, as parteiras leigas ocupam uma posição reconhecida por desempenhar um papel significativo na atenção ao parto. De acordo com Sousa *et al.* (2022), as parteiras proporcionam às mulheres informações mais gerais sobre saúde, cuidados na gravidez, recomendação de chás e remédios caseiros, opções de parto e cuidados com o recém-nascido (RN), além de apoio à amamentação e atenção no puerpério.

Apesar do parto assistido por parteira leiga ser uma realidade em diferentes países e cenários, principalmente da população menos assistida por profissionais, o Ministério da Saúde (BRASIL, 2010) aponta que a falta de apoio por parte dos serviços de saúde pode trazer como consequência uma responsabilização das parteiras em situações complexas como partos difíceis em que se coloca em risco a vida do binômio mãe-filho.

É nesse contexto que foi construída e (re)construída

a matriz curricular do Curso de Enfermagem da UVA. Apresentamos aqui na Figura 1 a matriz da segunda década de implantação do Curso após o processo de estadualização da Universidade, tendo como principal objetivo formar enfermeiros obstetras para atender as demandas da região norte do Estado. Por conseguinte, trazemos reflexões sobre o currículo e as contribuições da UVA para a mudança da realidade social e de saúde da época.

Quadro 1 – Matriz curricular do Curso de Enfermagem da UVA na segunda década de implantação (1982-1992). Sobral, Ceará, Brasil, 2022.

<b>Período</b>	<b>Componente Curricular</b>	<b>Carga Horária</b>
1º	Citologia	90
1º	Embriologia e Evolução	90
1º	Estatística Vital	75
1º	Genética	90
1º	Introdução ao Ensino Superior	15
2º	Anatomia	90
2º	Educação Física I	30
2º	Epidemiologia	75
2º	Histologia	90
2º	Saneamento e Saúde da Comunidade	60
3º	Bioquímica	90
3º	Educação Física II	30
3º	Fisiologia	90



3º	Nutrição	90
3º	Parasitologia	90
4º	Farmacologia	90
4º	Imunologia	90
4º	Microbiologia	105
4º	Processos Patológicos Gerais	105
5º	Deontologia Médica e Legislação Profissional	105
5º	Enfermagem em Pronto Socorro	60
5º	Estágio Superv. em Enfermagem Pronto Socorro	15
5º	Estágio Superv. em Introdução a Enfermagem	30
5º	Introdução a Enfermagem	105
5º	Pastoral Hospitalar I	30
5º	Psicologia	75
6º	Administração Aplicada a Enfermagem	90
6º	Enfermagem Materno – Infantil	105
6º	Enfermagem Médico – Cirúrgico	105
6º	Estágio Superv. em Adm. Aplicada a Enfermagem	15
6º	Estágio Superv. em Enfermagem Materno Infantil	30
6º	Estágio Superv. em Enfermagem Médico – Cirúrgico	15
6º	Sociologia	75
7º	Didática Aplicada a Enfermagem	90

7º	Enfermagem em Doenças Transmissíveis	105
7º	Enfermagem Geriátrica	45
7º	Enfermagem Psiquiátrica	105
7º	Estágio Superv. em Didática Aplic. Enfermagem	30
7º	Estágio Superv. em Enf. Doenças Transmissíveis	30
7º	Estágio Superv. em Enfermagem Psiquiátrica	15
7º	Estágio Superv. em Enfermagem Geriátrica	15
8º	Adm.serv.de Enf. em Matern. e Disp. Pré-Natais	120
8º	Enfermagem Obstétrica, Ginecológica e Neonatal	120
8º	Estágio Superv. Adm. ser.enf.em.disp. pré-Natais	60
8º	Estágio Superv. em Enf. Obstet. G. e Neonatal	120
9º	Anatomia e Fisiol. do Aparelho Genital Feminino	120
9º	Estágio Superv. Gravidez, parto e Puerpério	30
9º	Gravidez, Parto e Puerpério	90
9º	Pastoral Hospitalar II	30
Optativa	Estudos dos Problemas Brasileiros I	30
Optativa	Estudos dos Problemas Brasileiros II	30
<b>CARGA HORÁRIA TOTAL</b>		<b>3.525</b>

Fonte: Sistema acadêmico da Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA) – Acesso da Pró-reitoria de Graduação, (2022).

A matriz curricular do curso na década de 80 era constituída de nove semestres com uma carga horária total de 3.525 horas. O currículo apresenta disciplinas básicas, disciplinas teórico-práticas e estágio supervisionado; sendo que os dois últimos semestres do currículo, o equivalente a aproximadamente 20% da carga horária (690h), referia-se às disciplinas e conteúdos voltados à habilitação em Obstetrícia.

Os conteúdos teóricos correspondentes à habilitação estavam distribuídos nas seguintes disciplinas: (1) Anatomia e fisiologia do aparelho genital feminino (120h); (2) Administração dos serviços de enfermagem em maternidades e Dispensários pré-natais (120h); (3) Enfermagem obstétrica, ginecológica e neonatal (120h); (4) Gravidez, parto e puerpério (90h). Destas, apenas uma – Anatomia e fisiologia do aparelho genital feminino - não apresentava carga horária em Estágio Supervisionado (210h).

Essa matriz mostra consonância com os currículos de enfermagem e obstetrícia implantados na década de 70 no Brasil após as reformulações das universidades brasileiras. Então, considerando a similaridade entre os currículos de enfermagem e de obstetrícia, os cursos foram fundidos em três fases sucessivas: (1) a pré-profissional; (2) o tronco profissional comum que levava à graduação do enfermeiro; (3) e as habilitações que levavam à formação da enfermeira obstétrica ou obstetritz, do enfermeiro médico cirúrgico e do enfermeiro de saúde pública. As

duas primeiras etapas tinham duração mínima prevista de 2.500 horas, integralizadas entre três e cinco anos, e o ciclo completo, com a habilitação em uma das áreas, de no mínimo 500 horas, passava para o total de 3.000 horas, cursadas no período de quatro a seis anos (JORGE, 1975).

No Curso de Enfermagem da UVA, em sua segunda década, após o processo de estadualização da Universidade, o ciclo pré-profissional envolve as disciplinas do 1º ao 4º semestres; já o tronco profissional comum, compreende os 6º e 7º semestres, trazendo inclusive uma carga horária de Estágio Supervisionado, contemplando fundamentos da assistência de enfermagem, bem como conteúdos em áreas específicas como psiquiatria, geriatria, médico cirúrgico, administração, doenças transmissíveis, e materno-infantil, conteúdo que reforça a formação deste enfermeiro em obstetrícia.

Diante de uma série de discussões ao longo dos anos, a partir de 1972, coube exclusivamente às escolas de enfermagem a formação profissional da enfermeira obstétrica ou obstetriz, como única via para a capacitação formal de não-médicos para assistência ao nascimento e ao parto normal (RIESCO; TSUNECHIRO, 2002).

Os semestres 8 e 9 apresentavam as disciplinas que conferiam aos formandos a habilitação em Obstetrícia. Anatomia e Fisiologia do Aparelho Genital Feminino (120h) ocorreria apenas no nono semestre; além disso, as disciplinas voltadas para a Administração dos serviços de Enfermagem em Maternidade e Dispositivos Pré-natais

(120h) e Estágio Supervisionado em Administração dos serviços de Enfermagem em Maternidade e Dispositivos Pré-natais (60h) focavam na importância da Enfermagem na gestão dos recursos materiais e humanos envolvidos na assistência pré-natal e na maternidade.

Vale ressaltar ainda as disciplinas Enfermagem Obstétrica, Ginecológica e Neonatal (120h) e Gravidez, Parto e Puerpério (90h), ambas com Estágio Supervisionado, totalizando uma carga horária de 150h. Nestas se esperava que os formandos fossem capazes de desenvolver as competências necessárias para a assistência de Enfermagem aplicada à saúde da mulher, incluindo aspectos clínicos e cirúrgicos, ginecológicos e obstétricos, bem como ao binômio mãe-filho desde a gestação, parto e puerpério. As disciplinas apresentavam como objetivo a realização de procedimentos e técnicas específicas em enfermagem ginecológica e obstétrica.

Os conteúdos que se referem à habilitação em obstetrícia no desenho curricular do curso corroboram com os estudos de Riesco (1998), quando este destaca que, as enfermeiras, na década de 90, foram aquelas que dominam o hospital e chefiam as obstetrias sem, no entanto, terem o mesmo domínio técnico; são mais científicas e com maior poder administrativo; ganhando espaço acadêmico e, em geral, salários mais elevados.

Para a Organização Mundial de Saúde (OMS), a saúde reprodutiva insere-se na concepção de saúde como parte do processo de desenvolvimento humano. Esses

aspectos estão contidos no documento da Organização Pan-Americana da Saúde (1994), intitulado *Marco de referencia de la enseñanza de la salud reproductiva*, com propostas relativas às instituições formadoras, ao processo de formação, a conteúdos, à metodologia e à avaliação.

Esse documento aponta que os conteúdos demonstram uma fragmentação do currículo e a atenção primária em saúde é pouco discutida, fato que é perceptível na matriz curricular da enfermagem da UVA.

Outro aspecto importante a ser considerado é a oferta da disciplina de Pastoral Hospitalar II (30h), onde o curso buscava capacitar os formandos a acompanhar situações específicas que demandavam cuidado, a partir de uma perspectiva ecumênica, no ambiente de internação hospitalar e demais casas de cuidado na área da saúde.

Inferimos que a disciplina tenha sido pensada porque a UVA e o curso têm seu nascedouro vinculado à Igreja Católica e, além disso, tinha como único campo para o exercício das práticas curriculares hospitalares da Santa Casa de Misericórdia de Sobral (SCMS), a qual foi inaugurada em 24 de maio de 1925 e idealizada por Dom José Tupinambá da Frota, primeiro bispo da diocese de Sobral, que sempre teve como missão a assistência aos mais pobres.

Outros locais onde eram desenvolvidas as aulas práticas e estágios supervisionados do Curso foram: (1) Posto de Saúde do Instituto Nacional de Assistência Médica da Previdência Social (INAMPS), que hoje é a sede

do Centro de Especialidades Médicas (CEM) de Sobral, onde os estudantes faziam atendimentos de Planejamento Familiar, assistência ginecológica e de pré-natal; (2) Casa de Repouso Guararapes, que atualmente é sede do Centro Universitário UNINTA, onde os estudantes realizavam as práticas em psiquiatria, uma vez que lá se encontravam internados pacientes mentalmente enfermos graves, e alguns privados já do convívio de seus familiares. O hospital foi palco recorrente de casos de agressão, tortura e maus-tratos, e depois de ter passado mais de 20 anos como o único centro de tratamento psiquiátrico credenciado pelo Sistema Único de Saúde (SUS) na região, fechou no ano 2000 após denúncia da morte de Damião Ximenes, por espancamento e tortura por parte dos profissionais que trabalhavam no referido hospital. (3) Abrigo Sagrado Coração de Jesus foi fundado em 26 de setembro de 1953, por Dom José Tupinambá da Frota. Trata-se de uma Instituição de Longa Permanência para Idosos (ILPI). O Abrigo faz parte do Complexo Santa Casa de Misericórdia e acolhe idosos negligenciados, vítimas de violência, abandonados, cujos familiares sejam desconhecidos, entre outras situações de risco. Esse cenário, até os dias atuais, colabora com a formação dos egressos da UVA na área da geriatria.

No desenho curricular do curso, chamamos atenção também à disciplina de Didática aplicada à Enfermagem (90h), inclusive com Estágio Supervisionado (30h), revelando na matriz do curso uma preocupação com a formação de um enfermeiro para o exercício docente.

O Curso de Licenciatura em Enfermagem foi criado no final dos anos 60, a partir de uma consulta realizada à Câmara de Ensino Superior (CES) sobre a possibilidade de a enfermeira cursar disciplinas de Didática para o exercício do magistério dentro da profissão, pela necessidade da formação de auxiliares de enfermagem. O Curso de Licenciatura em Enfermagem foi criado pelo Parecer nº837/68, sendo aprovado em 6 de dezembro 1968 (Proc.995/68-CFE) (MOTTA; ALMEIDA, 2003).

Consideramos que urge a necessidade desses conteúdos nos currículos de Enfermagem, uma vez que o enfermeiro tem vivenciado cada vez mais o exercício docente tanto na graduação quanto nos programas de pós-graduação, bem como na formação de profissionais de nível técnico de enfermagem, havendo uma grande demanda destes profissionais nas instituições de saúde, além de um número elevado de escolas disseminadas pelo país para sua formação.

### **Reflexões sobre este percurso da linha do tempo: Faculdade de Obstetrícia – Curso de Enfermagem UVA/Sobral-CE**

Na história da concepção do Curso de Enfermagem da UVA é visível a pretensão em formar profissionais que desempenhem uma prática comprometida com as necessidades de saúde da população, demonstrando, em seu exercício, autonomia, iniciativa, ética, raciocínio investigativo, criatividade, capacidade de comunicação



e capacidade de resolução de problemas e de trabalho, valorizando, acima de tudo, o ser humano e a profissão.

As reflexões e diálogos aqui apresentados mostram a relevante contribuição do Curso de Enfermagem para a formação de enfermeiras obstetras capazes de atender às necessárias transformações do modelo assistencial na área da saúde materna e perinatal, estando em consonância com o debate nacional sobre a formação de enfermeiras com habilitação em obstetrícia.

Os desafios do Curso de Enfermagem da UVA na formação de profissionais aptos para atuar em todos os níveis de atenção à saúde nos diversos contextos sociais da vida cotidiana e do trabalho continuam! É necessário sempre estarmos atentos para perceber o que a realidade de saúde da população nos aponta como prioridade para a assistência da Enfermagem para que possamos reorientar a formação e, conseqüentemente, o trabalho da profissão.

## **Referências**

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. *Mortalidade materna no Brasil*. Brasília (DF): Ministério da Saúde/FIOCRUZ; 2020. Disponível em: <https://portaldeboaspraticas.iff.fiocruz.br/atencao-mulher/mortalidade-materna-no-brasil-boletim-epidemiologico-n-o-20-ms-maio-2020/>. Acesso em: 03 de fev. 2021.

BRASIL. Ministério da Educação. *Resolução CNE/CP1 de 18 de fevereiro de 2002: Diretrizes curriculares nacionais para formação de professores da educação básica em nível superior – Curso de Licenciatura / Graduação Plena*. Brasília (DF); 2002.

BRASIL. *Parto e nascimento domiciliar assistidos por parteiras tradicionais: o Programa Trabalhando com Parteiras Tradicionais e experiências exemplares*. Brasília, 2010.

CEARÁ. *Lei Nº 10.933, de 10 de outubro de 1984*. Cria, sob a forma Autárquica, a Universidade Estadual Vale do Acaraú-UVA, na forma que indica e dá outras providências. Diário Oficial da União, 11 out. 1984. Disponível em: <https://bela.ce.gov.br/index.php/legislacao-do-ceara/organizacao-tematica/trabalho-administracao-e-servico-publico/item/177-lei-n-10-933-de-10-10-84-d-o-de-11-10-84-cria-sob-a-forma-autarquica-a-universidade-estadual-vale-do-acarau-uva-na-forma-que-in>. Acesso em: 14 nov. 2022.

JORGE, Dilce R. *Evolução da legislação federal do ensino e do exercício profissional da obstetriz (parteira) no Brasil*. 1975. 184f. Tese (Livre-Docência) – Escola de Enfermagem Anna Nery da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

MOTTA, Maria de Graça Corso da; ALMEIDA, Miriam de Abreu. Repensando a licenciatura em enfermagem à luz das diretrizes curriculares. *Rev Bras Enferm*, v. 56, n. 4, p. 417-419, Brasília (DF), 2003. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/reben/a/CvWvsHrFXdVKgQhhsKdw4Kj/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 12 out. 2022.

SANTOS, E.B.; SANTANA, G.O.; ASSIS, M.F.; MENESES, R.O. *Legislação: atos normativos do exercício e do ensino de enfermagem*. São Paulo: Atheneu, 1997.

PAN AMERICAN HEALTH ORGANIZATION. *Marco de referencia para la enseñanza de la salud reproductiva*. Cartagena, 1994.

RIESCO, Maria Luiza Gonzalez. Enfermeira obstetra: herança de parteira e herança de enfermeira. *Revista Latino-Americana de Enfermagem*, v. 6, n. 2, p. 13-15, Ribeirão Preto, São Paulo, 1988. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rlae/a/zBXsnjLp86J8qHWjmrZQ9Ny/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 25 set. 2022.

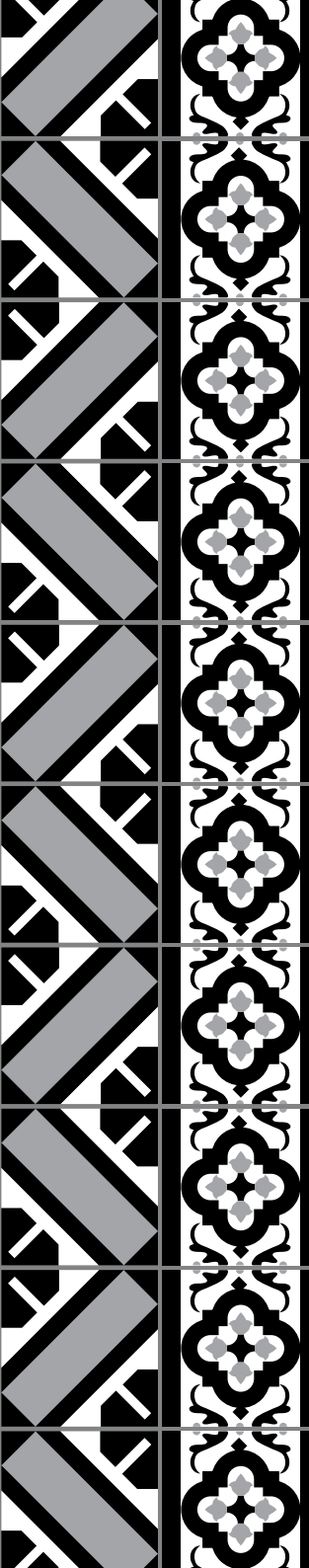
RIESCO, Maria Luiza G.; TSUNECHIRO, Maria Alice. Formação Profissional de Obstetrias e Enfermeiras Obstétricas: Velhos Problemas ou Novas Possibilidades? *Revista Estudos Feministas*, ano 10, pp. 449-459, Santa Catarina-RS, 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/4dGkdZJG748VJXXKQDksfPJ/?lang=pt&-format=pdf#:~:text=A%20forma%C3%A7%C3%A3o%20da%20'nova'%20obstetiz,1>. Acesso em: 08 out. 2022.

SILVEIRA, José Edinardo Albuquerque. *Síntese Cronológica da UVA: Universidade Estadual Vale do Acaraú – 1915 – 2010*. Tomo I: Proto-história – 1915 – 1968. Sobral-CE, Edições Universitárias, 2011. 152p.

SOUSA, T. M. et al. A assistência ao parto por parteiras leigas: Uma revisão integrativa. *Revista Saúde em Redes*, v. 8, 2020. Disponível em: <http://revista.redeunida.org.br/ojs/index.php/rede-unida/article/view/3332>. Acesso em: 08 out. 2022.

TEÓFILO, Tiago José Silveira. Concepções dos docentes e discentes acerca de metodologias de ensino-aprendizagem: análise do caso do Curso de Enfermagem da Universidade Estadual do Vale do Acaraú em Sobral-CE. *Interface – Comunicação, Saúde, Educação*, v.13, n. 30, pp. 137-151, São Paulo, 2009. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/icse/a/fbwxKRRKGQdWYVz8tn5pYDL/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 17 out. 2022.





O Repensar da  
Formação do(a)  
Enfermeiro(a)  
para o Sistema  
Único de Saúde  
com Ênfase na  
Atenção Primária  
à Saúde: Trajetória  
da Terceira Década  
(1993-2002) do Curso  
de Enfermagem da  
UVA

*Maria Socorro de Araújo Dias*

*Maria do Socorro Melo Carneiro*

*Lielma Carla Chagas da Silva*

*Carlos Hilton Albuquerque Soares*

# **O Repensar da Formação do(a) Enfermeiro(a) para o Sistema Único de Saúde com Ênfase na Atenção Primária à Saúde: Trajetória da Terceira Década (1993- 2002) do Curso de Enfermagem da UVA**

Maria Socorro de Araújo Dias  
Maria do Socorro Melo Carneiro  
Lielma Carla Chagas da Silva  
Carlos Hilton Albuquerque Soares

## **Introdução**

Os avanços advindos da Constituição de 1988 e a criação do Sistema Único de Saúde (SUS), motivados por um cenário de privação do acesso à saúde pública, assim como uma situação epidemiológica crítica, com números elevados de doenças infecto contagiosas e crônicas, altas taxas de mortalidade infantil e materna e um enfoque curativista, hospitalocêntrico e de alcance à população limitado, formaram o contexto de necessidade de reorientação do modelo de atenção à saúde no Brasil.

A Atenção Primária à Saúde (APS), em um movimento internacional de fortalecimento, apresentava-se como principal estratégia para suplantação do referido modelo. Com enfoque diferenciado, atenta às particularidades do cenário nacional, a APS passa a ser prioridade para concretização das mudanças necessárias,

sobretudo pela implantação da Estratégia Saúde da Família (ESF), atualmente Programa Saúde da Família (PSF).

Contudo, para a consolidação deste novo modelo, de enfoque integral, seriam necessárias estratégias com alcance a curto, médio e longo prazo, visto que a institucionalização de um modelo não se limita a bases normativas e diretriz política. Nesse escopo de estratégias sustentáveis, tem-se a formação dos profissionais de saúde, que passa a ser um importante espaço para discussão e para a seguinte reflexão: quais competências profissionais são necessárias para atuação nesse novo modelo? Os saberes (conhecer, fazer e ser/agir) dos profissionais de saúde foram identificados como um grande desafio no processo de consolidação do novo modelo. Assim, a reformulação dos currículos com ampliação de aulas teórico-práticas, estágios curriculares, vivências nos campos, passaram a ser cada vez mais afinados ao que se propunha para o fortalecimento da APS (BREHMER; RAMOS, 2016), portanto, o investimento na integração ensino-serviço-comunidade e a centralidade na APS são componentes presentes na reorientação da formação para o SUS (DIAS; LIMA; TEIXEIRA, 2013).

A enfermagem, pela aproximação com as características próprias da categoria, assume um papel de destaque para a concretização na assistência das bases teóricas de uma saúde integral, com enfoque preventivo e de promoção da saúde. Estas precisaram ser fortemente contempladas na formação, sendo relevantes indutoras



dos processos de mudança do perfil profissional necessário às necessidades do sistema.

Atento para esta premissa, o Curso de Enfermagem da Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA) contou com a liderança da enfermeira Dra. Givanilda Aquino, que no período de 1994 a 1997, enquanto professora visitante, trouxe contribuições significativas para a formação em enfermagem na UVA. Para a atual Reitora, aluna à época, Izabelle Mont'Alverne:

*“a professora Givanilda mobilizou profundas transformações no Curso de Enfermagem. Juntamente com a professora Modesta e um grupo de professoras aprovadas no primeiro concurso da UVA, impulsionou a pesquisa no curso e foi grande incentivadora para a qualificação dos seus docentes em programas de pós-graduação.”*

Neste capítulo, portanto, serão abordadas questões sobre o processo de reorientação da formação no Curso de Enfermagem da UVA como instituição pioneira na região na formação de profissionais para atuação de acordo com o novo contexto de atenção à saúde, com ênfase para a implantação e expansão da APS no estado do Ceará, com peculiar destaque para a macrorregião norte, num corte temporal correspondente a terceira década de existência do Curso de Enfermagem.

## **Bases para o fortalecimento da aps no Brasil e no contexto local**

Motivado pelos indicadores de saúde alarmantes, sobretudo no segmento materno-infantil e ancorado pela discussão internacional sobre a necessidade de fortalecimento da APS, surge o Programa de Agentes de Saúde (PAS), onde o Ceará se destaca por ter sido o primeiro estado a institucionalizá-lo e, assim, contribuir para a proposta de criação pelo Ministério da Saúde, do Programa de Agentes Comunitários de Saúde (PACS), como apresenta Ávila (2011). Ainda no Ceará, a redução da mortalidade infantil, o incentivo ao aleitamento materno e o aumento da cobertura vacinal são alguns dos principais avanços obtidos que alavancaram a necessidade de expansão da proposta inicialmente para o Nordeste e depois para todo o Brasil (LAVOR; LAVOR; LAVOR, 2004).

Diante da maior capilaridade destes profissionais nas comunidades e os vínculos estabelecidos, ao mesmo tempo que o contexto crítico que motivou seu início obtinha resultados satisfatórios, a percepção de problemas de saúde que antes não possuíam visibilidade passou a sinalizar a necessidade de maior resolutividade, algo que não era possível apenas com a atuação dos Agentes Comunitários de Saúde (ACS).

O substrato para discussão obtido a partir do PACS, a então recente existência do SUS e os conflitos filosóficos e pragmáticos oriundos de seus aspectos inovadores, proporcionaram um ambiente favorável

para a implementação de políticas de saúde com foco no alcance da consolidação e a ação efetiva de seus princípios. Assim, em 1994 surge o PSF, objetivando reorganizar a rede de assistência com a universalização do acesso à atenção básica, redirecionar prioridades de ação em saúde e a consolidação do processo de descentralização e dos demais princípios organizativos do SUS. Diante disso, a proposta não poderia ser denominada como apenas um programa setorial de saúde, sendo efetivada, posteriormente, conforme já anunciado (ANDRADE; BARRETO; BEZERRA, 2008).

Novamente, o Ceará destaca-se como um dos pioneiros nessa implantação, onde a interiorização da saúde já existente por conta do PACS forneceu bases para tal (ÁVILA, 2011). Vale salientar que o processo de descentralização e municipalização das políticas de saúde possibilitou um olhar mais próximo das necessidades específicas de cada população, com o desenvolvimento de projetos que mais se adequassem também às possibilidades, ao perfil de cada município e o compromisso de seus gestores.

Em Sobral, as mudanças iniciaram em 1997. Até 1996 a rede assistencial em saúde era principalmente composta por equipamentos filantrópicos, privados e estaduais. Como município referência para a toda a região, o enfoque nas ações era curativo, com centralidade na atenção hospitalar. Os serviços de atenção básica apresentavam pouca cobertura e resolubilidade, e em 1997

a ESF foi estabelecida como estruturante da sua atenção básica (ANDRADE; MARTINS JÚNIOR, 1999). Neste processo, foi fundamental a parceria entre o sistema local de saúde e o Curso de Enfermagem da UVA, conforme pode ser atestado pelo então secretário de saúde, Odorico Monteiro.

*“Nós assumimos a secretaria de saúde de Sobral em 1997 e [em Sobral] sem dúvida nenhuma (...) o sistema de saúde tinha uma influência importante aí dentro do Curso de Enfermagem da UVA, porque praticamente a força de trabalho formada naquele momento era muito voltada para a força de trabalho da enfermagem nos hospitais. Como a gente estava estruturando um sistema de saúde ali onde nós íamos fortalecer a atenção primária à saúde, foi fundamental, então, essa nova concepção a ser inserida na nossa relação entre a secretaria municipal da saúde e o Curso de Enfermagem da UVA. Já no início da gestão de 97 a gente começa a implantação das primeiras equipes do programa Saúde da Família de Sobral. Começamos a dar um choque de enfermagem na saúde pública. Ali, foi fundamental então a nossa parceria com o Curso de Enfermagem. Quero dizer que desde o início a gente teve uma profícua colaboração com o prof. Magnífico Teodoro Soares, que era o reitor da universidade na época. Já no Curso de Enfermagem quero destacar o papel da Maristela e da Socorro Dias, professoras importantes”.*

A primeira unidade de Saúde da Família em Sobral foi inaugurada no dia 03 de março de 1997, na zona rural, distrito de Jaibaras, responsável também pela cobertura do distrito de Aprazível. A equipe de saúde da família daquela

ocasião era composta por um médico, três enfermeiros e seis ACS. A enfermeira Lucinete do Nascimento Ziegler, egressa da turma de 1995.2, do Curso de Enfermagem da UVA, integrou esta equipe pioneira. Em seu depoimento, ela relata como foi essa experiência:

*“Quando entrei no Curso de Enfermagem, para mim, era tudo muito novo, mas aí eu tive a sorte de pegar a primeira turma de professores recém-chegados onde eles tinham um pensar diferente em relação ao ensino (...) e isso já trouxe para mim um pensamento diferente em relação ao curso. O Saúde da Família foi um grande desafio para mim. Quando chegamos em Jaibaras, conseguimos localizar um total de 692 famílias. O que me proporcionou conseguir fazer saúde da família foi o gestor nos deixar livres para que a gente pudesse pensar estratégias para trabalhar. Então quando nós chegamos a gente não sabia o que era fazer saúde da família, (...) as pessoas procuravam vacinas e médico para atender. Então nós começamos a pensar de que forma a gente ia trabalhar para que as pessoas compreendessem que saúde da família não era aquilo.*

*A gente teve a oportunidade do gestor nos proporcionar muitas capacitações e nós começamos conhecendo o território do qual íamos fazer parte (...). A territorialização permitia compreensão de que você era responsável por aquela área e nela todos os problemas de saúde que envolviam a comunidade (...) E como é que gente foi ganhando a confiança da população? A gente começou a entender que precisava ouvi-los, então a gente começou a fazer muitos momentos juntos e eles começaram a entender que os profissionais de saúde*

não eram mais aquelas pessoas distantes deles, como tinham a visão até então (...). Além de ouvi-los, outra coisa que nós fizemos muito foram momentos de confraternização e assim a gente saía daquele patamar. A gente fazia momento de roda com a equipe onde a gente perguntava para todos os profissionais qual era a dificuldade deles, tinham direito de dar opinião. Os grupos também foram formados. A gente chegava até a fazer parto na unidade, porque tinha gente que acreditava que a unidade de saúde podia fazer tudo e a gente não desconstruiu isso à força. A gente foi fazendo isso aos poucos, fazendo com que eles entendessem que o papel do Saúde da Família era trabalhar a prevenção da doença, que a gente queria que eles não adoecessem.

Aí vieram os programas de prevenção de desnutrição, onde a gente começou a fazer identificação, registro. A gente mapeou a quantidade de desnutridos, diabéticos, hipertensos. Com os eventos, além de ajudar a comunidade a confiar na gente, a gostar do trabalho da gente, a gente também se sentia muito feliz porque saía que podíamos inovar, a gente tinha a liberdade. A gente teve também muita oportunidade de capacitação e com a qualificação a gente sabe que têm condições melhores de oferecer saúde para a população. A gente ouvia os anseios dos nossos colaboradores. Trabalhei 16 anos no Saúde da Família e acho que contribuí demais, a gente conquistou excelentes indicadores, pois quando chegamos eles eram ruins. Tínhamos uma preocupação muito grande em relação à mortalidade. Tinha profissional que chegava a levar criança para dentro da sua casa no final de semana com medo da criança morrer,

*só para ter uma ideia da responsabilização que a gente tinha em relação ao nosso trabalho. E isso não fazia a gente ter medo e sim mais vontade do melhor. Quanto mais a gente conseguia bons resultados, mas a gente se sentia estimulado a desenvolver um bom trabalho”.*

Percebe-se que alguns pontos que forneciam o diferencial da atuação na ESF aparecem no relato, como a delimitação de uma área adscrita, o trabalho em equipe com a integração dos membros e o compartilhamento no planejamento das ações; a territorialização em saúde e, a partir dela, o reconhecimento das necessidades daquela comunidade em específico, orientando o desenvolvimento das ações; o estabelecimento do vínculo entre profissionais e comunidade; a epidemiologia fazendo parte da rotina de trabalho dos profissionais, conhecendo os problemas, utilizando os novos instrumentos de registro, acompanhando e buscando a melhoria dos indicadores; e a qualificação dos profissionais.

Diante da complexidade do novo modo de olhar o cuidado em saúde, com integração de vários saberes voltados às famílias e à comunidade em que estas encontram-se inseridas, a qualificação de profissionais para atuação nesta perspectiva tornou-se uma grande limitação. Assim, foi posto o desafio de formar o novo profissional e integrá-lo ao sistema de acordo com as demandas agora surgidas (RIBEIRO; ANDRADE, 2004).

Vale destacar que, pelo processo de amplo crescimento, a ESF passou a ser a porta de entrada para

o mercado de trabalho em saúde no SUS para egressos das universidades. Destaca-se que a enfermagem se encontrava em sua maioria concentrada em equipamentos hospitalares, historicamente seu maior empregador e onde a formação havia preparado para sua atuação (XIMENES NETO *et al.*, 2009).

### **Relevância do Curso de Enfermagem da UVA na formação de enfermeiras para responder aos desafios das políticas públicas em saúde em curso**

Diante do papel assumido no processo de construção das novas políticas de saúde e do maior contingente de trabalhadores, a enfermagem precisou construir um saber e uma prática diferente da tradicionalmente exercida prioritariamente nos ambientes hospitalares (RIBEIRO; ANDRADE, 2004).

No início da ESF, quando esta ainda era um programa, o(a) enfermeiro(a) apresentava um elenco limitado de atividades, tais como a visita domiciliar e o cuidado materno-infantil, prioritariamente. No entanto, com o seu desenvolvimento e ampliação da proposta, várias responsabilidades foram sendo agregadas à categoria, sobretudo aquelas relacionadas à gestão da unidade, do território e do cuidado e à participação comunitária, além das próprias dos burocratas do setor saúde (XIMENES NETO *et al.*, 2009). Isso fomentou demandas constantes de qualificação dos profissionais já em atuação, assim como



das instituições formadoras ao lançarem estes profissionais para o sistema de saúde com essas competências.

No contexto de Sobral e região, o Curso de Enfermagem da UVA era o único responsável pela formação superior de profissionais que faziam parte da equipe mínima da ESF. Desta forma, a instituição assumiu ainda maior importância no processo de formação profissional com o novo perfil requerido para atuação no novo modelo de atenção à saúde que estava em implantação.

A introdução de perspectivas e saberes sob um olhar diferenciado lançou novos desafios que permearam a prática pedagógica das instituições e docentes responsáveis pela formação em enfermagem, a saber: o compromisso social, a necessidade de repensar os rumos da prática social da categoria, a construção do conhecimento de forma dinâmica e que refletissem as transformações próprias do novo sistema de saúde e, conseqüente, de seus profissionais fizeram parte deste processo (RIBEIRO; ANDRADE, 2004).

No mesmo ano em que se implantava a ESF em Sobral, 1997, o Curso de Enfermagem da UVA iniciava a discussão de uma nova proposta de ensino concatenada com as demandas de implantação de um novo modelo de atenção à saúde. Assim, propôs articular o ciclo básico e clínico, o ensino, serviço e comunidade, teoria e prática por meio da integração dos conteúdos. Seu projeto político pedagógico anunciava a necessidade de processos

de formação consoante com a realidade social vivida no contexto local (BRITO, 2014).

A enfermeira e professora universitária Danielle D'Ávila esteve como aluna do Curso de Enfermagem da UVA de 1997 a 2001 e, portanto, pôde vivenciar as mudanças que ocorreram no sistema de saúde e o quanto elas influenciaram na formação.

*“Na época coincidiu a minha entrada na faculdade com a criação do Programa Saúde da Família em Sobral e no quarto semestre foi a minha primeira vivência. Eu lembro que essa experiência, ainda muito incipiente da minha parte, me abriu o contato com aquilo que viria a ser futuramente a Estratégia Saúde da Família. E aí foram se seguindo os semestres, eu sempre me inserindo nas unidades básicas de saúde que já existiam e outras que estavam sendo construídas. Na época, o secretário de saúde era o Dr. Odorico Monteiro e eu lembro de ter participado, por exemplo, no internato (na época a disciplina era denominada estágio supervisionado) de reuniões das equipes de saúde da família que estavam sendo formadas. Era muito entusiasmante escutar toda aquela organização e aquela euforia por uma estratégia nova e muito desejada. Parecia que os enfermeiros estavam tendo a oportunidade única de fazer saúde coletiva importante na vida da população e durante o internato fui alocada no PSF do Acaratiáçu (zona rural de Sobral) eu mais duas colegas nos dirigíamos às segundas-feiras no carro com a equipe para o distrito e lá ficávamos toda a semana vivenciando esse internato. Essa experiência fez com que ficássemos*

*extremamente preparados para quando terminasse a graduação já poder atuar junto às equipes. E foi exatamente o que aconteceu. Quando eu terminei, embora tenha passado os primeiros seis meses num município mais distante, eu logo fiz a prova de Residência em Saúde da Família, fui aprovada, e pude me inserir e integrar o quadro de enfermeiros da Estratégia Saúde da Família de Sobral. E me senti extremamente à vontade e preparada com a formação que tive na faculdade. Acho que foi a minha vivência mais importante, minha formação mais importante foi esse período em que pude participar não só da construção, da implantação do Programa Saúde da Família, mas usufruir de toda a formação que a universidade me proporcionou”.*

Dentre as mudanças propostas na matriz curricular do Curso de Enfermagem, indiscutivelmente um dos principais avanços está na inserção mais precoce de estudantes nos espaços de vivências práticas, sobretudo neste novo contexto de saúde coletiva com as Unidades de Saúde da Família sendo estruturadas. A possibilidade de verificar na prática o que está sendo discutido e defendido nos marcos legais possibilitou um novo olhar para a profissão. Inclusive, a pesquisa feita com egressos do Curso de Enfermagem da UVA por Oliveira *et al.* (2014) revelou que dentre os fatores que contribuíram para sua inserção no mercado de trabalho destacaram-se, por ordem de influência, a participação em estágios eletivos e não eletivos promovidos pela Universidade e outras instituições de saúde, competências adquiridas durante

a graduação e aprovação em concurso público. Assim, os estágios realizados foram citados como fator importante para a entrada no mundo do trabalho, em especial na rede de serviços do SUS.

Para além de iniciativas curriculares vinculadas ao ensino, a extensão também contribuiu para uma nova formação do enfermeiro da UVA na década de 1993 a 2002. Uma das iniciativas de extensão com enfoque na saúde coletiva foi o Projeto Rondon, parceria envolvendo o governo federal, os governos locais e a universidade, que tinha como objetivos associar teoria à prática, fortalecendo a produção acadêmica, e atender às demandas sociais externas, latentes ou explícitas, com potencial de contribuição para a melhoria das condições sociais de vida da população (FANTIN, 2011).

O enfermeiro e professor universitário João Kildery Silveira Teófilo, também egresso do Curso de Enfermagem da UVA da turma 2003.1, foi extensionista do Projeto Rondon em 2002, no município de Reriutaba, interior do Ceará, e retrata como foi a experiência:

*“Nesse projeto nós nos deslocávamos para outro município para prestar assistência de enfermagem, como ações de educação em saúde, dentre outras ações e foi uma oportunidade que nós tivemos de ter esse contato próximo com a comunidade, onde pudemos exercer aquilo que a gente vinha aprendendo ao longo do curso. E foi muito interessante para a nossa formação, que nos trouxe essa bagagem de experiência inicial de transformar aquilo que a gente vinha aprendendo em realidade, conhecer*

*um pouco do contexto da realidade das pessoas, do público que nós iríamos atender, além de momentos de interação entre estudantes de áreas diversas. Eram acadêmicos de vários cursos que a gente teve oportunidade de conviver, de trocar ideias, aprendizados, de ver o fazer do outro, de ter uma interação multi(...). Então foi muito interessante para a minha formação essa oportunidade de extensão e que refletiu no meu fazer futuro enquanto profissional. (...). Foram importantíssimos para me dar esse subsídio maior além das paredes da universidade, conseguir transformar o que a gente estudava em prática real dentro das comunidades”.*

Ultrapassar os muros da universidade, ir a campo com o propósito de conhecer a realidade das comunidades ainda mais interiorizadas, a convivência com estudantes de outras áreas com o objetivo do cuidado em comum, são algumas das ricas possibilidades ofertadas pela extensão aos estudantes.

A enfermeira e professora universitária Socorro Melo, uma das autoras deste capítulo e por também ter sido egressa do Curso de Enfermagem da UVA com inserção na universidade em 1999, traz seu relato de como foi vivenciar o período:

*“Entreí no Curso de Enfermagem achando que passaria só um curto tempo. Não me identificava com o ambiente hospitalar e, portanto, não me via como enfermeira assistencialista neste contexto. Foi então que logo no início da faculdade fomos fazer uma visita a uma unidade de saúde. Lembro de ter visto um cronograma com a agenda*

*da enfermeira da equipe em que constava pré-natal, visita à puérpera, puericultura, atendimento a hipertensos, dentre outras ações, e aquilo me pegou de surpresa. Foi um choque saber que o campo de atuação era totalmente diferente daquele que eu achava que era o único. Ao ver a atuação da profissional que atuava nesta unidade, me encantei com a proposta (...) e vi que era com aquilo que queria trabalhar.*

*A partir de então, todo o conteúdo referente à saúde coletiva me tinha um lugar especial. Ficava encantada com as simulações de atendimento em unidade básica de saúde que fazíamos na disciplina da professora Nelcinéia. Fomos inseridos nas unidades de saúde da família em diferentes disciplinas e isso foi nos tornando mais conhecedores da proposta e do quão desafiadora era a atuação de enfermagem. A gente conseguia ver que era possível atuar nas necessidades das comunidades em contextos até então esquecidos. Participamos de conferência municipal de saúde, onde era possível ter contato com o controle social, visualizar a importância da participação social.*

*Foi na disciplina de estágio supervisionado, que possuía um desenho de internato, que nos possibilitou vivenciar com profundidade a rotina da equipe e a assistência de enfermagem em saúde da família. Já no finalzinho do curso, lembro de termos uma imersão teórica com o professor Rosemiro sobre a história do SUS, as cartas internacionais de promoção da saúde, a APS e a ESF. No último dia de aula já estava com emprego garantido e seria exatamente na coordenação da APS em um município pequeno, próximo à Sobral. Assumir esta missão só foi possível pela oportunidade de vivenciar na universidade e na integração que ela possuía com o*

*sistema de saúde uma formação completa e que conseguiu acompanhar as profundas mudanças que ocorreram”.*

Assim, foram se desenhando as mudanças no sistema de saúde e no ensino. A integração ensino-serviço possibilitou uma formação mais completa e necessária ao momento de profundas intervenções sobre o modo de fazer saúde. Reforça-se também a importância da inserção precoce dos estudantes nos campos de prática, as experiências de extensão e pesquisa, solidificando os aprendizados obtidos nos muros da universidade. Foi esse protagonismo do Curso de Enfermagem da UVA na formação que possibilitou oferecer aos sistemas de saúde da região, que estavam em intensa ampliação, profissionais preparados para diversos cargos, tanto na gestão, quanto na assistência.

### **Diretrizes curriculares nacionais para os Cursos de Graduação em Enfermagem (1993-2001)**

A Constituição de 1988 é marco histórico para o Brasil, em especial para o campo da saúde. Na medida em que instituiu um novo modo de entender e fazer saúde, a partir de um novo sistema, o Sistema Único de Saúde (SUS) (BRASIL, 1988), este, por sua vez, trazia em sua essência esse novo modo de conceber saúde - amparada em um conceito ampliado e como direito de todos e dever do Estado, além da outorga constitucional do mesmo

para ordenar a formação na área da saúde, sem negar a incumbência legal do Ministério da Educação de regular a formação no país.

Esta área passava por profundas transformações na caminhada de sua desapropriação de um modelo curativista-biologicista com enfoque tecnicista e funcionalista, dicotomizado pela saúde-doença, assistência hospitalar-saúde comunitária para então avançar em um novo modelo de cuidado em saúde, orientado pelos princípios norteadores do SUS e tendo a família como base central do cuidado, a partir da institucionalização da Estratégia Saúde da Família. Questões estas que refletiram diretamente no exercício profissional da enfermagem e consequentemente na formação.

É neste contexto de mudanças políticas - acirramento da política neoliberal na década de 90 -, sociais, econômicas e da urgência em acompanhar as alterações no modelo de saúde que se iniciam movimentos organizados por associações, conselhos e escolas públicas de enfermagem entendendo que a legislação - formação orientada a partir da proposta de um currículo mínimo (1972) com formação fragmentada e ênfase na atenção hospitalar - que regulava a formação do enfermeiro não mais acompanhava as necessidades do contexto atual. Esse processo culminou no parecer do Conselho Federal de Educação nº 314/ 1994 que apontava para esta nova perspectiva e relação entre o processo de formação e do trabalho dos enfermeiros (TRINO ROMANO, 2000).



Outro marco importante na história do ensino superior e que se paralelizou aos movimentos da enfermagem foi a aprovação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional n.º 9.394/96, em dezembro de 1996. Com ela possibilitou-se maior flexibilização dos currículos de graduação e superação do modelo de currículo mínimo. Com isto, novas responsabilidades precisavam ser atendidas pelas Instituições de Ensino Superior (IES), que a partir de então tinham mais autonomia didático-científica na construção de currículos dos seus cursos (BRASIL, 1996).

Aliado ao exposto, visando prover uma formação de enfermeiros qualificados e que atendessem ao perfil epidemiológico e social da comunidade vigente, em 2000, ano em que o município de Sobral encontrava-se em pleno processo de implementação do Programa Saúde da Família (PSF), o então secretário de saúde, médico sanitário, Luiz Odorico Monteiro da Silva buscou dialogar com a coordenação do Curso de Enfermagem, representada pelas professoras Maristela Inês Osawa Vasconcelos e Maria Socorro de Araújo Dias, para inclusão à matriz curricular do Curso uma disciplina em que os estudantes do 1º semestre já tivessem contato com a comunidade e os serviços de saúde.

Esse diálogo entre estes e outros atores que compunham a gestão da saúde municipal e do Curso, a exemplo do Secretário Adjunto da Saúde e docente do Curso de Enfermagem, o cirurgião-dentista, Carlos Hilton,

um dos autores deste capítulo, levou a concepção da disciplina *Introdução às práticas em sistemas de saúde*, que foi inserida no semestre 2000.2 na matriz curricular do Curso de Enfermagem do fluxo de 1996.1, com uma carga horária de 90h, de forma optativa, e seria ministrada pelo secretário de saúde Odorico Monteiro, Profa. Cibelly Aliny, a qual mantinha um contrato de trabalho com a UVA como professora bolsista e a médica sanitaria Ivana Cristina de Holanda Barreto, que nesta época participava da gestão municipal coordenando os processos de educação permanente em saúde junto aos trabalhadores do Sistema Único de Saúde, conforme relembra Odorico Monteiro:

*“Outra frente (de atuação colaborativa entre o Curso de Enfermagem da UVA e a Secretaria de Saúde de Sobral) foi mexendo no currículo do curso, já discutindo e criando a inserção do enfermeiro, já no início do curso. Aí nós criamos uma disciplina que foi fundamental, já formando o enfermeiro, discutindo ali uma futura integração com o curso de medicina que viria ser instalado pela Universidade Federal do Ceará em Sobral. Então, aí foi um outro momento importante, esse momento da integração e construção dessa disciplina no curso e eu fui professor dessa disciplina, eu queria destacar o papel que a Cibelly Aliny teve nesse processo aí, digamos que ela foi nossa estagiária, depois foi nossa professora na disciplina e hoje integrando o nosso mestrado”.*

A disciplina apresentava uma carga horária teórico-prática estruturada com conteúdo teórico que envolvia o

estudo da história da saúde pública no Brasil, bem como sua evolução, enfatizando o movimento da reforma sanitária, o papel das conferências nacionais de saúde, especialmente a de 1986, em que ocorreu a participação popular e culminou com a Constituição Cidadã (1988), garantindo “Saúde de Todos” por meio da institucionalização do SUS; a discussão sobre a necessidade da ruptura do modelo biomédico para o modelo de saúde da família, o conhecimento do Programa Agente Comunitário de Saúde (PACS) e o Programa Saúde da Família (PSF) como estratégias para implementação dos princípios do SUS. Além disso, resgatávamos como esse novo modelo de atenção proposto no Brasil dialogava com o Movimento Internacional de Promoção da Saúde. No que se refere às aulas práticas, estas eram desenvolvidas nos territórios de saúde do município de maneira que os estudantes eram distribuídos nas Unidades de Saúde da Família de diferentes territórios para acompanhar as visitas domiciliares realizadas pelos agentes comunitários de saúde e pontualmente desenvolviam atividades de educação em saúde sobre temáticas específicas junto às escolas municipais, no sentido de apoiar as ações promotoras de saúde já em desenvolvimento pelos profissionais do PSF, bem como romper com o paradigma do modelo curativista da saúde.

Cabe destacar que o movimento feito pelo Curso de Enfermagem da UVA, com a inserção da disciplina de Introdução às práticas em sistemas de saúde, trouxe contribuições para além dos muros de sua casa, pois ela

instrumentalizou o desenho dos Módulos de Atenção Básica em Saúde da matriz curricular da Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Ceará do campus Sobral a partir de 2001, liderado pelo Prof. Gerardo Cristino, primeiro coordenador do Curso que fora Diretor do Centro de Ciências da Saúde da UVA. Ademais, salienta-se que a contribuição da disciplina na formação dos egressos foi tão evidente, que ainda repercutiu nas mudanças futuras de reorientação da formação e conseqüentemente na grade curricular do curso em meados de 2006.

Conforme ressalta Saraiva (2014), o fruto de parcerias entre o Curso de Enfermagem da UVA que protagonizava e que contribuíram para qualificação profissional em Sobral, não somente de futuros profissionais, mas também de profissionais já inseridos no campo de trabalho, foi a realização da primeira Residência Multiprofissional em Saúde da Família, desenvolvida pela então Escola de Formação em Saúde da Família Visconde de Saboia (EFSFVS) e chancelada pelo Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão da UVA, que contou com participação ativa de docentes do Curso de Enfermagem da UVA na formulação do Projeto Pedagógico, na preceptoria das primeiras turmas e nas orientações das monografias, conforme destacado pelo secretário Odorico Monteiro, idealizador deste Programa de residência:

*“A Residência Multidisciplinar de Sobral foi a primeira grande residência em escala no SUS construída em sistemas municipais de saúde, ou seja, você*

*tinha algumas experiências isoladas em faculdades como na Bahia, mas eram pequenas, restritas, não eram em larga escala e eram dentro da universidade. A gente já começou construindo ali com a UVA uma titulação da Residência. Essa grande residência transformou todos os profissionais de saúde em residentes e aí foi fundamental essa parceria nossa com a UVA. Queria destacar aqui o papel das professoras Eliany, Maristela e Socorro Dias. Elas foram fundamentais nessa estruturação, nesse suporte, nesse apoio a residências. Foi um trabalho, um grande desafio e não era uma residência que tinha só enfermeiro, mas nós tínhamos assistente social, fisioterapeuta, terapeuta ocupacional, nutricionista; a gente tinha todos esses profissionais que estavam ali fazendo parte dessa residência e que foi fundamental essa parceria nossa com o Curso de Enfermagem da UVA”.*

Este programa de residência, reconhecido nacionalmente, a princípio, era destinado aos profissionais que atuavam na ESF que respondiam às necessidades do novo modelo de atenção à saúde que se implantava em Sobral, na intenção de melhor qualificá-los. Posteriormente, foi ampliada a oferta de novas turmas por meio de processos seletivos públicos e com apoio financeiro do Ministério da Saúde, formando massa crítica para consolidação do SUS em todo território nacional. Este é um legado de mãos e mentes da Escola de Saúde Pública Visconde Saboia e da Universidade Estadual Vale do Acaraú, com justo registro da participação efetiva de seus docentes, inclusive com responsabilidade de dirigir e coordenar este processo, a

exemplo dos professores Socorro Dias, Maristela Inês e Reginaldo Parente.

Assim, se iniciam os primeiros movimentos e fortalecimento da integração ensino-serviço-comunidade em Sobral, a partir da inserção de uma disciplina propulsora que aproxima estudantes, profissionais e professores para dentro dos territórios e serviços de saúde. Uma semente que foi plantada, germinou e deu fruto ao que hoje já se encontra normatizado e denominado como Lei Sistema Saúde Escola de Sobral.

### **Considerações Finais**

São inegáveis os avanços que esta década proporcionou ao Sistema de Saúde Escola de Sobral. Sua gênese se encontra nesta década. Nesta década se constata a melhoria do acesso e qualidade da assistência à saúde evidenciada pelos indicadores e expressão de satisfação dos usuários e trabalhadores. Notadamente, tem-se um cenário de significativa redução da mortalidade infantil e materna, de ampliação da cobertura assistencial e de oferta de serviços e de valorização da participação comunitária nos processos decisórios.

Neste escopo, o Curso de Enfermagem da UVA foi gigante em acompanhar a dinâmica das políticas públicas em curso, em não se furtar aos compromissos sociais e éticos e ao envolver-se na construção de um sistema de saúde orgânico com o sistema formador. Maior que os desafios, é a satisfação em ver o protagonismo da

enfermagem aflorando em mais espaços, possibilitando aos estudantes visualizar diferentes campos de atuação e, conseqüentemente, vivenciar o fortalecimento político, ético, crítico, reflexivo da profissão.

Ademais, olhar pelo retrovisor e enxergar as contribuições do Curso de Enfermagem da UVA no fomento à organização curricular e no apoio estrutural à implantação do curso de medicina da UFC em Sobral; na formação de residentes em saúde da família, numa perspectiva ousada de formação de pós-graduação, contra hegemônica, multiprofissional, para responder às necessidades de formação para o SUS e destacadamente ver, sentir e ler trajetórias de egressos do Curso que fizeram e fazem o SUS dar certo, é ânimo para seguirmos com ousadia e compromisso.

Vê-se que apesar das intensas mudanças ocorridas na década, as transformações no curso foram sendo aprofundadas e ampliadas nas décadas posteriores, com a reformulação do projeto político pedagógico, qualificação docente e fortalecimento do tripé universitário, contribuições para sistema local de saúde que serão apresentados nos capítulos a seguir.

## **Referências**

ANDRADE, L. O. M. de; MARTINS JUNIOR, T. Saúde da Família: Construindo um Novo Modelo A experiência de Sobral. *SANARE - Revista de Políticas Públicas*, v. 1, n. 1, 1999. Sobral, Ceará. Disponível em: <https://sanare>.

emnuvens.com.br/sanare/article/view/215/202 . Acesso em: 17 ago. 2022.

ANDRADE, L.O.M., BARRETO I.C.H.C., BEZERRA, R.C. Atenção primária à saúde e estratégia de saúde da família. In: CAMPOS, G.W.S., MINAYO, M.C.S., AKERMAN, M., DRUMOND JÚNIOR, M., CARVALHO, Y.M., (Org.). *Tratado de saúde coletiva*. São Paulo: Hucitec; 2008. p. 783-836.

ÁVILA, M. M. M. Origem e evolução do Programa de Agentes Comunitários de Saúde no Ceará. *Revista Brasileira em Promoção da Saúde*, v. 24, n. 2, p.159-168, 2011, Fortaleza. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/408/40819262011.pdf>. Acesso em: 16 ago. 2022.

BRASIL. Presidência da República. *Constituição da República Federativa do Brasil de 1988*. Brasília: 1988.

BRASIL. Ministério da Educação. *Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996*. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília: MEC, 1996. Disponível em: [http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/lei9394\\_ldbn1.pdf](http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/lei9394_ldbn1.pdf). Acesso em: 11 set. 2022.

BREHMER, L. C. F., RAMOS, F. R. S. O modelo de atenção à saúde na formação em enfermagem: experiências e percepções. *Interface*, v. 20, n. 56, 2016, Botucatu. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=180142937012>. Acesso em: 11 set. 2022.



BRITO, M. C. C. *Formação do enfermeiro para a atenção Básica: análise da orientação teórica, cenários de prática e orientação pedagógica de um curso de graduação*. 2014. 123f. Dissertação (Mestrado em Saúde da Família) – Universidade Federal do Ceará (Campus Sobral), Programa de Pós-Graduação em Saúde da Família, Sobral-CE. Disponível em: [https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/26401/1/2014\\_dis\\_mccbrito.pdf](https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/26401/1/2014_dis_mccbrito.pdf). Acesso em: 02 set. 2022.

DIAS, H. S. A., LIMA, L. D., TEIXEIRA, M. A trajetória da política nacional de reorientação da formação profissional em saúde no SUS. *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 18, n. 6, p. 1613-1624, 2013, Rio de Janeiro. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/HNSRXR83T7VKTXFf4qwNxQp/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 11 set. 2022.

FANTIN, J. T. Projeto Rondon: extensão universitária e Agenda 21 na Amazônia. *INTERAÇÕES*, v. 12, n. 1 p. 115-124, 2011, Campo Grande. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/inter/a/L9nWvS3zrHdZZkCkLxLYFNd/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 18 ago. 2022.

LAVOR, A. C. H.; LAVOR, M. C.; LAVOR, I. C. Agente comunitário de saúde: um novo profissional para novas necessidades da saúde. *SANARE - Revista de Políticas Públicas*, v. 5, n. 1, 2004, Sobral - Ceará. Disponível em: <https://sanare.emnuvens.com.br/sanare/article/view/130>. Acesso em: 25 jul. 2022.

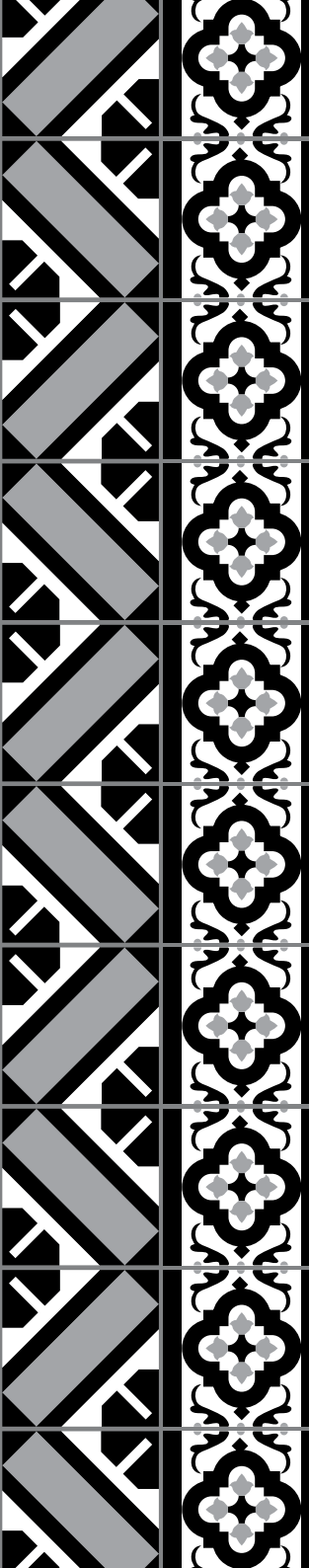
OLIVEIRA, F. M. M, VASCONCELOS, M. I. O., VIEIRA, I. P. G. F., FERREIRA, A. G. N., CAVALCANTE, A. S. P., TEÓFILO, F. K. S. Inserção de egressos do curso de graduação em enfermagem no mercado de trabalho. *SANARE - Revista de Políticas Públicas*, v. 13, n. 1, 2014, Sobral – Ceará. Disponível em: <https://sanare.emnuvens.com.br/sanare/article/view/439/293>. Acesso em: 18 ago. 2022.

RIBEIRO, L. L. S., ANDRADE, L. O. M. A enfermagem e a construção de novos saberes e práticas a partir da Estratégia Saúde da Família. *SANARE - Revista de Políticas Públicas*, ano V, n.1, 2004, Sobral – Ceará. Disponível em: <https://sanare.emnuvens.com.br/sanare/article/view/128/120>. Acesso em: 03 ago. 2022.

XIMENES NETO, F. R. G., PONTE, M. A. C., AMARAL, M. I. V. ROCHA, J., CUNHA, I. C. K. O. Percepção dos enfermeiros sobre a prática profissional na estratégia saúde da família. *Biblioteca Las Casas*, 2009; v. 5, n. 5, Andaluzia, Espanha. Disponível em: <http://www.index-f.com/lascasas/documentos/lco468.pdf>. Acesso em: 02 ago. 2022.

SARAIVA, M.J.G. *A escola de formação em saúde da família visconde sabóia: narrativas que resgatam uma história*. 2014. 98f. Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino na Saúde) – Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza. Disponível em: <https://siduece.uece.br/siduece/trabalhoAcademicoPublico.jsf?id=88119>. Acesso em: 25 jul. 2022.





# Matizes da Formação Científica e Política no Curso de Enfermagem da UVA: Vozes que Reconhecem o Percurso e Apontam Caminhos

*Maria Socorro de Araújo Dias  
Maria Adelane Monteiro da Silva  
Manuelle Maria Marques Matias  
Alessandra Ponte de Queiroz Miranda  
Christianne Marie Aguiar Coelho  
Augusta Brito de Paula  
Maria da Conceição Coelho Brito*

# **Matizes da Formação Científica e Política no Curso de Enfermagem da UVA: Vozes que Reconhecem o Percurso e Apontam Caminhos**

Maria Socorro de Araújo Dias  
Maria Adelane Monteiro da Silva  
Manuelle Maria Marques Matias  
Alessandra Ponte de Queiroz Miranda  
Christianne Marie Aguiar Coelho  
Augusta Brito de Paula  
Maria da Conceição Coelho Brito

## **De quem são as vozes que ecoam as palavras que subsidiam esta escrita e produzem sentido?**

O propósito de iniciar este capítulo com uma indagação repousa em seu objetivo de registrar a função indutora da formação da(o) enfermeira(o), no Curso de graduação da Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA), com base científica-crítica para um agir ético-político e socialmente comprometido com o bem-viver, com a superação das iniquidades estruturais, com a qualidade dos processos de trabalho em saúde e suas consequentes transformações sociais e valoração da imagem identitária da enfermagem. Ressaltamos a inserção em um contexto de produção de uma obra alusiva aos 50 anos deste Curso, que marcadamente logra seu lugar na história brasileira da formação de enfermeiros.

Outrossim, o enunciado expresso na indagação que inicia esta escrita parte da compreensão de que não somos seres assujeitados ou neutros na construção desta história. Somos mulheres, como expressão da maioria da nossa profissão; sim, somos todas enfermeiras e egressas do Curso de Enfermagem da UVA e estamos atuando nos campos da produção científica e do agir político, acreditando no potencial dessas duas dimensões como possibilidades de atuação da enfermagem e transformações da realidade para um viver mais justo no escopo de um projeto de felicidade. Ademais, recorreremos às palavras para ecoar nossas vozes, acreditando no sentido que estas produzirão nesta narrativa e que versará sobre nossas experiências.

Recorreremos a Jorge Larrosa Bondía (2002) para apresentar ao leitor que entendemos experiência como aquilo “que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca”. E como entendemos a força das palavras para nos aproximarmos de uma tradução dessa experiência, pois estas “produzem sentido, criam realidades e, às vezes, funcionam como potentes mecanismos de subjetivação”.

Cumpre-nos, ainda, anunciar o corte temporal a que este capítulo se reportará: quarta década do Curso de Enfermagem da UVA, compreendendo o período de 2003 a 2012. Neste realçar – ainda que se considere e valorize a indissociabilidade ensino-pesquisa-extensão e a práxis política da formação em todas essas dimensões – o papel da formação para a formação científica e política da(o)

enfermeira(o). Contudo, é preciso compreender que, na historicidade que permeia uma linha do tempo, nenhum fato ocorre de modo isolado ou desconectado de seus antecedentes, bem como ecoam prospectivamente com seus desdobramentos. Afinal, a ação educativa é permanente e os efeitos desta são processuais, reverberando a médio e longo prazos.

Nesse sentido, importa registrar quais lugares ocupavam as autoras na década referida e em quais cenários de atuação estão inseridas no momento desta escrita (2022), para dar sentido ao que somos e ao que nos acontece, retomando as ideias de Larrosa Bondía (2002).

No interstício de 2003 a 2012, a primeira autora, já como pesquisadora, professora efetiva e coordenadora do Curso de Enfermagem, liderava um processo de reestruturação curricular integrando ensino-serviço-comunidade, em conexão com um movimento nacional de reorientação da formação em saúde, estimulado pelo Pró-Saúde. Neste processo participativo de construção de um novo currículo atento aos novos desafios da formação, a segunda autora, após concluir seu doutoramento, foi aprovada em concurso público e retornava ao curso como professora efetiva. Neste mesmo cenário de aprendizagem, a terceira autora se graduava e se destacava por fortes inserções na pesquisa, na extensão e por sua postura crítica construtiva sobre a formação e as políticas públicas. No cenário de práticas, ocupando espaços de gestão e atenção, estavam atuando a quarta, quinta e

sexta autoras, protagonizando a construção de sistemas de saúde escola como lideranças, apontavam-se no cenário político regional. A última autora, neste ínterim, se graduava inserindo-se na pesquisa desde os primeiros semestres, progredindo, após graduada, com atuação na atenção à saúde e no ensino técnico, vivenciando espaços de debates políticos sobre a profissão, cursando mestrado e retornando ao Curso de Enfermagem da UVA como professora substituta.

Uma década depois, eis que as competências que se avizinhavam naquelas lideranças se consolidam e estas lideranças ocupam lugares políticos instituídos nos poderes legislativos e executivo, no âmbito municipal e estadual, posicionando-se com firmeza e docilidade na defesa da manutenção dos direitos sociais, da Ciência, da boa Política e na valorização da profissão enfermagem. Em convergência, a pesquisa como expressão mais concreta da Ciência, comprometida com a qualificação da vida e com a indução de políticas, ocupa a agenda de quatro autoras desta narrativa. Todas reconhecidas em seus campos de atuação, são professoras de graduação em enfermagem, na mesma escola em que se graduaram e em outras instituições de ensino superior, além de contribuírem na formação de novos pesquisadores em programas de pós-graduação.

Pelo exposto, tem-se a expectativa de expressar os sentidos iniciais da experiência de termos sido graduadas pelo Curso de Enfermagem da UVA e de seguirmos na



profissão vivenciando experiências que são expressões do vivido e dão sentido ao viver.

### **O que se passa na década de 2003 a 2012? Movimentos do local ao contextual que se retroalimentam**

O Sistema Único de Saúde (SUS), maior política de inclusão social e contra hegemônica aos valores predominantes no Estado brasileiro, em sua segunda década de existência, seguia com desafios em sua organização com vistas à superação do modelo hospitalocêntrico e construía uma nova forma organizativa, com ênfase na atenção primária à saúde, orientada pelos valores do campo da promoção da saúde. Neste ínterim, reconhecem-se conquistas, entraves para sua consolidação e destaca-se o papel participativo e de responsabilidade de todos os atores do SUS na produção da saúde (MINAYO, 2008).

Nessa trajetória, a enfermagem tem se destacado, representando uma categoria profissional fortemente inserida no SUS e fundamental para sua construção e consolidação. De acordo com Backes *et al.* (2012), a enfermagem se diferencia pelo desenvolvimento de práticas interativas e integradoras de cuidado, às quais vêm adquirindo uma repercussão cada vez maior, tanto na educação e promoção da saúde, quanto no fomento de políticas voltadas para o bem-estar social das famílias e comunidades. No âmbito do SUS, o processo de trabalho dos enfermeiros caracteriza-se pelo desenvolvimento de

ações que apresentam maior proximidade com os usuários e, normalmente, representam o maior quantitativo de profissionais dentro das instituições, o que tem propiciado maior visibilidade da importância social e política (GOMES; OLIVEIRA; SÁ, 2007), ainda que consideremos aquém da real importância que a profissão apresenta e que, por vezes, é invisibilizada.

No estado do Ceará, especialmente, em sua região norte, esse lapso temporal é marcado por profundas mudanças na área da saúde, sobressaindo-se a experiência de Sobral como marco e referência para a região. Neste município, que a partir de 1997 procurou atender aos princípios básicos do SUS e o do, então, Programa Saúde da Família como expressão da concretização da reforma sanitária no âmbito local, com impacto positivo na saúde da população; foi assumida uma diretriz política: a transformação de um Modelo de Atenção de base hospitalocêntrico para um modelo centrado nos pressupostos da Saúde Coletiva. Nesta construção, Sobral demarcou a clara compreensão que a efetivação deste modelo passava, necessariamente, por investimento em uma política de educação na saúde que favorecesse a orgânica relação entre universidade e sistema de saúde na constituição do que se denominaria Sistema Saúde Escola (DIAS, 2017).

Todo esse movimento de retroalimentação nacional-loco-regional exigiu das instituições formadoras a reorientação do processo de formação, com vistas ao de-

envolvimento de competências profissionais, para uma atuação que considerasse o conceito ampliado de saúde, orientado pela promoção da saúde, atento aos determinantes sociais e que respondesse aos problemas de saúde da atualidade vivenciados em cada realidade local.

Nesse itinerário, tem-se em 2001 a institucionalização de novas Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN) para os Cursos de Graduação em Enfermagem, a partir da Resolução Nº 03/01-CNE/CES, as quais orientam a organização curricular das Instituições de Ensino Superior (IES) do País (BRASIL, 2001). Diante disso, as IES têm procurado considerar em seus currículos: a flexibilidade, a interdisciplinaridade, a contextualização, a unicidade da relação teoria-prática e o respeito aos valores éticos, estéticos e políticos. Estes aspectos são reconhecidos como essenciais na formação de profissionais competentes para lidar com os desafios do século XXI (SCHERER; SCHERER, 2012).

Assim, diversas mobilizações foram adotadas no sentido de disparar transformações nos modelos de formação dos profissionais, buscando integrar a universidade aos segmentos da sociedade civil e às comunidades, em uma parceria que potencializasse as alternativas de mudanças pedagógicas, organizativas e de interações institucionais. Esse movimento tornou-se necessário para que a academia demonstrasse sua relevância no contexto social e para que a formação dos estudantes se desse a partir de problemas da realidade concreta (SILVA; SENA, 2006).

O curso de graduação em Enfermagem da Universidade Estadual Vale do Acaraú – UVA vivenciou esse movimento internamente. E, no percorrer desta década, no ano 2009, desenvolveu uma nova proposta curricular, orientada pela educação por competências, baseada em um novo modelo pedagógico, buscando promover a integração do ensino-serviço como prática concreta e cotidiana do processo ensino-aprendizagem no e para o sistema de saúde.

O “então novo currículo da Enfermagem” se ancora na intencionalidade e expectativa de que, ao longo de um processo reflexivo, dialógico e comprometido com as mudanças exigidas pela sociedade, as IES que oferecem cursos de graduação e, particularmente, de enfermagem, elaborem seus Projetos Pedagógicos demonstrando a internalização desse processo pelos atores envolvidos na mudança (LOPES NETO *et al.*, 2007).

Nas DCN do Curso de Graduação em Enfermagem há uma propositura de que a construção do projeto pedagógico seja coletiva, centrado no aluno como sujeito e apoiado pelo professor como facilitador e mediador do processo ensino-aprendizagem, buscando a formação integral e adequada por meio de uma articulação entre o ensino, a pesquisa e a extensão/assistência. A metodologia no processo ensino-aprendizagem deve estimular o aluno a refletir sobre a realidade social e aprender a aprender, permitindo, assim, uma formação crítica, reflexiva e criativa (BRASIL, 2001).

Compreendemos que essa abordagem pedagógica estimula o desenvolvimento de pesquisa, a partir de problemas reais, favorecendo a produção e socialização do conhecimento, considerando a evolução epistemológica dos modelos explicativos do processo saúde-doença, buscando respondê-los. Desse modo, ainda contribuirá, pelo teor reflexivo e crítico, para o desenvolvimento de competências sociopolíticas, favorecendo que o estudante de enfermagem e futuro profissional se posicione politicamente frente aos fatos e contextos e possa, se assim desejar, atuar diretamente na política, desenvolvendo um dos papéis da cidadania.

Portanto, destacamos e dialogamos nesse capítulo com as seguintes competências específicas na formação do profissional enfermeiro previstas nas DCN: “desenvolver, participar e aplicar pesquisas e/ou outras formas de produção de conhecimento que objetivem a qualificação da prática profissional; e reconhecer o papel social do enfermeiro para atuar em atividades de política e planejamento em saúde” (BRASIL, 2001). Reconhecemos que, ao longo dos anos, a Enfermagem buscou firmar-se como ciência e profissão de relevância para cuidado integral à saúde, constituindo como papel das IES a contribuição para formação de um enfermeiro como ser sociopolítico.

Consideramos que a formação científica e política dos estudantes de enfermagem é necessária para o fortalecimento profissional do enfermeiro ao estimular um exercício sustentado pela autonomia científica e

poder, e no adequado reconhecimento e visibilidade social do seu fazer (BRITO *et al.*, 2020). Nessa perspectiva, o Curso de Enfermagem da UVA procurou fortalecer, ao longo da sua quarta década de existência, a formação com base científica, fomentando o desenvolvimento de competências ao estudante para participação política em diferentes espaços, quer seja numa atitude de atuação política comprometida com um projeto de sociedade para todos; quer na inserção na “vida política”, sendo eleitos democraticamente pelo povo, para integrarem os poderes executivos ou legislativos e nestes serem vozes que traduzam as necessidades das maiorias e da categoria profissional. Os tópicos que seguem tratarão melhor das experiências desse processo de construção.

### **Formação de base científica para um agir crítico-investigativo**

No contexto da universidade, espera-se que os estudantes desenvolvam competência para lidar com a complexidade do ser humano, do meio em que vivem e viabilizar recursos que possibilitem a construção de uma consciência crítica a respeito do contexto em que eles próprios estão inseridos. Dessa premissa deriva-se que o ensino deve privilegiar abordagens ativas, crítico-reflexivas, que permitam a construção de competência abrangendo ações políticas, éticas e técnicas, valorizando o estudante como ser integral (CLAPIS *et al.*, 2004).

Nessa conjuntura, compreende-se que a consolidação de um perfil de egresso com competências multidimensionais requer uma trajetória que incorpore uma série de movimentos que, de modo ascendente, culminem com a concretização do objetivo almejado. Desta compreensão desdobra-se o reconhecimento de movimentos antecedentes à década em apreço (2003 a 2012) que alicerçaram a formação de enfermeiras/os com acurada competência científica e política. Face a isso, o movimento do Curso de Enfermagem da UVA, em busca destes caminhos, inicia, mesmo antes do ano de 1996, quando a matriz curricular do Curso passa por mudanças e incorpora uma disciplina que tem ênfase no desenvolvimento do método científico, sendo exigido do formando a apresentação de um trabalho monográfico como um dos requisitos para a obtenção do título. Nesse percurso, vale destacarmos a inserção de estudantes do Curso de Enfermagem no Programa de Iniciação Científica da Universidade, possibilitando-o vivenciar de forma mais intensa o universo da pesquisa.

Para além de uma nova modelagem curricular, ao longo das suas terceira e quarta décadas, diversos momentos sinalizavam a busca do Curso de Enfermagem da UVA por uma proposta de ensino direcionada às reais necessidades sociais da população. Em 1997, inicia-se a discussão de uma nova proposta curricular que pudesse articular de forma dinâmica o ciclo básico e clínico, o ensino, serviço e comunidade, teoria e prática, por meio da

integração dos conteúdos. Movimentos de mudança foram tensionados ao longo do tempo no Curso de Enfermagem, a exemplo do Projeto de Estágios e Vivências no Sistema Único de Saúde (VER-SUS).

No semestre 2000.1, gradua-se a primeira turma de Enfermagem após apresentar monografia como parte de seu processo formativo, trazendo contribuições científicas para os serviços que se constituíram cenários de investigação, com potencial de reflexão e transformação da relação ensino/trabalho, ou seja, das relações entre o ensino e os serviços de saúde. Para Albuquerque *et al.*, (2008), experiências como estas caminham na direção de transformações dos velhos modelos de ensino para formação na saúde, os quais se mostram incapazes de responder adequadamente às necessidades apresentadas pela população.

Ao longo dos anos, tais movimentos oscilaram, em intensidade, mas também diversificaram em outras áreas profissionais. O exposto permite resgatar a constituição do primeiro grupo de pesquisa do Curso como espaço de aprendizagem, debate e fortalecimento da importância da iniciação à pesquisa na formação. O Laboratório de Pesquisa Social, Educação Transformadora e Saúde Coletiva (LabSUS) fora criado em 2006, com estrutura financiada pela Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico (Funcap), sendo contextual aos movimentos de reestruturação curricular do Curso. Liderado, desde a sua criação, pela primeira autora deste



capítulo, em 2009, este grupo de pesquisa foi certificado no Diretório de Grupos de Pesquisa do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

É reconhecida para a Enfermagem a valorização da produção científica para o desenvolvimento de uma prática clínica baseada em evidências, permitindo maior visibilidade, reconhecimento e sua consolidação como ciência. Essa interface pesquisa e formação acadêmica exerce influência positiva, sendo os grupos de pesquisas importantes estratégias de qualificação da profissão, incentivando os profissionais ao pensamento crítico, reflexivo e investigativo aos profissionais desde sua formação. Isso reafirma, também, a importância do investimento em oportunidades de bolsas de Iniciação Científica (IC), iniciado no Curso em 2020.1, o que estimulou(a) a participação de estudantes desde a graduação no universo da pesquisa acadêmica e favorece a formação de profissionais mais bem preparados para o mercado de trabalho, e encorajados à pós-graduação (ERDMANN *et al.*, 2013; COSTA *et al.*, 2014).

No curso destes movimentos de afirmação da pesquisa na formação do enfermeiro, foi implementada, em 2005, uma iniciativa interministerial da Saúde e Educação de um projeto de reorientação da formação do profissional de saúde para o SUS, o Programa Nacional de Reorientação da Formação Profissional em Saúde (Pró-Saúde). Por meio deste programa nacional, a partir de 2007, reflexões sobre a formação do enfermeiro na UVA

se fizeram presentes e, em 2009, foi constituída uma Comissão para elaboração de um novo projeto pedagógico para o curso.

Consonante com a intencionalidade do Pró-Saúde, o Curso de Enfermagem da UVA implanta gradativamente, a partir do semestre 2009.2, o currículo sob os moldes da estrutura modular e orientado pela educação por competências. O esquema modularizado da organização de conteúdo é um aspecto facilitador dos processos de interdisciplinaridade e integralização de conhecimento e um dos vetores propostos pelo Pró-Saúde na reorientação da formação do profissional de saúde (BRASIL, 2007).

O Curso de Enfermagem da UVA ao adotar o sistema modular passa a ter o seu currículo organizado a partir de dois tipos de módulos: sequenciais e longitudinais. Nestes, os conteúdos estão interligados na perspectiva de atingir os objetivos e as competências propostas, contemplando a interdisciplinaridade na organização curricular.

Consonante a isso, e, defendendo a importância do espírito científico na formação do estudante, o trabalho monográfico nesta proposta curricular, a Matriz (2009.2) apresentou uma reestruturação. Intitulado como Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), este foi inserido como um rol de vivências investigativas oportunizadas nos últimos três semestres do Curso, cada qual tensionando aprofundamentos crescentes, tanto sob o ponto de vista de elaboração do TCC (dimensão de produto) como para o desenvolvimento do espírito científico (dimensão

cognitiva) que colaboram com a transformação e fortalecimento da Ciência Enfermagem.

A integralização do TCC possibilita, ao estudante, transitar por aspectos que favorecem o desenvolvimento crítico-investigativo, uma vez que estimula o raciocínio e a argumentação fundamentada, orientando processos de tomada de decisão mais assertivos. E, é sob tal premissa, que os TCCs do Curso adotam as linhas de pesquisa como fios condutores, pois estas expressam alinhamentos com necessidades em saúde locais, nacionais e globais, sob as mais diversas perspectivas, e que colaboram com a formação do estudante.

### **A formação política para uma atuação implicada da enfermagem**

Traduzir os caminhos da formação política na graduação em Enfermagem da UVA nessas linhas escritas, enseja reconhecer que se trata de um projeto que compreende a importância dessa dimensão da formação nas nossas trajetórias pessoal e profissional. Ademais, permite um olhar sensível sobre a política como dimensão transversalizada de uma formação de excelência e que se ocupa, atentamente, em articular questões teóricas, conceituais e práticas, condizentes com o desenvolvimento de atores e atrizes atentos e implicados com a realidade que os cerca.

Afinal, política é aquilo que fazemos com intenção para mudar nosso cotidiano, nossas relações. Fazemos

política com os nossos corpos, com a nossa existência, com a nossa voz, também com ações deliberadas - e outras tantas vezes apenas reconhecemos as contingências do processo histórico e de vida que operam no exercício da Política. Nesta intervenção deliberada sobre nossas realidades, muitas vezes somos guiados por nossos valores e visões de mundo e tendemos a agir de acordo com as experiências de vida que nos forjaram como sujeitos. Contudo, não temos o menor controle do processo e sobre as consequências de nossas ações/intervenções sobre a realidade que, muitas vezes, são impremeditadas (GIDDENS, 1984).

Na formação em Enfermagem da UVA, diversos foram os convites feitos e que objetivavam o encontro com outros e outras nas suas mais diversas realidades no cotidiano da saúde. Encontros intermediados - desde o primeiro período da graduação - pela inserção institucional dos estudantes nos campos da extensão e pesquisa acadêmica, além do ensino. Por isso mesmo é preciso reconhecer que nossas trajetórias são frutos deste projeto e do processo histórico em que vivemos. Isso implica admitir que carregamos conosco os lugares de onde viemos. Nosso modo de pensar, nossos hábitos, nossa linguagem são reflexos de um processo histórico e político que está para além de nós mesmos, porque também nos formamos na coletividade. Somos sujeitos coletivos.

Portanto, olhar para a nossa formação como sujeitos individuais e coletivos, em última análise, implica em olhar para nós mesmos. Quem somos nós? De onde

viemos? Qual é a nossa história? Essa definitivamente é uma questão eminentemente política. E, olhando para essas questões, podemos chegar na provocação que nos traz até aqui, ao nosso lugar de origem que nos constitui e nos lança no mundo: qual é mesmo a formação em Enfermagem (e em Saúde) que nós defendemos?

Muito se discutiu sobre as características hegemônicas da formação em saúde, ainda predominantemente fundamentada na racionalidade médica da biomedicina (LUZ, 1993; CECCIM; FEUERWERKER, 2004; PINHEIRO; CECCIM; MATTOS, 2006). Este modelo tem nos levado a uma formação caracterizada pela fragmentação e uma excessiva especialização do cuidado prestado, comprometendo a integralidade.

Por outro lado, existe um rol de outras experiências de formação em saúde, contra-hegemônicas ao modelo biomédico, largamente documentadas desde, pelo menos, a década de 1990 e que se mostraram exitosas em seu propósito de reorientação das práticas formativas no campo da saúde. Experiências que nos conectam à grandiosidade de um Sistema de Saúde que segue vivo nos territórios de um Brasil profundo, apesar de tantos desafios que o atravessam.

Nesse contexto, retoma-se a experiência de formação em Enfermagem da UVA, cujo diferencial se dá não apenas pela reorientação curricular empreendida neste marco temporal, mas sobretudo pela profunda relação existente

entre Universidade - Sistema de Saúde - Comunidade que, pela sua porosidade, possibilitou ofertas de formação que transcendem os muros da Universidade. Neste processo, destacam-se os dispositivos do Programa de Educação pelo Trabalho para a Saúde (PET-Saúde), o Projeto Vivências e Estágios na Realidade do Sistema Único de Saúde (VER-SUS) e as Residências Multiprofissional em Saúde da Família e Saúde Mental, cujos envolvidos convivem, aprendem e se formam em coletividade no Sistema Saúde Escola de Sobral.

Ao longo destas décadas, o Sistema Saúde Escola de Sobral, do qual a Enfermagem UVA é componente estrutural e estruturante, tem sido responsável por formar profissionais e trabalhadores (as) da saúde – e da Enfermagem – críticos e críticas ao mundo que os cerca e, atores e atrizes profundamente comprometidos ética e politicamente com o SUS e a defesa da saúde universal.

Resgatando as perguntas anunciadas outrora, houve um investimento, especialmente com a Matriz Curricular 2009.2, em vivências teóricas, conceituais e práticas que favoreceram o desenvolvimento humano e profissional do estudante, em um sentido transversal à progressão dos semestres. Com isso, intentou-se mover a formação para dimensões que traduzissem a política em um caminho para ações transformadoras e cotidianas, em que os futuros enfermeiros se reconhecessem como profissionais autônomos, empoderados a partir de sua ciência e com postura reflexiva, inquieta e crítica. Este

ponto ainda reafirma o papel da pesquisa na formação, como fora apresentado em linhas anteriores.

Oportunamente, dedicou-se refletir sobre a constituição histórica da profissão como elemento de poder, face a necessidade de reconhecer os percursos para, assim, projetar e investir em e para novos caminhos. Essa discussão, adequadamente, inicia-se no primeiro semestre. Esse lugar, que não é o único no Curso, mas que se materializa mais concretamente, parte da premissa da necessária transmutação que o estudante já precisa vivenciar em sua visão e postura sobre a profissão ao ingressar no Curso. Trata-se, portanto, de um ponto de ruptura do que se era e entendia para o que se passa a ser, defender e construir na profissão.

É certo que ainda persistem desafios para o alcance da formação em saúde e em enfermagem que almejamos, mas as apostas feitas no âmbito da graduação em Enfermagem na UVA dão um bom direcionamento para a superação desses desafios, pois acionam diversos dispositivos de educação permanente em saúde que possibilitam a prática interprofissional e interinstitucional na reflexão sobre as práticas de cuidado em saúde que se espera no SUS. Mudar as práticas de cuidado em saúde é o horizonte para o qual nos dirigimos, nossa imagem-objetivo.

Com essa imagem-objetivo, os caminhos já anunciados pelo Curso de Enfermagem da UVA são reconhecidos em diversos debates produzidos, sobre

os quais se citam as produções sobre integralidade em saúde (PINHEIRO; MATTOS, 2006), clínica ampliada (CAMPOS, 1997), educação permanente em saúde (CECCIM, 2005; CECCIM; FEUERWERKER, 2004a; MERHY; FEUERWERKER; CECCIM, 2006; MERHY; FEUERWERKER, 2014), e humanização (CAMPOS, 2005). Essas produções reforçam a convocação de atores e atrizes produtores de saúde à reflexão sobre sua prática cotidiana, uma vez que contribuem para um olhar sobre as práticas desde o ponto de vista e de reflexão dos sujeitos que a exercem.

Propõe-se, além de olhar para as práticas que exercemos, um olhar a nós mesmos. Afinal, como falar sobre “formação” sem saber quem somos? Entender quem somos e o lugar que ocupamos ativamente neste mundo é uma tarefa urgente. Para, a partir de então, colocarmos-nos em um lugar de permanente autoanálise e autorreflexão rumo a um encontro efetivo com aquilo que nos implica, que dá sentido à nossa existência e à nossa prática. É esta tal consciência de sermos seres políticos que nos fazem implicados com a nossa realidade, na mesma medida em que nos impele à ação. Intervir em nossas realidades para a sua transformação se faz, portanto, um imperativo.

### **Lugares de fala da enfermagem na política**

A política é uma ação cotidiana de transformação que busca, por seus atos, fortalecer quem somos; é um ser que se expressa no lugar que ocupa, no estar. Frente a isso,



traz-se como importante reconhecer e relatar a ocupação da enfermagem nos espaços do legislativo e do executivo, tal como fazem a quarta, quinta e sexta autora deste relato, ao exercerem, respectivamente, as funções de vereadora, vice-prefeita e deputada estadual.

Ao longo da evolução da história, o conhecimento político vem sendo desenvolvido e aprimorado por ser uma prática que interfere na vida de todas as cidadãs e cidadãos, principalmente nos setores de saúde, educação e legislação. Tal aspecto contribui para a defesa de que a política deve ser entendida e praticada por todas e todos.

Historicamente, a organização política da Enfermagem brasileira iniciou-se após a diplomação da turma pioneira da Escola Anna Nery, em 1925, onde surgiu a ideia de se criar uma associação de ex-alunas. Assim, em 1926, essa associação foi fundada com o nome de Associação Nacional de Enfermeiras Diplomadas (ANED). Em 1954, a ANED tornou-se Associação Brasileira de Enfermagem (ABEN), com caráter cultural, científico e político, visando à consolidação do trabalho da Enfermagem como prática social, à defesa de políticas e programas para a melhoria da qualidade de vida da população e acesso universal e equânime aos serviços de saúde (ABEN, 2005; CARVALHO; GUIMARÃES, 2007). Tal recorte valoriza a incorporação de discussões, no Curso de Enfermagem da UVA, sobre a historicidade da profissão com vistas ao reconhecimento de movimentos fortalecedores dela.

Nesse ínterim, é imperativo refletir que o envolvimento da Enfermagem na política reverbera em importantes articulações para a categoria e no fomento de políticas públicas mais alinhadas às necessidades da população. Isso porque houve competências específicas estimuladas por espaços de debates e vivências oportunizadas pelo Curso de Enfermagem, como as já relatadas na seção anterior deste capítulo, e que favoreceram discussões analíticas sobre a sociedade, a importância de políticas públicas coerentes às necessidades da população e a gestão do cuidado como prática longitudinal de um sistema de saúde latente por uma intersetorialidade mais concreta e efetiva.

O exposto se sustenta na prerrogativa de que a qualidade política se expressa na intervenção crítica e criativa das pessoas em cenários históricos, amparada pelo conhecimento inovador e pela participação dos sujeitos, podendo alargar chances e conquistas. Entendemos que a qualidade política e a qualidade formal são importantes para o desenvolvimento profissional do enfermeiro, potencializando um agir comprometido com a emancipação (PIRES, 2002).

Assim, compreender nosso papel como profissional da enfermagem e sua importância na sociedade, juntamente com a experiência de anos de atuação no atendimento primário de saúde na rede de atenção básica, a nossa atuação no executivo ou legislativo, dá-nos a capacidade de uma percepção mais diferenciada sobre as

questões que orbitam em torno da nossa profissão. Logo, é uníssona a voz da necessidade e importância de termos representantes nos espaços de decisão, atuando em pautas de interesse para nossa categoria e a sociedade.

Mobilizações importantes foram realizadas, mais recentemente, como a aprovação dos projetos de indicação nº 94/2015 que dispõe sobre a redução da carga horária para 30 horas semanais dos servidores públicos estaduais ocupantes de cargos efetivos da categoria de Enfermagem, bem como o projeto de indicação nº 127/2021 que estabelece, no âmbito do estado do Ceará, o piso salarial do profissional da enfermagem. Tais proposições lançam luz na temática da enfermagem e na importância da categoria para nossa sociedade.

É fato que o reconhecimento da enfermagem pela sociedade está associado à sua efetiva organização como classe, aspecto que repercute sobre a sua força. Um exemplo disso foi a mobilização pela aprovação do piso profissional. Reafirma-se, portanto, que a enfermagem precisa da Política, pois é na Política que as decisões são tomadas. A Política permite questionar o que já foi construído, aprimorar as formas de construir e de concretizar novas ideias para que o nosso exercício profissional seja diversificado e objeto de constante reflexão. E essa reflexão deve florescer na alma da atual e futuras gerações.

Para que sejam obtidas respostas adequadas às recentes interrogações políticas que permeiam o nosso processo de trabalho, precisa-se modificar o modo de

conceber o cuidado de Enfermagem. A concepção desta, alicerçada aos padrões da racionalidade biomédica, não responde mais às múltiplas questões que envolvem o ser humano em sua dimensão política e social. Esse movimento de transformação do cenário de cuidado e da formação profissional é esperado e importante para a Enfermagem, pois esse processo impulsiona novos saberes, e estes, conseqüentemente, conduzem a novos fazeres em um interminável ciclo de renovação (MENDES, 2015; CAMARGO; OLIVEIRA, 2017).

Face a isto, é oportuno destacar a importância também da atuação política indireta, não-eletiva, do profissional de Enfermagem, por meio dos cargos de gestão pública (SANTOS; MELO, 2007), sejam em unidades de saúde ou outrem. Acreditamos que por meio da micropolítica dos espaços de poder, no seu modo de atuar, com os seus valores, crenças e seus conhecimentos técnicos, também existem espaços de atuação política, que podem ser utilizados como espaço de crescimento e participação democrática.

## **Considerações Finais**

As reflexões tecidas neste capítulo evidenciam a importância do Curso de Enfermagem da Universidade Estadual Vale do Acaraú para a região, expressas a partir de relatos, discussões e da própria história de vida de enfermeiras atuantes no campo da pesquisa e da política.

Deparamo-nos com os 50 anos do Curso de Enfermagem da UVA, olhamos para trás e reconhecemos que somos frutos e sujeitos desse processo histórico, que é também político. Destacamos, assim, a importância da formação científica e política para nossa trajetória pessoal e profissional.

Consideramos que o Curso acompanhou os processos de mudanças na saúde e na educação tensionados no país, comprometendo-se com a formação do enfermeiro, procurando atender as necessidades de saúde locais e da região. Reconhecemos o potencial de nossos egressos para transformações nas realidades, pois trata-se de formação com base científica, a partir de abordagens pedagógicas ativas, que fomentam o pensamento crítico e reflexivo para um agir ético-político e comprometido com a sociedade. As competências científicas, sociopolíticas, bem como as técnicas induzidas no processo de formação de nossos estudantes possibilita-os como enfermeiros lutarem pela valorização e reconhecimento da categoria profissional, favorecendo a sua atuação nos espaços políticos e de decisão, permitindo o desempenho de sua cidadania.

Desse modo, entendemos que o Curso de Enfermagem da UVA cumpriu, ao longo de suas cinco décadas, seu papel formador, preparando enfermeiros capazes de buscar respostas adequadas para os problemas reais de saúde da população. Ressaltamos que essa experiência da formação em enfermagem de nossa instituição é marcada por uma forte relação entre a Universidade, os serviços de saúde e a comunidade. Essa relação permeia intensamente o processo

ensino-aprendizagem e possibilita o desenvolvimento de competências necessárias ao enfermeiro enquanto ser sociopolítico.

Portanto, compreendemos que o percurso traçado pelo Curso de Enfermagem da UVA até hoje foi tecido por muitos e conseguimos nos perceber como parte desse processo. Acreditamos que o Curso faz parte da história de muitos sujeitos, destacando-se como equipamento social essencial na sociedade, e que ainda continuará escrevendo sua história, formando cidadãos implicados com uma sociedade mais justa.

## **Referências**

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ENFERMAGEM.  
*Estatuto da Associação Brasileira de Enfermagem*.  
Brasília: ABEn, 2005.

ALBUQUERQUE, V. S., et al. A integração ensino-serviço no contexto dos processos de mudança na formação superior dos profissionais da saúde. *Revista Brasileira de Educação Médica*. Asa Norte, Brasília, v 32, n. 3, 2008. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0100-55022008000300010>. Acesso em: 13 jul. 2022.

ANDRADE, L. O. M. de; MARTINS JUNIOR, T. Saúde da Família: Construindo um Novo Modelo A experiência de Sobral. *SANARE - Revista de Políticas Públicas*. Sobral, Ceará, v. 1, n. 1, 2013. Disponível em: <https://sanare.emnuvens.com.br/sanare/article/view/215>. Acesso: 13 jul. 2022.

ANDRADE, L. O. M. de; BARRETO, I. C. de H. C.; GOYA, N.; MARTINS JUNIOR, T. Estratégia saúde da família em sobral: oito anos construindo um modelo de atenção integral à saúde. *SANARE - Revista de Políticas Públicas*. Sobral, Ceará, v. 5, n. 1, 2013. Disponível em: <<https://sanare.emnuvens.com.br/sanare/article/view/118>>. Acesso em: 16 jul. 2022.

BACKES, D. S. et al. O papel profissional do enfermeiro no Sistema Único de Saúde: da saúde comunitária à estratégia de saúde da família. *Ciência & Saúde Coletiva*, v 1. p. 223-230, 2012.

BONDIA, J. L. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. *Revista Brasileira de Educação*. Rio de Janeiro, n. 19, p. 20-28, abr. 2002. Disponível em <[http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-24782002000100003&lng=es&nrm=iso](http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-24782002000100003&lng=es&nrm=iso)>. Acesso em: 10 jul. 2022.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Superior. *Resolução CNE/CES Nº 3*, de 7 de novembro de 2001. Institui Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação em Enfermagem. Brasília, 2001.

BRITO, M. da C. C. *et al.* Formação política do enfermeiro na graduação: ótica de acadêmicos de enfermagem. *Revista Enfermagem Foco*. v.11, n. 3. p. 15-21, 2020.

CAMARGO, P. M. S.; OLIVEIRA, C. C. *A lei de improbidade administrativa brasileira: mecanismo*

preventivo à boa administração pública. *Revista Eletrônica do Curso de Direito da UFSM*. Santa Maria, Rio Grande do Sul, v. 12, 1 ed. 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/revistadireito/article/view/23218>. Acesso em: 01 ago. 2022.

CAMPOS, G.W.S. *A clínica do sujeito: por uma clínica reformulada e ampliada*. 1997. Disponível em: <https://www.pucsp.br/prosaude/downloads/bibliografia/CLINICAampliada.pdf>. Acesso em: 11 nov. 2022.

CAMPOS, G.W.S. Humanização na saúde: um projeto em defesa da vida? *Revista Interface. Comunicação, Saúde e Educação*. Botucatu, v. 9, n. 17, 2005. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/icse/a/4XmzCwQ8HQfFRNXpGrPz8Sj/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 11 nov. 2022.

CARVALHO, V. L. S.; GUIMARÃES, C. M. Enfermagem e sindicalismo em Goiás: análise do período 1982-2004. *Revista Brasileira de Enfermagem (REBEn)*. v. 60, n. 2, 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/reben/a/5YW67bLWjyQXLtWLdLX4pnD/?lang=pt>. Acesso 11 nov. 2022.

CECCIM, R. B. Educação permanente em saúde: desafio ambicioso e necessário. *Revista Interface. Comunicação, Saúde e Educação*. Botucatu, v. 9, n. 16, 2005. Disponível em: <http://www.escoladesaude.pr.gov.br/arquivos/File/textos%20eps/educacaopermanente.pdf>. Acesso em: 11 nov. 2022.



CECCIM, R. B.; FEUERWERKER, L.C.M. Mudança na graduação das profissões de saúde sob o eixo da integralidade. *Cad. Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v. 20, n.5. p1400-1410, 2004. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csp/a/hZLwpVCM8N4ySDF5BNkKcgD/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 11 nov. 2022.

CECCIM, R. B.; FEUERWERKER, L.C.M. O quadrilátero da formação para a área da saúde: ensino, gestão, atenção e controle social. *Revista Physis*. Rio de Janeiro, v.14, n.1, 2004.

CLAPIS, M. J., et al. O ensino de graduação na escola de enfermagem de Ribeirão Preto da universidade de São Paulo ao longo dos seus 50 anos (1953-2003). *Revista Latino-americana Enfermagem*. v. 12, n.1, 2004. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-11692004000100002>. Acesso: 10 ago. 2022.

COSTA, A.C.B. et al. Perfil dos grupos de pesquisa de Enfermagem do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico. *Revista RENE*, v. 15, n. 3, 2014. Disponível em: [https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/11565/1/2014\\_art\\_acbcosta.pdf](https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/11565/1/2014_art_acbcosta.pdf). Acesso em: 25 jul. 2022.

DIAS, M. S. de A. et al. A tutoria como dispositivo de apoio a um Sistema Municipal de Saúde. *Saúde em Debate [online]*. 2017, v. 41, n. 114, pp. 683-693. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/0103-1104201711401>>. ISSN 2358-2898. <https://doi.org/10.1590/0103-1104201711401>. Acesso em:16 jul. 2022.

ERDMANN, A.L. et al. Políticas, gerência e inovação de grupos de pesquisa para a excelência em enfermagem. *Aquichan*, Chía, Colômbia, v. 13, n. 1, 2013. Disponível em: <http://www.scielo.org.co/pdf/aqui/v13n1/v13n1a09.pdf>. Acesso em: 16 jul. 2022.

GIDDENS, A. *A constituição da sociedade*. São Paulo: Martins Fontes, 1984.

GOMES; OLIVEIRA; SÁ. A enfermagem no Sistema Único de Saúde (SUS): repensando os princípios e conceitos de sustentação da atenção à saúde no Brasil. *Revista Psicologia: Teoria e Prática*. v. 9, n. 2, p.109-125, 2007.

LOPES NETO, D. Aderência dos cursos de graduação em enfermagem às Diretrizes Curriculares Nacionais. *Revista Brasileira de Enfermagem*, v. 60, n. 6, 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/reben/CzJpF6WLKfskkq-c/?lang=pt#:~:text=gradua%C3%A7%C3%A3o%2C%20modalidade%20bacharelado.-,O%20estudo%20revelou%20que%20o%20C3%ADndice%20de%20ader%C3%Aancia%20dos%20cursos,postulados%20preconizados%20por%20essas%20diretrizes>. Acessado em: 02 ago. 2022.

LUZ, M. T. *Racionalidades médicas e terapêuticas alternativas*. (UERJ) Instituto de Medicina Social (Série Estudos em Saúde Coletiva n° 62). 1993. Disponível em: <https://www.ims.uerj.br/wp-content/uploads/2017/05/SESC-062.pdf>. Acesso em: 11 nov. 2022.

MENDES, E. V. *A construção social da atenção primária em saúde*. Brasília: Conselho Nacional de Secretários de Saúde. Brasília, 2015. Disponível em: <https://www.conass.org.br/biblioteca/pdf/A-CONSTR-SOC-ATEN-PRIM-SAUDE.pdf>. Acessado em: 10 jul. 2022.

MERHY, E.E.; FEUERWERKER, L. C. M.; CECCIM, R. B. Educación permanente en salud: una estrategia para intervenir en la micropolítica del trabajo en salud. *Salud Colectiva*, Buenos Aires, v. 2, n. 2, p. 147-160. 2006. Disponível em: <http://revistas.unla.edu.ar/saludcolectiva/article/view/62/43>. Acessado em: 13 jul. 2022.

MERHY, E.E.; FEUERWERKER, L. C. M. *Educação Permanente em Saúde: educação, saúde, gestão e produção do cuidado*. 2014. Disponível em: [https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4448009/mod\\_resource/content/1/TRABALHO2.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4448009/mod_resource/content/1/TRABALHO2.pdf). Acesso em: 16 jul. 2022.

MINAYO, A. C. de S. Os 20 anos do SUS e os avanços na vigilância e na proteção à saúde. Editorial. *Epidemiol. Serv. Saúde*, Brasília, v. 17, n. 4, 2008. Disponível em: [http://scielo.iec.gov.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1679-49742008000400001](http://scielo.iec.gov.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-49742008000400001). Acesso em: 13 jul. 2022.

PINHEIRO, R.; CECCIM, R.B.; MATTOS, R.A. *Ensinar saúde: a integralidade e o SUS nos cursos de graduação na área da saúde* / Roseni Pinheiro, Ricardo Burg Ceccim e Ruben Araujo de Mattos, organizadores. 2. ed. – Rio de Janeiro: IMS/UERJ: CEPESC: ABRASCO, 2006. 336 p.

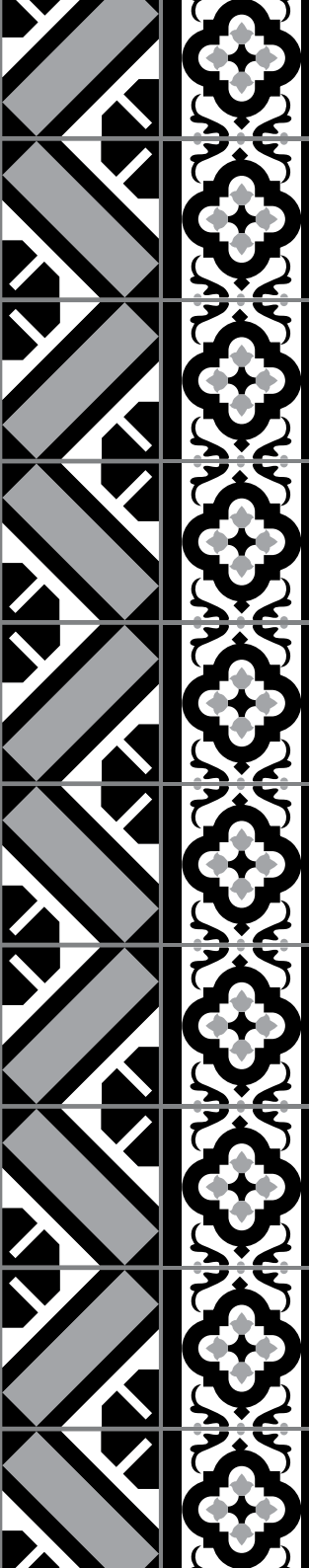
PINHEIRO, R.; MATTOS, R.A. *Os sentidos da integralidade na atenção e no cuidado à saúde*. Rio de Janeiro: UERJ, IMS: ABRASCO, 2006. 184p.

PIRES, M. R. G. M. Enfermeiro com qualidade formal e política: em busca de um novo perfil. *Interface Comunic Saúde Educ.*, v. 6, n. 10, 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/icse/a/DGY8F9gqYZb5MFQNY4yDfJb/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 16 jul. 2022.

SCHERER, Z. A. P.; SCHERER, E. A. Identificação dos pilares da educação na disciplina integralidade no cuidado à saúde. *Revista Escola de Enfermagem*. USP. São Paulo, 2012 v.46, n.4. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0080-62342012000400029>. Acesso em: 25 jul.2022.

SILVA, K. L.; SENA, R. R. de. A educação de enfermagem: buscando a formação crítico-reflexiva e as competências profissionais. *Revista Latino-Americana de Enfermagem*. v. 14, n. 5, Out, 2006. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-11692006000500018>. Acesso em: 16 jul. 2022.





De Enfermeiro  
a Docente  
Pesquisador em  
Programa de Pós-  
graduação *Stricto*  
*Sensu*: Agenda  
Positiva do Curso  
de Enfermagem  
da UVA na sua  
Quinta Década  
e Trajetórias de  
Egressos

*Maristela Inês Osawa Vasconcelos*  
*Andréa Carvalho Araújo Moreira*  
*Maria Amélia Carneiro Bezerra*  
*Antonio Rodrigues Ferreira Júnior*  
*Glauberto da Silva Quirino*  
*Roberta Cavalcante Muniz Lira*  
*José Maria Ximenes Guimarães*

# **De Enfermeiro a Docente Pesquisador em Programa de Pós- Graduação *Stricto Sensu*: Agenda Positiva do Curso de Enfermagem da UVA na Sua Quinta Década e Trajetórias de Egressos**

Maristela Inês Osawa Vasconcelos  
Andréa Carvalho Araújo Moreira  
Maria Amélia Carneiro Bezerra  
Antonio Rodrigues Ferreira Júnior  
Glauberto da Silva Quirino  
Roberta Cavalcante Muniz Lira  
José Maria Ximenes Guimarães

## **Introdução**

A educação superior no Brasil historicamente foi ofertada primeiramente nas metrópoles, capitais e em poucas cidades do interior do país. O acesso ao ensino superior por pessoas do interior do país era circunscrito, tendo êxito apenas poucos privilegiados ou pessoas que possuíam condições que lhes permitissem sair de sua cidade natal para estudar em outra cidade (SANTOS, 2015).

A década de 1960 trouxe para a educação brasileira avanços esperados há muito tempo pela sociedade e necessários para este setor no país. A aprovação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional em 1965 buscava atender a necessidade política e social de formação

de recursos humanos qualificados e de cientistas, pesquisadores e técnicos para o desenvolvimento de estudos e pesquisas para vários campos do conhecimento, dentre eles, o da saúde (DALBELLO-ARAÚJO; ANDRADE; RAMOS-SILVA, 2020).

Por seu turno, a Reforma Universitária de 1968 modernizou uma parcela significativa das universidades, no entanto, estas ainda apresentavam um certo caráter elitista e privatista. Assim, as universidades demandavam mudanças estruturais permanentes para garantir uma efetiva democratização do acesso e permanência dos estudantes, com equidade e qualidade para todos (BRAIDA; RUBI-OLIVEIRA, 2021).

Um avanço advindo da Reforma Universitária foi a criação da Política Nacional de Pós-Graduação, atualmente sob acompanhamento e avaliação da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), como compreende (DALBELLO-ARAÚJO; ANDRADE; RAMOS-SILVA, 2020). A partir daí, a Pós-Graduação passou a ser instrumento fundamental para a inovação do ensino superior no país, com inserção social das universidades e dos programas, reconhecendo assim, que as contribuições da pesquisa científica para a sociedade são mediadas por processos políticos, culturais e sociais amplos.

Dentro do campo da formação dos recursos humanos para a saúde, em nível superior, a Enfermagem enquanto ciência abrange o manejo do pensamento crítico contemporâneo, com vistas ao apoderamento de inova-



ções tecnológicas. Sendo assim, o compromisso social para lidar com os contextos de vida e saúde requer uma nova identidade do enfermeiro como produtor de conhecimentos, com investimentos na formação do enfermeiro cientista, em qualquer que seja a conjuntura de sua prática, revolucionando e consolidando seu papel na sociedade (ZANCHETA, 2018).

Nesse contexto, a formação em enfermagem ao tomar como base o currículo por competências, a aprendizagem significativa centrada no aluno, sendo os docentes facilitadores da aprendizagem, contribui para preparar, motivar e empoderar os enfermeiros para assumirem o protagonismo na construção de políticas de saúde e na produção do cuidado global, com um nível de liderança transformacional, em um contexto interprofissional (XIMENES NETO *et al.*, 2020).

Além disso, é importante considerar que o trabalho da enfermagem é reconhecido como altamente resolutivo na atenção à saúde da população e se mostra como a maior força de trabalho no Sistema Único de Saúde (SUS) pelo quantitativo de trabalhadores. O acelerado avanço científico e tecnológico e diferentes níveis de atuação e formação dos profissionais da enfermagem vem demandando parcerias entre a academia/universidades e as instituições prestadoras de atenção à saúde, com interesses mútuos emergindo uma nova era nas relações entre os diversos segmentos da sociedade (PRADO *et al.*, 2021).

O campo de atuação do enfermeiro abrange a educação básica e superior. Ao longo dos tempos, a figura do

professor tem sido fortemente influenciada por contextos políticos, econômicos e sociais. Assim, a identidade profissional do professor vem sendo pouco a pouco construída e transformada, em um processo dinâmico que varia de acordo com as reivindicações de cada época histórica (NÓVOA, 2008; 2017).

Nesse percurso de constituição profissional do ser docente, enfermeiros de formação adentram o espaço da universidade para uma outra atuação profissional. O *locus* da experiência profissional passa do cuidado assistencial para ser docente em uma instituição de ensino e, assim, a docência, requisito da profissão de professor, induz a uma nova profissionalidade. Como diz Sacristán (2010), antes de serem docentes, os professores são pessoas dependentes das suas qualidades pessoais e das suas relações sociais que estabelecem. Por isso, constituir-se docente é interseccionar aspectos idiossincráticos de um repertório de saberes e fazeres de cada um.

A partir da convivência e interação entre professores e alunos com suas culturas e contextos sociais diversificados, tanto o ensino como a intervenção pedagógica foram e continuam sendo influenciados pelos modos de ser, de estar e de agir dos envolvidos, sendo, portanto, o ensino, uma prática social (SACRISTÁN, 2010).

Nessa perspectiva, o Curso de Graduação de Enfermagem da Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA) apresenta-se no histórico da região Norte do Ceará como o primeiro de nível universitário a ser ofertado no interior

do estado, constituindo uma alínea social no processo de formação de enfermeiros para o mercado de trabalho (XIMENES NETO *et al.*, 2017). O currículo adotado pelo referido Curso, desde 2009, caracteriza-se como um modelo pedagógico estruturado pelo sistema modular e orientado pela educação por competência, o que favorece os processos de interdisciplinaridade e integralização de conhecimentos.

Em 1972, houve o primeiro vestibular para o curso de graduação em Enfermagem da UVA, sendo ofertadas 60 vagas/ano, onde os primeiros alunos concluíram em 1976. Em 23 de janeiro de 1975 foi autorizado pelo Decreto N<sup>o</sup> 75.269 como Curso de Enfermagem com habilitação em Obstetrícia, com duração de 4 anos. Em 18 de dezembro de 1979 foi reconhecido pelo Conselho Federal de Educação, por meio da Portaria N<sup>o</sup> 1.226 do Ministério da Educação e Cultura - MEC. Portanto, em 2022, o Curso de Enfermagem da UVA completa 50 anos de existência, já tendo formado mais de 2.500 alunos.

Uma das pesquisas realizada por Brito (2014) demonstrou que o Curso de Enfermagem da UVA busca uma formação do enfermeiro que engloba múltiplos determinantes, assim como biológico-sociais do processo saúde-doença no ensino-aprendizagem, além de motivar a prática investigativa e a educação permanente na produção de conhecimento alinhadas às demandas do SUS, sendo estas vivenciadas neste Curso por diferentes cenários de prática.

Desta forma, um estudo de revisão integrativa reve-

lou que é no processo de formação da graduação que ocorre grande influência na decisão do enfermeiro de ingressar ou não em uma pós-graduação *stricto sensu*. O preparo dos estudantes de enfermagem irá estimular o enfermeiro a continuar ou participar do ramo da pesquisa, inserindo-se em um curso de mestrado e doutorado (FERREIRA *et al.*, 2015).

Foi imbuído desta crença que um esforço conjunto desenvolvido pelo Curso de Enfermagem da UVA, o de Medicina de Sobral e a Escola de Formação em Saúde da Família Visconde de Sabóia, possibilitou a implantação do Mestrado Acadêmico em Saúde da Família (MASF), o primeiro do gênero no Brasil, aprovado pela CAPES com conceito em 2010. Dados do Programa sinalizam que atualmente são disponibilizadas entre 20 e 25 vagas; dos 17 docentes, 8 são da Enfermagem da UVA e das 154 dissertações defendidas até o primeiro semestre de 2022, 64 foram orientadas por docentes do Curso de Enfermagem da UVA.

Outro movimento de parceria que culminou com a criação do Programa de Pós-Graduação em Saúde da Família pela Rede Nordeste de Formação em Saúde da Família (PPGSF/RENASF) que oferta Mestrado Profissional em Saúde da Família (MPSF) e Doutorado Profissional em Saúde da Família (DPSF) foi a instalação da Fiocruz no Estado do Ceará no ano de 2008, onde a UVA, por meio do Centro de Ciências da Saúde, pôde integrar o grupo de trabalho que tinha por objetivo o fortalecimento e qualifi-

cação da Atenção Básica, sendo desencadeada uma série de reuniões e atividades com a participação de instituições de ensino e pesquisa do Estado e a FIOCRUZ.

Considerando a experiência do corpo docente da Enfermagem da UVA no MASF, a Universidade pôde se credenciar e oferecer turma desde a primeira oferta do MPSF/RENASF, no ano de 2012. Em 2019, o PPGSF/RENASF aprovou a proposta do primeiro Doutorado Profissional em Rede na área da Saúde no país. Atualmente o PPGSF/RENASF oferta sua 4ª turma de Mestrado e a 1ª turma de Doutorado. A UVA, enquanto Nucleadora, participa com 11 docentes do Curso de Enfermagem no MPSF e com 03 no DPSF. O MPSF/UVA ofertou 20 vagas para a 1ª turma (2012), 20 na 2ª (2014), 25 para a 3ª turma (2017) e 20 vagas na 4ª (2020), titulando como Mestre em Saúde da Família 62 profissionais da saúde até o ano de 2020. O DPSF conta com 4 doutorandos na sua 1ª oferta (2020). Para o ano de 2023, espera-se ofertar 25 vagas para a 5ª turma do MPSF e ampliar as vagas para a 2ª turma do DPSF na UVA.

Portanto, o período de 2011 a 2022, quinta década do Curso de Enfermagem da UVA, demarca avanços significativos na Pós-graduação *Stricto sensu* na nossa IES e em especial no Curso de Enfermagem, com destaque para o primeiro curso de Doutorado da Universidade Estadual Vale do Acaraú – UVA. Para a Enfermagem da UVA, para os docentes da Saúde Pública Coletiva, que lutam por uma Atenção Primária de qualidade, qualificar profissionais

como mestres e doutores é a certeza de avanços na produção do conhecimento e na integração entre ensino, serviço e comunidade nos sistemas de saúde, principalmente dos municípios da região Norte do Ceará, em especial na Estratégia Saúde da Família.

Reconhece-se que a formação *stricto sensu* se constitui como uma importante estratégia de consolidação do corpo de conhecimento, acarretando impactos significativos na produção científica e tecnológica, assim como na formação de enfermeiros com melhores práticas na atenção à saúde, incluindo também melhores práticas na educação.

Entretanto, estudos têm evidenciado um maior contingente de pesquisadores enfermeiros concentrados nas regiões Sudeste e Sul do país, áreas reconhecidamente de maior desenvolvimento nacional, mas cabe registrar a participação expressiva da região Nordeste na formação destes (*sic*) pesquisadores, com progressão de seus níveis (BARROS *et al.*, 2020).

Nessa conjuntura, no estado do Ceará, emergiram alguns questionamentos acerca da contribuição do Curso de Graduação de Enfermagem da UVA para a pós-graduação *stricto sensu* a nível estadual, tendo em vista que se observa, na última década, um elevado número de enfermeiros, mestres e doutores, egressos do Curso de Enfermagem da UVA. Assim sendo, foi tomada como pergunta: quais as contribuições do Curso de Graduação em Enfermagem da UVA para a pós-graduação *stricto sensu* no estado do Ceará?

Acredita-se que os resultados aqui apresentados dimensionam o potencial da UVA na formação de enfermeiros que atuam na prática docente em cursos de pós-graduação *stricto sensu*, compondo o desenvolvimento humano e profissional previsto no projeto pedagógico do Curso de Enfermagem da UVA.

A UVA responde à necessidade de formação de capital humano para desenvolvimento local e da região Norte do estado do Ceará, portanto este capítulo alicerça-se na importância em apresentar seus feitos e potencialidades, principalmente quando se chega aos cinquenta anos de existência de um Curso, como está sendo comemorado, no ano de 2022, o Curso de Enfermagem da UVA.

Dessa forma, este capítulo objetiva apresentar as contribuições do Curso de Graduação em Enfermagem da UVA para a pós-graduação *stricto sensu* no Ceará e descrever a construção da identidade docente-pesquisador de enfermeiros que atuam como professores pesquisadores na formação universitária, mais especificamente em programas de pós-graduação *stricto sensu*, a partir da análise de narrativas autobiográficas de egressos do Curso de Graduação em Enfermagem da UVA.

Para este capítulo, tomamos a narrativa como principal método para analisar a construção desta (nova) profissionalidade. Estudos como o de Mignot e Souza (2015) apontam que a narração se constitui em reflexão quando se quer compreender melhor o processo de constituição docente, visto que, ao contarem as suas experiências, estes

refletem acerca do que está acontecendo e buscam caminhos alternativos para a formação de sua identidade profissional.

A relevância desta produção é propiciar uma efetiva discussão no campo da identidade docente e autorreflexão, de maneira que possamos contribuir na (re)construção da identidade desses novos docentes oriundos do campo da saúde.

## **Método**

Para este capítulo, nos apoiamos em narrativas autobiográficas com a intenção de apreender a construção identitária de docentes oriundos da graduação em Enfermagem da Universidade Estadual Vale do Acaraú-UVA. Para tanto, desenvolvemos esta produção no ano em que o curso comemora seu cinquentenário.

Em contextos de pesquisas e práticas de formação docente, a pesquisa autobiográfica se materializa como uma excelente forma de possibilitar as construções de identidades individuais e coletivas (SOUZA, 2014; MIGNOT & SOUZA, 2015). Dessa forma, nesse caminhar metodológico, destacamos as entrevistas provenientes do método autobiográfico, a fim de explorar o campo da investigação aqui proposto.

A partir das narrativas que envolvem histórias de vida pessoal e profissional, o narrador retoma sua histó-



ria no intuito de ressignificá-la, pois como aponta Delory-Momberger (2014), ressignificar é dizer como os indivíduos se tornam indivíduos. Neste sentido, a narrativa autobiográfica explicita como o sujeito enxerga a si mesmo e aos outros, permeados pelas dimensões social, cultural, histórica, linguística, política, ética, e como esses sujeitos constroem sua identidade à medida que tomam consciência de suas histórias.

Sob esse recorte, é relevante destacar que se intencionou, por meio das entrevistas narrativas, ouvir essas histórias constitutivas de trajetórias de vida e como elas contribuíram, ou não, para a profissionalidade da docência na educação universitária. De forma não intencional, para o enfermeiro narrador se tratou também de uma investigação de sua história.

Corroborando com essa ideia, Delory-Momberger (2012; 2014) justifica que a utilização das histórias de vida ou narrativas autobiográficas, como métodos de pesquisa ou fonte de investigação, constitui-se não única, mas uma das principais vias da construção de identidades. Sendo assim, quando os enfermeiros narram suas trajetórias de vida por intermédio desses espaços de interação e de reflexão de suas vivências pessoais e profissionais, estão se permitindo a formação e (re)construção das identidades, dentre elas a identidade docente.

Creswell (2014) ratifica a importância das histórias narrativas à medida que, no momento de sua fala acerca das experiências vividas, essa narrativa lança luz sobre as identidades e sobre as imagens que cada um tem de si mesmo. Pensando na autobiografia como método, reconhecemos que esse fazer foge do positivismo e valoriza as micro-histórias porque transpõe o conhecimento hermético e cartesiano. Na narrativa e pela narrativa, o sujeito executa um trabalho de configuração e de interpretação, dá forma e sentido às suas experiências pessoais e profissionais e, refletindo sobre elas, é possível entender como se constituiu a identidade profissional e o fazer docente.

Segundo Passegui, Nascimento e Oliveira (2016), quem escuta, registra e pondera sobre as narrativas captadas. Essa escuta sensível deve ser fundamentada no reconhecimento da historicidade do narrador e de seu pertencimento social, considerando que o narrar histórias experienciadas proporciona um revisitar, reconsiderar e ressignificar o conhecimento de si, transformando assim não apenas quem fala, mas também o pesquisador, que em uma perspectiva pedagógica, se forma com a pesquisa e dela participa.

Nesse sentido, os estudos autobiográficos convocam as complexas relações que o indivíduo estabelece com representações, crenças e valores que circulam em seu entorno, mediante uma infinidade de narrativas, que lhes são transmitidas e as que ele próprio elabora sobre o que acontece e o que lhe acontece. De acordo com Santos & Ba-

tista (2018), ao desnudar condições estruturais, normas, opiniões, as narrativas possibilitam mapear as referências que informam, orientam e conduzem a uma maneira de conceber e de agir, que não é somente de um único ator social, mas que também perpassam situações históricas, econômicas e culturais específicas que são compartilhadas pelos membros de uma sociedade.

Essa estratégia utilizada objetivou proporcionar elementos suficientes para garantir uma análise e a qualidade da pesquisa. O espaço empírico compreendeu o Curso de Graduação em Enfermagem da UVA, localizado no município de Sobral-CE, caracterizada como uma instituição pública estadual destinada à formação de profissionais em nível de graduação e pós-graduação, *lato e stricto sensu*, com a missão de ofertar ensino superior de excelência, de forma inclusiva, flexível e contextualizada, buscando, por meio da pesquisa e extensão, soluções que promovam a qualidade de vida.

O coletivo de enfermeiros docentes atuantes no Curso de Graduação em Enfermagem da UVA é formado por 20 profissionais, 13 deles professores efetivos e 07 substitutos, todos atuando em sala de aula da graduação e 11 em programas de pós-graduação *stricto sensu*.

Participaram da pesquisa dez enfermeiros docentes da pós-graduação no Ceará, egressos do Curso de graduação em Enfermagem da UVA, cuja identificação foi preservada. O contato com os potenciais participantes para esta produção ocorreu no mês de julho, por endereço ele-

trônico, quando foi entregue uma carta convite e enviadas as perguntas norteadoras para desenvolvimento das narrativas dos participantes, sendo estipulado um prazo de 15 dias para sua devolução.

A análise do material empírico ocorreu de forma temática a partir de categorias analíticas fundamentadas nas questões de pesquisa. As narrativas foram agrupadas por “núcleos de sentidos”, selecionados a partir de sua significância para a pesquisa e os relatos transcritos. Desta forma, foram apresentadas as seguintes categorias temáticas: a) Trajetórias da inserção como docente na pós-graduação *stricto sensu*; b) Contribuições da UVA para tornar-se docente na pós-graduação *stricto sensu*.

## **Resultados e Discussão**

Na presente produção, observa-se que os egressos do Curso de Graduação de Enfermagem da UVA na condição de docentes da pós-graduação *stricto sensu*, desenvolvem atividades relevantes que contribuem para o desenvolvimento da ciência e da sociedade no campo da saúde, tendo em vista uma totalidade de 1.333 artigos publicados em periódicos (Quadro 1).

Além disso, há significativa participação na qualificação de recursos humanos, quando estes orientaram 164 alunos de mestrado e 15 de doutorado. Semelhante ao estudo de Bublitz *et al.* (2019), a variabilidade do quantitativo de atividades realizadas por cada docente pode ter

sido influenciada pelo tempo de ingresso na pós-graduação, que se diferencia entre os participantes deste estudo.

Quadro 1 - Síntese das principais atividades acadêmicas desenvolvidas por docentes da pós-graduação *stricto sensu* do Ceará, egressos da UVA, 2022.

<b>ATIVIDADES DESENVOLVIDAS PELOS DOCENTES</b>	<b>TOTAL</b>
Artigos completos publicados em periódicos	1.333
Livros publicados/ organizações ou edições	74
Capítulos de livros publicados	470
Participação em banca de trabalho de conclusão - Graduação	1.197
Participação em banca de trabalho de conclusão /Especialização/ Residência	974
Participação em banca de trabalho de conclusão - Mestrado	423
Participação em banca de trabalho de conclusão - Doutorado	82
Orientação de Iniciação Científica	292
Orientação de Graduação	595
Orientação de Especialização/ Residência	406
Orientação de Mestrado	165
Orientação de Doutorado	15
Bolsa de Produtividade em Pesquisa CNPq	2

Fonte: Plataforma lattes, 2022.

Nesse ínterim, reconhece-se que a partir da materialização das publicações científicas em periódicos e livros, a eficiência e a produtividade docente passam a ser almejadas em índices, e assim sendo, subordinadas a metas quantitativas, o que se assemelha aos setores de produção de bens materiais (TEIXEIRA; MARQUEZE; MORENO, 2020). Com base nisso, o produtivismo acadêmico é entendido como “fenômeno em geral derivado dos processos oficiais ou não de regulação e controle, supostamente de avaliação, que se caracteriza pela excessiva valorização da quantidade da produção científico-acadêmica, tendendo a desconsiderar a sua qualidade” (SGUISSARDI, 2010, p.1).

Outrossim, estudo realizado com docentes da pós-graduação do estado de São Paulo concluiu que quanto maior a percepção de pressão por publicação maior o estresse. Entretanto, esse achado parece não refletir na satisfação (ou insatisfação) do trabalho. Nesse contexto, Hoffman *et al.*, (2018) refletem que entre os docentes da pós-graduação parece ocorrer uma naturalização sobre sua condição de trabalho, o que pode caracterizar como falta de senso crítico por parte dos docentes sobre a desproporção entre o volume de trabalho assumido e a carga horária prevista para seu cargo; de outra maneira, também pode ser adotado um esforço pessoal para se ajustar à dinâmica intensa de atividades, tendo em vista a priorização dos resultados exigidos pela pós-graduação e a massiva concorrência entre os pares para ser o melhor pesquisador.

Os participantes egressos do curso de graduação em Enfermagem da UVA se formaram entre os anos de 1980 e 2004. Sete (07) docentes estavam inseridos em programas de pós-graduação *stricto sensu* no interior do estado do Ceará e três (03) docentes na capital. As instituições de ensino superior nas quais se vinculam aos Programas de Pós-Graduação *stricto sensu*, são: Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA), Universidade Federal do Ceará (UFC-Sobral), Universidade Estadual do Ceará (UECE), Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) e Universidade Regional do Cariri (URCA). Inseridos nos seguintes programas de pós-graduação *stricto sensu*, nas modalidades acadêmico e profissional: Saúde da Família; Saúde Coletiva; Enfermagem e Educação.

Estes programas possuem a característica de agregar estudantes com distintas categorias profissionais, o que exige docentes com clareza da importância de seu papel como facilitadores da interação entre indivíduos com formação heterogênea.

Atualmente salienta-se como essencial a educação interprofissional em saúde global, para formação de profissionais que possam atuar em sistemas que têm exigido novas competências para as complexas demandas que surgem rotineiramente (HERATH *et al.*, 2017).

Nesse âmbito, atenta-se para a possibilidade de que egressos do curso de graduação em Enfermagem da UVA, inseridos como docentes em programas *stricto sensu* multiprofissionais, ocorra por reverberações positivas oriun-

das de sua formação como enfermeiros na UVA, considerando o foco na atuação específica da categoria, aliado ao entendimento de seu papel social como um dos responsáveis pela qualificação do sistema de saúde.

Ademais, é essencial o entendimento da graduação em enfermagem como oportuna no preparo do enfermeiro para o ato de ensinar (educação em saúde), visto que as orientações aos pacientes, familiares, comunidades e equipes de saúde fazem parte do cotidiano laboral desta categoria. Alguns indivíduos conseguem perceber a potência destas ações e inserem o ensino como prioridade nas escolhas profissionais, o que exige ampliação da qualificação para sua atuação (JACK, KINLOCH, O'BRIEN, 2019).

Pesquisadores situam a prática docente como um trabalho imaterial que articula informação, conhecimento e comunicação (HYPÓLITO & GRISHCKE, 2013; HOFFMAN *et al.*, 2018). Para Hypólito & Grishcke (2013), o trabalho docente é um fenômeno que deve ser melhor explorado tendo em vista as diversas mudanças da educação no contexto de todas as transformações que se realizam na sociedade de mercado e no mundo do trabalho.

Destaca-se também, que a maioria dos docentes egressos da UVA optou por realizar doutoramento na grande área de Enfermagem. Dobrowolska *et al.* (2021), defendem que os programas de doutorado em Enfermagem possuem o desafio de formar pesquisadores e docentes capazes de atuar para melhorar a qualidade das práticas profissionais nos sistemas de saúde, bem como desen-



volver pesquisas que respondam às demandas urgentes destes sistemas.

## **Trajetórias da inserção como docente na pós-graduação *stricto sensu***

A experiência docente inicia-se com o intento e expectativas geradas a partir do núcleo familiar e se concretiza por meio da inserção do exercício acadêmico nos cursos de graduação em Enfermagem à medida que ocorre o ingresso como professor efetivo de instituições de ensino superior públicas. Essa experiência do ensino de graduação aumenta o desejo e a segurança no fazer da pós-graduação.

*“O ser docente corre em minhas veias... na família de minha mãe, seis de seus irmãos são professores, e ela também. O sustento de nossa família veio predominantemente de uma professora determinada que trabalhava três turnos para nos dar “o melhor ensino”, como ela mesma falava” (Egresso 3).*

*“Minha inserção como docente na pós-graduação *stricto sensu* ocorreu em 2017 e coincide com a minha entrada como professora efetiva do Curso de Enfermagem da Universidade Estadual Vale do Acaraú” (Egresso 1).*

Uma trajetória de busca de formação e atuação profissional marcada por diversos cenários e níveis de atenção à saúde que se configuram como uma dimensão que contribuiu para o desenvolvimento de competências docentes na pós-graduação. Essa materialidade é uma consequên-

cia da formação *stricto sensu* dos egressos que estimula a continuidade do trabalho na posição de docente.

*“Sempre na busca de realização pessoal e profissional, em 2005, dei um passo importante para a concretização da minha formação de pesquisador e professor, cuja semente tinha sido plantada ainda na graduação. Ingressei no Curso de Mestrado Acadêmico em Saúde Pública, da Universidade Estadual do Ceará (UECE). Em seguida, no Doutorado em Saúde Coletiva, na mesma instituição”* (Egresso 7).

A dimensão do desejo de realização pessoal e profissional por meio do exercício da docência e da pesquisa, associadas à atividade acadêmica da pós-graduação possibilitou a mudança social e epistemológica com a criação de grupos de pesquisa, financiamento externo para o desenvolvimento de estudos e bolsa de produtividade em pesquisa por agência de pesquisa nacional.

Além de docentes de cursos de pós-graduação *stricto sensu*, há a participação na construção e aprovação de curso de Mestrado em Enfermagem no interior do estado do Ceará, bem como a experiência na gestão dos cursos com posições de coordenação nas áreas de Enfermagem e Saúde Coletiva.

Entretanto, desafios ainda são relatados, sobretudo em um contexto sociopolítico no qual o fazer universitário tem sido questionado quanto à sua legitimidade e relevância social marcado pela desigualdade na produção do conhecimento.

*“Ainda sinto que estar inserido em programas de pós-graduação stricto sensu no interior do Estado do Ceará se constitui um desafio, sobretudo para a consecução de um nível excelente de produção acadêmica e alcance de projeção nacional e internacional, o que requer esforços individuais, por não haver uma política institucional e governamental que dê apoio a programas que se localizam geograficamente fora de grandes eixos demográficos” (Egresso 6).*

Nesta conjuntura, produzir conhecimento articulando atividades de ensino, pesquisa e extensão universitária, envolvendo os níveis de graduação e pós-graduação se conectam a partir das experiências vividas pelos docentes egressos do curso da UVA na consolidação de suas trajetórias de vida e profissional.

### **Contribuições da UVA para tornar-se docente na pós-graduação *stricto sensu***

As contribuições da UVA na formação de enfermeiros docentes em pós-graduação *stricto sensu* parecem estar estritamente relacionadas à didática de professores que inspiraram os sujeitos narradores.

*“Entendo que as bases para minha inserção e atuação no âmbito desses programas foram germinadas ainda na graduação em Enfermagem na UVA, na formação e no convívio com professores que inspiraram e, por vezes, incentivaram a minha caminhada na busca por qualificação e desenvolvimento profissional” (Egresso 7).*

A formação em Enfermagem, oportunizada pela Universidade Estadual Vale do Acaraú, marcou as trajetórias de vida e profissional dos egressos, com destaque para o comprometimento, inspiração e incentivo dos professores no ensino, pesquisa e extensão para uma formação de qualidade pautadas nas diretrizes curriculares nacionais e necessidades locorregionais que propiciaram experiências como bolsista de iniciação científica, monitoria acadêmica, participação em eventos científicos e apresentação de trabalhos acadêmicos.

Foram apontados como princípios pedagógicos e éticos norteadores apreendidos na UVA:

*“(...) a luta pela educação e saúde pública de qualidade, o reconhecimento da ciência como potencializadora de inovação para melhoria da vida das pessoas, a força do coletivo para construções no mundo e o respeito às escolhas e caminhos individuais” (Egresso 2).*

Desta maneira, o processo de ensino aprendizagem adotado pelo Curso de Enfermagem da UVA assemelha-se às dimensões da didática Freiriana, as quais abrangem: a dimensão ético-política que tem como eixo central a educação humanizadora e a justiça social, sendo aquela que define a intencionalidade da educação, no paradigma crítico-emancipatório de Paulo Freire; a dimensão metodológico-investigativa que tem, como expressão, a investigação temática e a dimensão epistemológico-pedagógica, que diz respeito aos saberes necessários à prática docente (SAUL; SAUL, 2017).

A formação acadêmica na pós-graduação do corpo docente da UVA promoveu um conjunto de habilidades e competências para a prática docente e de pesquisa desenvolvidas durante a graduação, sobretudo com a reformulação curricular do curso e a qualificação docente na pós-graduação *stricto sensu*, o que produziu uma mudança paradigmática por meio do ingresso de novos docentes oriundos da capital do estado por meio de concurso público.

*“Aquele certame representou uma mudança no perfil docente, com repercussões na nossa formação, uma vez que a discussão sobre pesquisa, elaboração de manuscritos científicos e a apresentação de trabalhos em congressos, começavam a entrar em evidência no curso”* (Egresso 7).

Os egressos tiveram a possibilidade de vivenciar todas as formas de aprender, fazer e ser na universidade oportunizadas pelos docentes da UVA, desde as atividades acadêmicas até as sociais. Uma delas destaca-se pela produção acadêmica dos professores do curso com foco para as teorias de enfermagem. Esses elementos narrativos a partir da formação inicial foram capazes de ampliar a cosmovisão para o exercício docente dos egressos.

*“Quando eu era acadêmica meu lema era SIM, vivi de forma intensa tudo o que a universidade pôde me oferecer”* (Egresso 4).  
*“Os professores já estimulavam a produção científica e participação em eventos científicos com apresentação de trabalhos. Naquele período tive a oportunidade de ir*

*para eventos locais, regionais e nacionais partilhando as pesquisas produzidas junto com os professores” (Egresso 8).*

O processo formativo na Universidade Estadual Vale do Acaraú foi capaz de contribuir para o estímulo do desenvolvimento de competências e habilidades do exercício da docência nos níveis de graduação e pós-graduação.

*“A afinidade com a prática docente e o espírito investigativo era latente desde a graduação. Gostava de apoiar os professores nas aulas, de inovar quando tínhamos seminários, sempre pensando em metodologias diferentes. (Egresso 3)*

*Minha primeira pesquisa acadêmica foi desenvolvida no terceiro semestre do curso, na disciplina de “Projetos Especiais” (...) A pesquisa foi apresentada no Congresso Brasileiro de Enfermagem e naquela ocasião lembro o quanto me senti feliz por de alguma forma contribuir com a produção do conhecimento da Enfermagem por meio da pesquisa” (Egresso 6).*

Estas experiências durante a graduação parecem ter reverberações por um longo período, auxiliando as decisões tomadas pelos egressos no intuito de se tornarem docentes. Salienta-se que ao longo dos anos a universidade mudou com ampliação de oportunidades aos alunos no ensino, pesquisa e extensão, bem como qualificação de sua estrutura física.

*“Era uma época diferente da época que vivemos agora, uma vez que não havia internet e para pesquisar era necessário vencer algumas limitações. Era preciso contar*

*com os materiais dos professores (assinaturas de revistas científicas, livros etc.) e ir às bibliotecas, tanto da própria UVA, como também das universidades de Fortaleza” (Egresso 10).*

Nesse sentido, os desafios vivenciados na graduação foram lembrados, ao tempo em que essas memórias são tidas como positivas para analisar a melhoria contínua da qualidade da formação desenvolvida no Curso de Enfermagem da UVA. Ademais, fica explícito o longo e contínuo processo de formação que resulta no exercício laboral de um docente na pós-graduação *stricto sensu*, iniciado a partir das experiências basilares produzidas na graduação.

## **Considerações Finais**

As análises das narrativas apresentadas nesta produção expressam satisfação e reconhecimento dos participantes sobre a importância da formação na UVA para tornarem-se docentes de pós-graduação *stricto-sensu*. Ao falarem de suas trajetórias, estes despertam para a valorização de uma formação humana e emancipatória, bem como sinalizam que a formação está indissociavelmente relacionada à produção de sentidos sobre as vivências pessoais e profissionais.

Nesta perspectiva, ficou evidente que as experiências integradas de ensino-pesquisa-extensão, bem como a motivação de professores inspiradores, fundamentam sua prática docente assemelhada aos pressupostos freirianos e foram determinantes para a caminhada na pesquisa e pós-graduação.

Apreendemos das narrativas a certeza de que é possível avançar na carreira profissional do Enfermeiro em direção ao ser docente e pesquisador e que as possibilidades de transformações envolvem cada um, suas experiências, suas reflexões, aliadas às novas perspectivas, em direção a novos fazeres e novos cenários. A pesquisa realizada mostrou que a formação inicial e pós-graduada são dimensões fundamentais para a constituição da profissão docente e da carreira de pesquisador.

Além disso, analisamos as narrativas nas suas expressões de memórias e experiências que retratam e expõem a vida privada de egressos do curso de graduação Enfermagem, no sentido de enriquecer nossa interpretação acerca de uma Universidade que se reinventa ao longo da história com o compromisso da qualidade do ensino.

Reconhecemos a complexidade da educação em todos os níveis e destacamos a importância de que docentes se mostrem dispostos a se desenvolverem com o viés da fraternidade, intercambiando conhecimento profissional, mantendo-se acessíveis e receptivos para novas maneiras de se constituírem e se reinventarem como docentes e pesquisadores.

## Referências

BARROS, Alba Lúcia Bottura Leite de *et al.* Pesquisa em enfermagem e a modificação da árvore do conhecimento no CNPq: contribuição à ciência. *Revista Brasileira de Enfermagem [online]*. 2020, v. 73, n. 1. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/reben/a/tkb3ggNzGXrQPgk5phhntHx/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 31 jul. 2022.



BRAIDA, J. A.; RUBIN-OLIVEIRA, M. Pós-graduação *stricto sensu*: das propostas às perspectivas no/do processo de interiorização. *Cadernos Zygmunt Bauman*, v. 11, n. 25, 2021, Maranhão. Disponível em: <https://periodico-seletronicos.ufma.br/index.php/bauman/article/view/15804/8921>. Acesso em: 31 jul. 2022.

BRITO, M. C. C.. *Formação do Enfermeiro para atenção básica: análise da orientação teórica, cenários de prática e orientação pedagógica a partir de um curso de graduação*. 2014. 123 f. Dissertação (Mestrado em Saúde da Família) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza. Disponível em: [https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/26401/1/2014\\_dis\\_mccbrito.pdf](https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/26401/1/2014_dis_mccbrito.pdf). Acesso em: 31 jul. 2022.

BUBLITZ, S. *et al.* Perfil dos enfermeiros docentes atuantes em programas de pós-graduação “*stricto sensu*” de instituições públicas. *Revista de Enfermagem da UFSM*, v. 9, p. 5, 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/reufsm/article/view/31556/html>. Acesso em: 31 jul. 2022.

FERREIRA, R. E. *et al.* MOTIVAÇÃO DO ENFERMEIRO PARA INGRESSAR EM UMA PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU*. *Revista Baiana de Enfermagem*, v. 29, n. 2, 2015. Disponível em: [https://www.researchgate.net/profile/Gabriela-Santos-30/publication/281612086\\_MOTIVACAO\\_DO\\_ENFERMEIRO\\_PARA\\_INGRESSAR\\_EM\\_UMA\\_POS-GRADUACAO\\_STRICTO\\_SENSU/links/595116eb45851543383c6787/MOTIVACAO-DO-ENFERMEIRO-PARA-INGRESSAR-EM-UMA-POS-GRADUACAO-STRICTO-SENSU.pdf](https://www.researchgate.net/profile/Gabriela-Santos-30/publication/281612086_MOTIVACAO_DO_ENFERMEIRO_PARA_INGRESSAR_EM_UMA_POS-GRADUACAO_STRICTO_SENSU/links/595116eb45851543383c6787/MOTIVACAO-DO-ENFERMEIRO-PARA-INGRESSAR-EM-UMA-POS-GRADUACAO-STRICTO-SENSU.pdf). Acesso em: 31 jul. 2022.

CRESWELL, J. W. *Investigação qualitativa e projeto de pesquisa: escolhendo entre cinco abordagens*. 3. ed. Porto Alegre: Penso, 2014. 342 p.

DALBELLO-ARAÚJO, M.; ANDRADE, J. G. F.; RAMOS-SILVA, V. Esforços da pós-graduação em políticas públicas e desenvolvimento local para a interiorização. *Serviço Social & Sociedade*, n.139, p. 500-510. 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ssoc/a/YVDyr6HQdmkS3d3CLvX-C3xR/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 5 out. 2022.

DELORY- MOMBERGER, C. Experiencia y formación. biografización, biograficidad y heterobiografía. *Revista Mexicana de Investigación Educativa*, v. 19, n. 62, p. 695-710. 2014. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/140/14031461003.pdf>. Acesso em: 31 jul. 2022.

DELORY- MOMBERGER, C. Abordagens metodológicas na pesquisa biográfica. *Revista Brasileira de Educação*, São Paulo, v. 17, n. 51, pp. 523-536, 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/5JPSdp5W75LB3cZW9C3Bk9c/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 5 out. 2022.

DOBROWOLSKA, B. *et al.* Doctoral programmes in the nursing discipline: a scoping review. *BMC Nursing*, v. 20, n. 1, p. 228, 2021.

HERALTH, C. *et al.* A comparative study of interprofessional education in global health care: a systematic review. *Medicine*, Baltimore, v. 96, n. 38, 2017.

HYPOLITO, A. M. & GRISHCKE, P. E. (2013). Trabalho imaterial e trabalho docente. *Educação (UFSM)*, 38(3), 507-522. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/reveducao/article/view/8998/pdf>. Acesso em: 5 out. 2022.

HOFFMANN, C. *et al.* Relações entre autoconceito profissional e produtividade na pós-graduação. *Psicologia & Sociedade*, Santa Maria – RS, v. 30, 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/psoc/a/fZRCW6f686ktb3RYWNWGk9D/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 14 ago. 2022.

JACK, B. A.; KINLOCH, K.; O'BRIEN, M. R. Teaching nurses to teach: a qualitative study of nurses' perceptions of the impact of education and skills training to prepare them to teach end-of-life care. *Journal of Clinical Nursing*. v. 28, n. 9-10, p. 1819-1828, 2019.

JOSSO, M. C. Histórias de vida e formação: suas funcionalidades em pesquisa, formação e práticas sociais. *Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)Biográfica*, Salvador, v. 05, n. 13, p.40-54, 2020. Disponível em: <https://revistas.uneb.br/index.php/rbpab/article/view/8423/5390>. Acesso em: 27 jul. 2022.

MIGNOT, A. C.; SOUZA, E. C. Modos de viver, narrar e guardar: diálogos cruzados sobre pesquisa (auto)biográfica. *Revista Linhas*, Florianópolis, v. 16, n. 32, p. 10-33, 2015. Disponível em: [https://www.revistas.udesc.br/index.php/linhas/article/view/1984723816322015010/pdf\\_83](https://www.revistas.udesc.br/index.php/linhas/article/view/1984723816322015010/pdf_83). Acesso em: 5 out. 2022.

NÓVOA, A. *Profissão Professor*. Portugal: Porto Editora, 2. ed. 2008. 192 p.

NÓVOA, A. Firmar a posição como professor, afirmar a profissão docente. *Cadernos de Pesquisa*, v. 47, n. 166, p. 1106-1133, 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cp/a/WYkPDBFzMzrvnbsbYjmvCbd/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 27 julho 2022.

PASSEGGI, M.; NASCIMENTO, G.; OLIVEIRA, R. A. M. de. As narrativas autobiográficas como fonte e método de pesquisa qualitativa em educação. *Revista Lusófona de Educação, Lisboa, Portugal*, n.33, p. 111-125, 2016. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/349/34949131009.pdf>. Acesso em: 27 jul. 2022.

SACRISTAN, J. G. La carrera profesional para el profesorado. *Revista Interuniversitaria de Formación del Profesorado*, v. 2, n. 24, p. 243-260, 2010. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/3276065.pdf>. Acesso em: 27 jul. 2022.

SANTOS, G. M.; BATISTA, S. H. S. da S. Docência, Pró-Saúde e PET-Saúde: narrativas de um fazer interprofissional. *Interface*, n.22, supl.2, p. 1589-1600, 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/icse/a/HYmVJLkhtDHkyp4NLnznz/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 14 ago. 2022.

SANTOS, R. S. dos. A Interiorização da Educação Superior no Estado do Ceará. *Revista Gestão Universitária*. 2015. Disponível em: [http://gestaouniversitaria.com.br/artigos/a-interiorizacao-da-educacao-superior-no-estado-do-ceara#\\_ftn1](http://gestaouniversitaria.com.br/artigos/a-interiorizacao-da-educacao-superior-no-estado-do-ceara#_ftn1). Acesso em: 14 ago. 2022.

SAUL, A. M.; SAUL, A. O saber/fazer docente no contexto do pensamento de paulo freire: contribuições para a Didática. *Cadernos de Pesquisa*, São Luís, v. 24, n. 1, p. 1-14, 2017. Disponível em: <https://periodicoselétronicos.ufma.br/index.php/cadernosdepesquisa/article/view/17579/9528>. Acesso em: 4 set. 2022.

SGUISSARDI V. *Produtivismo acadêmico*. In: Oliveira DA, Duarte AMC., Vieira LMF. Dicionário: trabalho, profissão e condição docente. Belo Horizonte: Faculdade de Educação da UFMG; 2010. Disponível em: <https://gestrado.net.br/wp-content/uploads/2020/08/336-1.pdf>. Acesso em: 4 set. 2022.

SOUZA, E. C. de. Diálogos cruzados sobre pesquisa (auto) biográfica: análise compreensiva-interpretativa e política de sentido. *Revista do Centro de Educação*, Santa Maria, RS, vol. 39, núm. 1, pp. 39-50, 2014. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=117129357004>. Acesso em: 4 set. 2022.

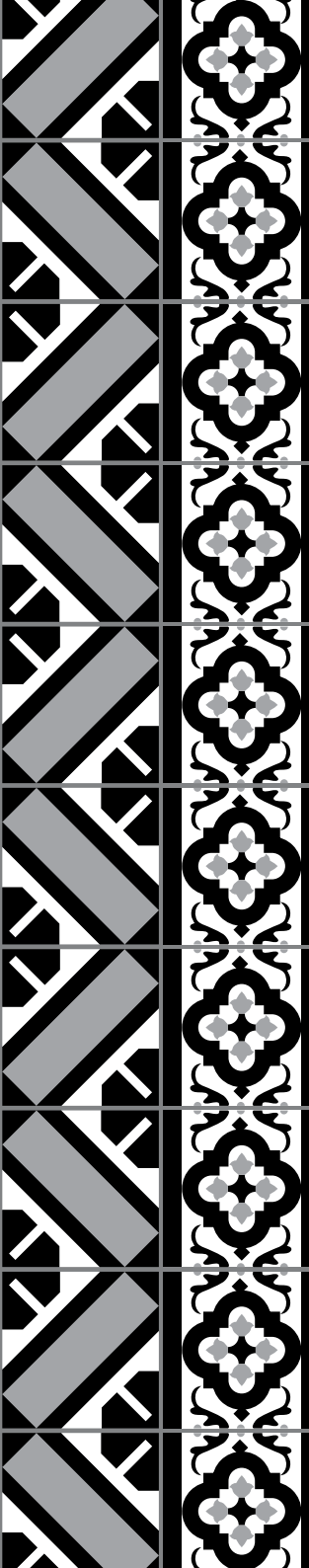
TEIXEIRA, T. S. C.; MARQUEZE, E. C., MORENO, C. R. C. Academic productivism: when job demand exceeds working time. *Revista de Saúde Pública*, São Paulo, v. 54, 117 p., 2020. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rsp/article/view/179939/166509>. Acesso em: 14 ago. 2022.

XIMENES NETO, F. R. G. *et al.* Reflexões sobre a formação em Enfermagem no Brasil a partir da regulamentação do Sistema Único de Saúde. *Ciência & Saúde Coletiva*, Sobral, Ceará, v. 25, n. 1, pp. 37-46, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/6SbH4JGK5HTvkc3xy5fZJXC/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 31 jul. 2022.

XIMENES NETO, F. R. G. *et al.* Perfil sociodemográfico dos estudantes de enfermagem da Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA). *Enfermagem em Foco*, v. 8, n. 3, 2017. Disponível em: <http://revista.cofen.gov.br/index.php/enfermagem/article/view/1532/404>. Acesso em: 31 jul. 2022.

ZANCHETA, M. S. *et al.* Formação audaciosa do enfermeiro-cientista. *Br J Nurs*, v. 16, n. 3, 2018. Disponível em: <https://www.objnursing.uff.br/index.php/nursing/article/download/6144/pdf/33389>. Acesso em: 31 jul. 2022.





A Ponte da  
Memória:  
Travessia de Lutas  
e Conquistas  
do Curso de  
Enfermagem  
da Universidade  
Estadual Vale do  
Acarauú

*Eliany Nazaré Oliveira*

*Keila Maria de Azevedo Ponte*

*Maria de Lourdes Alves*

*Joyce Mazza Nunes Aragão*

*Rebeca Sales Viana*

*Francisco Rosemiro Guimarães Ximenes Neto*



# **A Ponte da Memória: Travessia de Lutas e Conquistas do Curso de Enfermagem da Universidade Estadual Vale do Acaraú**

Eliany Nazaré Oliveira  
Keila Maria de Azevedo Ponte  
Maria de Lourdes Alves  
Joyce Mazza Nunes Aragão  
Rebeca Sales Viana  
Francisco Rosemiro Guimarães Ximenes Neto

“A ponte não é de concreto, não é de ferro  
Não é de cimento  
A ponte é até onde vai o meu pensamento.  
A ponte não é para ir nem pra voltar  
A ponte é somente pra atravessar  
Caminhar sobre as águas desse momento.”  
*Lenine*

## **No meio do caminho havia uma ponte**

Uma história pode ser contada de diversas maneiras, a partir de vários ângulos e pontos de vista. Escrever é lembrar e traduzir essas lembranças, o que, como infere a brilhante escritora Clarice Lispector, exige esforço de memória. Este capítulo resgata histórias e memórias de pessoas que vivenciaram a rotina do Curso de Enfermagem da Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA), no decorrer dos seus cinquenta anos de existência.

A memória guarda combates, em que o limiar entre o lembrar e o esquecer é, por vezes, tênue. De todo modo,

“na maior parte das vezes, lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens, ideias de hoje, as experiências do passado” (BOSI, 2015, p.17). Assim, as vivências do passado no curso do presente ressignificam a compreensão da passagem do tempo no Curso de Enfermagem da UVA.

Ressalta-se, à guisa de esclarecimento, que este texto foi delineado a partir da imagem surgida em conversas das autoras sobre o cinquentenário do curso: a figura de uma ponte.

A ponte é definida como uma ligação entre dois pontos ou ultrapassagem e, para o planejamento dela, é preciso considerar a extensão do vão, durabilidade, a natureza do tráfego, o desenvolvimento planimétrico e altimétrico, o sistema estrutural e o material da superestrutura, a posição do tabuleiro, a mobilidade dos trechos, o tipo estático e o construtivo da superestrutura. Contudo, existem fatores que fogem da parte técnica de desenvolvimento da construção da ponte, como os fatores políticos e financeiros, que podem mudar o rumo da construção (SOUZA *et al.*, 2020).

As pontes, há muito tempo presentes na história das civilizações, são estruturas fascinantes pela arquitetura e simbologia. São construídas para estabelecer comunicação, interligando pontos, encurtando distâncias, vencendo obstáculos, promovendo integração, praticidade e desenvolvimento. Precisam ser edificadas e estruturadas com excelência, incluindo o uso de material adequado e de

boa qualidade, para que durem. Onde não existem pontes, a expansão está prejudicada. A ponte também é símbolo de travessia, passagem, mediação. Ela pode adquirir diversos aspectos, a depender das concepções culturais de cada povo do planeta, mas sempre guarda o significado de “ligação”, união entre partes opostas, entre um ponto ao outro.

Desde a criação, nos anos 70 do século XX, o Curso de Enfermagem da UVA se estende, construindo-se década a década, ponte entre um passado de dificuldades no atendimento à saúde, principalmente de mulheres na hora do parto, e um presente de novos desafios profissionais e sociais no século XXI, no contexto pós-pandemia da Covid-19. Essa travessia, com percalços e espantos, aprendizados e avanços, constitui-se material rico a ser reconhecido e compreendido pela comunidade acadêmica e sociedade.

A ponte que se apresenta neste capítulo se alicerça nas narrativas de enfermeiros, professores, egressos, acadêmicos, servidores, pessoas que estiveram presentes no Curso de Enfermagem, trilharam caminhos e enxergaram horizontes. São construtores de história que foram ligadas por percepções: situações, acontecimentos, significados. Ao narrar fatos particulares, essas histórias remetem a experiências coletivas, dando contornos diferenciados à cronologia do cinquentenário da graduação em enfermagem.

Em síntese, este capítulo apresenta, inicialmente, as histórias e memórias de cinco pessoas consideradas perso-

nagens que tiveram experiências em diferentes períodos da história dos cinquenta anos do Curso de Enfermagem da UVA. Em seguida, em analogia à ponte, apresenta-se a formação dos pilares para travessia, tendo sido constituídos a partir do auferido das narrativas.

Para obtenção do corpus de análise, as autoras puderam fazer o resgate de histórias pessoais, bem como fizeram entrevistas, com autorização prévia, a outros informantes-chaves. Utilizaram-se das questões norteadoras: conte uma história que marcou sua vivência no Curso de Enfermagem da UVA. Quais memórias marcaram sua trajetória neste curso?

Seguir pela PONTE é um convite à aventura de conhecer um cotidiano, tantas vezes invisível de um curso na área de saúde em uma universidade pública (no interior do Ceará, no Nordeste do Brasil); é deixar-se levar pela vontade de ir em frente, chegar ao outro lado, estar aberto às possibilidades, fugir da estagnação.

### **Uma ponte feita de histórias e memórias vivenciadas no Curso de Enfermagem da UVA**

Para edificação e travessia da ponte, apresentam-se as narrativas de cinco personagens ligados ao Curso de Enfermagem da UVA: a egressa e professora aposentada Lourdes Alves; a egressa Lia Silveira; a secretária do curso, Sheyla Cedro; a egressa e professora, Jade Oliveira; e o acadêmico de enfermagem Marcos Pires.

**Primeira Narradora:** Maria de Lourdes Alves

A professora Maria de Lourdes Alves conta histórias de dois momentos do Curso de Enfermagem, como aluna da primeira turma, em 1972, na época denominado Curso de Enfermagem e Obstetrícia e, depois, como professora, com ingresso na instituição em 1986. Descreve este início e a primeira seleção:

*“No vestibular, nós éramos 500 alunos inscritos, foram aprovados 60 alunos em 1972. O que me marcou muito foi eu ser uma mulher já de 32 anos, ex-egressa de um convento e agora iria fazer faculdade. Lembro muito bem de que o curso era muito intenso, as disciplinas tinham cargas horárias muito grande”.*

Algo que foi marcante para Profa. Lourdes foi o descredenciamento do Curso na época pelo COREN.

*“Quando o COREN suspendeu a autorização de funcionamento do curso junto ao sistema de escolas do MEC, nossa escola era municipal e, na época, todas as escolas de obstetrícia do Brasil não podiam mais funcionar como curso de graduação. Por conta dessa irregularidade, o coordenador do curso tinha muita dificuldade de trazer professores enfermeiros de Fortaleza. Lembro que foi necessário convidar enfermeiros de outros estados, a professora Nelcineia veio do Maranhão e assumiu as disciplinas Médica Cirúrgica, Fundamentos de Enfermagem, Enfermagem Materna-Infantil.”*

Outra lembrança bem marcante para Lourdes foi ao concluir o curso. Não existia campo e mercado de trabalho no Ceará, pois o curso não era reconhecido pelo COREN.

*“Depois que a gente se formou, o maior problema foi o mercado de trabalho, não havia emprego para engajar todos esses egressos da escola. Então, a maioria da nossa turma migrou para os outros países, outros estados, inclusive eu. Fomos trabalhar em outro estado, porque em Sobral, não tinha mercado de trabalho.”*

Depois de ser demitida de um emprego em Porto Alegre como enfermeira, devido ao não reconhecimento do curso pelo COREN, finalmente conseguiu permanecer como enfermeira, mas em São Paulo, para onde migrou, depois de perder o emprego em Porto Alegre.

*“Fui para São Paulo, e em SP me empreguei mesmo sem o reconhecimento do curso. Eu já estava em dois empregos, nos Hospitais Mattarazo e Nossa Senhora de Lourdes, quando da escola, neste momento, veio o alívio, foi quando finalmente o curso foi reconhecido, em 1979, aí, pude me legalizar junto ao COREN e trabalhar sossegada.”*

A Profa. Lourdes se inseriu como docente do Curso de Enfermagem após a UVA ser encampada pelo Governo do Estado do Ceará, com a Lei nº 10.933, de 10 de outubro de 1984, sob a forma de autarquia estadual, passando a ser denominada Universidade Estadual Vale do Acaraú. Como professora do Curso de Enfermagem:

*“Coordenei a disciplina Enfermagem Geriátrica por 18 anos, ministrava aulas teóricas e acompanhava as práticas. Eu levava os estudantes para o Abrigo Coração de Jesus e ao Samaritano, levava aos bairros de periferia, iam muito para os bairros de periferia em Sobral, na Expectativa e no Sumaré. Realizamos muitas palestras sobre Processo de envelhecimento e cuidado também, fazia a interlocução com a prática, pois trabalhava na Secretaria de Saúde com o controle do diabetes. Os estudantes sempre me surpreendiam quando eu pedia para eles usarem a criatividade. Lembro de uma aluna que levou uma revista e pegou uma senhora e começou a cortar letras e construiu o nome dela com estas letras. A senhora disse assim: eu vou botar isso aqui no quadro porque eu vou dizer que aprendi com vocês a escrever meu nome, uma coisa que eu tinha como sonho há muito tempo. Esta senhora tinha 80 anos, então, a aluna ficou muito emocionada, ou seja, são frutos que a gente percebeu dessa luta, dessa vontade que eu tinha de trabalhar com os alunos e a comunidade.”*

**Segunda Narradora:** Lia Carneiro Silveira

Lia Carneiro Silveira é enfermeira, formada pela Universidade Estadual Vale do Acaraú (1993-1997), tem Mestrado e Doutorado em Enfermagem pela Universidade Federal do Ceará. É membro da Escola de Psicanálise dos Fóruns do Campo Lacaniano - Fórum Fortaleza e professora da Universidade Estadual do Ceará. Filha do médico obstetra Raimundo Silveira, um dos fundadores e primeiros professores do Curso de Enfermagem da UVA:

*“Ele ajudou a montar o curso, inclusive, literalmente, construiu um laboratório de anatomia, junto com Padre Sadoc, que no momento era Reitor, isso bem antes de eu nascer. Inclusive, eu tenho um prato de prata que eu ganhei na maternidade quando eu nasci das alunas de enfermagem da primeira turma da UVA, porque era uma homenagem a ele que era professor dessa turma e eu era a bebê que estava chegando.”*

Ao ingressar no curso, no início da década de 1990, Lia recorda como era concebido o Curso de Enfermagem da UVA e as mudanças que ocorreram no decorrer da graduação:

*“Eu ingressei no curso de graduação em enfermagem na UVA em um momento muito singular, porque era momento de transição entre toda a história de um curso que vinha em uma tradição mais religiosa, exercida por irmãs de caridade, onde tinha muito essa coisa da vocação, do altruísmo, e acho que a gente pode dizer assim, muito atrelada ao saber médico, porque a UVA foi gerida pela igreja durante muito tempo. Nós não tínhamos profissionais de enfermagem em Sobral com qualificação para serem professoras universitárias ou tínhamos poucos. Então, muitos dos nossos professores eram médicos, era esse o cenário quando cheguei e tudo era muito pautado dentro desse saber médico, havia pouca formalização de um saber propriamente da enfermagem, tinha mais a parte técnica. A minha turma pegou esse período de transição entre um modelo onde a enfermagem era mais subalterna ao médico, mais religioso...isso que está na história da enfermagem no mundo.”*



A década de 1990, período em que Lia cursou Enfermagem na UVA, foi marcada por diversas mudanças de paradigmas no setor da saúde no Brasil, a partir da grande conquista do Movimento da Reforma Sanitária, em 1988, que foi a definição na Constituição Federal (CF) relativa ao setor saúde (BRASIL, 2002). Esse foi o grande marco para diversos outros avanços, como a criação do Programa de Agentes Comunitários de Saúde - PACS (1990) e o Programa Saúde da Família – PSF (1994) (BRASIL, 2010).

Essas mudanças no modelo de atenção à saúde fizeram com que os cursos de graduação na área da saúde se adequassem à nova realidade social brasileira, oferecendo formação mais contextualizada. Ao mesmo tempo, oportunizavam-se diversas áreas de atuação para o enfermeiro, conforme se observam nos relatos da enfermeira Lia:

*“Eu devo dizer que, nesse tempo, eu fazia o Curso de Enfermagem, assim, sem muita perspectiva de atuar na enfermagem. Eu achava que iria concluir e guardar o diploma e não ia exercer a enfermagem, não me via naquilo ali, mas quando eu entrei em contato com esse saber de Saúde Mental, que a professora Eliany me passou, eu engajei muito na questão da reforma psiquiátrica, nos conceitos de Saúde Mental, tudo aquilo estava sendo construído, solidificado no SUS, a reforma psiquiátrica me empolgou muito, então, eu segui por esse caminho durante um tempo, muito com a ajuda dela, que me abriu essas perspectivas que eu não tinha, para você ver como eram dois mundos completamente diferentes”.*

Em recordações, a enfermeira destaca um marco na formação em Enfermagem na UVA: o incentivo à pesquisa, ao saber científico.

*“Essa questão do método científico foi uma surpresa quando veio chegar para a gente em Sobral, na década de 1990. Essa passagem da faculdade para o poder público, da contratação de professores pelo concurso e, junto com eles, veio toda essa novidade, que era o método científico, que era a enfermagem mais científica e que abria uma perspectiva da profissão que não era mais aquela de subordinação ao médico e foi muito bom para a gente essa renovação, abriu muitas possibilidades que antes a gente não pensava”.*

Ela narra um episódio em que foi acolhida por uma professora que a incentivou a participar de um evento de iniciação científica em Fortaleza, fato que lhe proporcionou grandes aprendizados para a vida pessoal e profissional dela, e acabou despertando o interesse pela pesquisa e a cursar mestrado e doutorado:

*“A professora Eliany viu o meu interesse pela pesquisa, pela escrita e me incentivou muito, acho que a melhor coisa que me aconteceu, não só dentro do curso, ela enxergou coisas em mim que nem eu mesma não enxergava e isso mudou, profundamente, a minha vida, inclusive no que eu sou hoje. Sou muito grata a ela por isso, porque me apontou caminhos muito maiores que eu não conhecia...me animaram a querer fazer um mestrado, um doutorado, acabei fazendo toda essa trajetória acadêmica dentro da Enfermagem, mas muito*

*pela área da Saúde Mental..., mas eu não teria conhecido nada disso, não teria nenhuma oportunidade desses encontros, se não fosse aquele primeiro momento lá na UVA.”*

Para finalizar, a enfermeira destaca que o Curso de Enfermagem da UVA sempre esteve presente em sua vida, considerando que o pai dela foi um dos fundadores e primeiros professores do curso. Também, reconhece a evolução do curso ao longo desses 50 anos de história e a qualidade na formação dos enfermeiros da UVA:

*“O Curso de Enfermagem da UVA esteve na minha história em vários momentos, desde que cheguei ao mundo. Então, fico muito feliz por essa data comemorativa, de 50 anos do curso, e é exatamente isso, eu faço, também 50 anos esse ano, então, eu comemoro aniversário junto com o curso. E fico orgulhosa quando vejo os egressos do curso em tantos lugares, fazendo tantas coisas interessantes e vejo o nível do curso hoje, algo que estava sendo fomentado ainda na época em que minha turma estava concluindo.”*

### **Terceira Narradora:** Sheyla Maria Gomes Cedro

A comunidade acadêmica que passou pelo Curso de Enfermagem da UVA de 2000 a 2022 lembra com carinho de Sheyla Maria Gomes Cedro, a Sheylinha. Ela foi secretária do curso durante esse período e desempenhou com excelência suas atividades, seja na resolução dos processos administrativos ou no diálogo resolutivo, ético e humani-

zado com professores e estudantes. Representou, muitas vezes, a “Ponte” de comunicação entre estudantes e coordenação de curso; docentes e discentes; comunidade acadêmica e serviços administrativos da Universidade, com vistas à resolução das situações que emergem no cotidiano acadêmico.

Ela vivenciou, durante sua trajetória na UVA, momentos marcantes, com significados valorosos na linha do tempo da história do Curso de Enfermagem e, por isso, faz parte da história dos 50 anos do curso: *“A vivência nesses 22 anos no curso foi de muitos aprendizados e acolhimento [...] eu recebi muito mais do que eu pude ofertar. Sempre procurei ajudar todos que iam ao meu encontro”*.

Ela lembra como foi o acolhimento na UVA, tendo a coordenadora vigente papel primordial para facilitar a adaptação nessa nova vivência:

*“Quando eu entrei para ser secretária do curso em 2000, a Profa. Maristela me acolheu e aprendi demais com ela, pois ficava ali recebendo os alunos e professores junto comigo [...] ela abriu um leque de possibilidades e aprendizagem para mim. Isso foi muito marcante na minha vida. Outro fato inesquecível foi que, ao entrar no curso, estava em conclusão de formação a primeira turma da matriz que tinha monografia [...].”*

Sheyla retrata o acolhimento da coordenação como fator que contribuiu para formação humana e aborda um momento significativo no curso que foi o início da obrigatoriedade da produção individual do Trabalho de Conclusão de Curso.

são do Curso (TCC), com a atualização do Projeto Político Pedagógico do Curso.

Outrossim, ela ressaltou o zelo dos professores e da coordenação do Curso com a qualidade da formação acadêmica:

*“De lá para cá, foram algumas mudanças nas matrizes curriculares, sempre buscando a melhoria do aprendizado do aluno. É algo que me chama muita atenção do Curso de Enfermagem da UVA é que todos trabalham em função do crescimento e das potencialidades dos alunos. O acadêmico de enfermagem da UVA é muito dedicado, se destacam onde estiver [...] eles trabalham na assistência e na pesquisa [...] O que a Universidade planta, o aluno semeia durante toda a vida acadêmica, joga no mercado de trabalho e alguns egressos ainda voltam para universidade como professores [...] A mudança das matrizes, assim que eu tive a oportunidade de acompanhar [...] a incorporação da disciplina Introdução às Práticas do Sistema de Saúde deu a oportunidade para os alunos conhecerem o PSF, porque antes o currículo era voltado para o cuidado no hospital. Isso, aí, abriu e abre muitas portas. O curso foi crescendo e, em 2009, teve a mudança mais brusca da matriz, quando deixou de ser disciplina e passou a ser modular. [...] Neste formato, o aprendizado é integrado, e o aluno e professor aprendem juntos. A matriz modular dá oportunidade para o aluno ver o conteúdo de forma significativa, integrada, como um todo”.*

A necessidade de reformulações nas matrizes curriculares do curso retrata o cuidado da gestão, junto com o Núcleo Docente Estruturante (NDE) e o colegiado do curso para adaptar a matriz curricular ao contexto de saúde, social e epidemiológico local, com vistas à qualidade do processo de ensino e aprendizagem do curso. Assim como a “Ponte”, a formação acadêmica precisa ser edificada e estruturada com excelência. As reformas curriculares são necessárias e relevantes, pois acompanham a evolução da educação mundial de modo geral, assim como norteiam a organização dos cursos, de modo a garantir a qualidade curricular, fazendo parte de movimentos políticos levantados por entidades representativas, políticas de ensino/saúde e instituições de ensino (PETRY *et al.*, 2021).

Ela enfatizou o fato de os estudantes conquistarem o mercado de trabalho ao concluir o curso. Aspecto importante para os egressos da universidade.

*“Algo que me chamava e chama ainda muita atenção, era o fato dos alunos quando saíam do Curso de Enfermagem da UVA já estavam todos empregados na sua cidade ou aqui em Sobral. Não tinha competição muito grande como tem atualmente [...] por isso, era o curso mais concorrido da universidade [...]”.*

A empregabilidade dos egressos do Curso de Enfermagem foi reduzindo à medida que novos cursos foram surgindo e ampliando o número de vagas na área. Com a

criação de 684 novos cursos (2000-2012), passou-se de 183 para 867, o que representava, em 2012, 22% dos concluintes da área da saúde, conquistando nesse período um aumento de 450% de vagas ofertadas e 750% do número de concluintes, refletindo, no cenário de empregabilidade que passou a exigir perfil de egresso em enfermagem, capaz de liderar equipes detentoras de múltiplos saberes e práticas, visão global e interconectada com os avanços tecnológicos e culturais (FROTA *et al.*, 2020).

Outro momento marcante e exitoso vivenciado por Sheyla, no Curso de Enfermagem, foi a inauguração do prédio que hoje funciona o Centro de Ciências da Saúde (CCS):

*“A construção do prédio do CCS foi algo muito importante, que trouxe muitas oportunidades, com laboratórios e salas de aula com espaço físico mais confortável para alunos, professores e servidores. Eu estava aqui na inauguração, com a presença de várias autoridades”.*

A construção do novo prédio do CCS, realmente, foi um dos marcos na história do Curso de Enfermagem, como a “Ponte” para formação de excelência, sendo necessária estrutura física adequada.

Como secretária do curso, Sheyla estava em contato direto com a coordenação do curso e nesses 22 anos vivenciou várias transições com as mudanças de coordenador, relata como era a relação com as coordenadoras e narra algumas situações marcantes frente à secretaria do curso:

*“Eu comecei em 2000 com a Profa. Maristela e Profa. Alzenir. Foi o período que me alavancou e abriu o conhecimento do que eu precisava. Em seguida assumiu a Profa. Socorro Dias e Profa. Cibelly, que também foi uma experiência fantástica. Logo, entrou Profa. Socorro Carneiro e Profa. Rebeca, no período em que saímos do CCS para o campus da CIDAO, enquanto ocorria a reforma do CCS. Posteriormente, assumiu a Profa. Izabelly com o Prof. Manoel, logo, ela assumiu a vice-reitoria da UVA e a Profa. Adelane assumiu a coordenação do curso com a Profa. Conceição e em seguida com Prof. Meton. Após quatro anos a Profa. Andrea com a Profa. Natália, e, seguidamente, Profa. Keila assumiu com a Profa. Iane, durante o período da Pandemia. E, por último, em 2022, a Profa. Socorro com a Profa. Eliany assumiram, momento em que me afastei das atividades no curso [...]. A coordenação exige muita responsabilidade, é um grande desafio. E, assim, cada gestão que vivenciei tinha uma característica peculiar, algumas mais ativas, outras mais calmas. O tempo todo aprendendo algo novo e a serviço do aluno [...] assim, você pode ser instrumento de motivação ou desânimo do aluno para o curso [...] já ouvi várias vezes relato de alunos falando o quanto a coordenação do curso o ajudou [...] eu admiro muito as coordenadoras porque acolhe o aluno como se fosse filhos, traz para perto, para ajudar e para que eles ajudem também a coordenação [...]”.*

Assim como a “Ponte” tem obstáculos, na vida cotidiana do Curso de Enfermagem, ela partilhou algumas situações desafiadoras:



*“Tem situações difíceis também, como ver os alunos alcançando o trabalho que hoje está tão difícil ou aprovação no mestrado e, infelizmente, por conta dos trâmites legais/institucionais, não ser possível deferir as solicitações. Não o deixar avançar naquela fase é muito difícil. Pensava no coordenador do curso que poderia ajudar e sabia que aquilo lhe maltratava, mas também ficava compadecida do aluno, que batalha tanto e precisa daquela vaga [...]. Outra situação foi uma aluna que chegou na coordenação umas 11h30min e perguntou se poderia usar a copa para pegar um pouquinho de café para comer com umas bolachas como almoço. Isso me cortou o coração e machucou a alma. Tive vontade de perguntar se ela aceitava que eu trouxesse algo para ela comer, mas fiquei receosa da reação dela, mas ajudei-a com o café [...]”.*

Por fim, uma lembrança marcante foi a homenagem em um evento no curso:

*“Foi fantástico! Em 2018, quando fui homenageada na Semana da Enfermagem, um momento mágico para mim. Quando fui chamada lá na frente para receber a placa e todos ficaram de pé, foi o ápice do reconhecimento do meu trabalho. Não esperava tudo aquilo, mas fiquei muito feliz!”*

Este momento foi o reconhecimento de um serviço realizado com amor. Sheyla colheu o fruto da semente plantada com dedicação ao seu trabalho. Ela encerrou suas atividades no curso em abril de 2022 e, na ocasião, ocorreu uma outra homenagem com a comunidade acadê-

mica da UVA e sua família, momento repleto de memórias positivas e gratidão pela contribuição ao Curso de Enfermagem da UVA.

**Quarta Narradora:** Jade Maria Albuquerque de Oliveira

Jade Maria Albuquerque de Oliveira é uma jovem enfermeira de 28 anos, mestranda em Saúde Pública pela Universidade Federal do Ceará, que cursou o Bacharelado em Enfermagem da UVA, entre 2012 e 2016. Em 2018, Jade retornou à universidade como professora substituta, onde permaneceu até 2021, quando foi novamente selecionada para continuar atuando junto ao curso. Por ter ainda muito vívidas as memórias de estudante, aliadas à recente prática docente, Jade se faz “Ponte” e conta histórias do Curso de Enfermagem sobre importantes aspectos da formação profissional e humana.

No primeiro relato, Jade narrou uma situação de conflito entre pares, mediada por uma professora.

*“Minha turma estava se preparando para uma avaliação prática, era um seminário com diversas temáticas e ficamos com a temática de feridas para fazer curativo e demonstrar na prática. Nesse dia, eu fui para o CCS à tarde e só tinha almoçado, não tinha merendado, não tinha jantado (...) A equipe sentiu falta de um material que era um rolo de esparadrapo e ficou chateada comigo porque não tinha esse material para apresentar; fizeram eu sair para ir comprar. Eu havia explicado que estava no carro da minha mãe e estava com medo*

*de ficar sem gasolina no meio do caminho, mesmo assim, ninguém se prontificou a ir comigo em uma moto e me ajudar. Quando voltei, eu me senti muito ruim e comecei a chorar no pátio do CCS. Enquanto eu estava chorando, chegou à professora Siomara e me perguntou o que havia acontecido. O jeito humano dela de me abordar, de me acalmar e dizer que um material faltando não ia diminuir a nota da equipe (...) aqui ficou muito marcante porque, às vezes, a gente precisa só de uma abordagem humana para resolver as situações adversas da vida.”*

Os acontecimentos lembrados remetem às dimensões do cuidar, tão presentes no Curso de Enfermagem e, ainda assim, algumas vezes negligenciadas. Waldow (2009), destaca que o cuidado é uma maneira de ser e se relacionar, manifestado em ações, comportamentos e atitudes de respeito, consideração, solidariedade, escuta, atenção. Neste sentido, entre as aprendizagens fundamentais na educação em enfermagem, está aprender a conviver. É, portanto, essencial ambiente em que alunos e professores se ajudem, no sentido de desenvolver potencialidades e de crescer.

Em seguida, Jade descreveu a exitosa iniciativa de integração entre os cursos de Enfermagem da Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA) e de Medicina, da Universidade Federal do Ceará (UFC).

*“O módulo de Atenção Primária à Saúde I (APSI) foi muito marcante, porque tivemos a oportunidade de compartilhar nossas vi-*

*vências em conjunto com os alunos da medicina. (...) Foi muito importante, porque hoje quando a gente vai para os serviços de saúde, nós percebemos essa questão da equipe multiprofissional, da interdisciplinaridade (...) inicialmente, quando a turma ficou sabendo que o módulo era integrado com a Medicina, todo mundo teve esse estranhamento: isso não vai dar certo. Mas, no decorrer do módulo, foi muito gratificante, porque fizemos amizade com os alunos da Medicina, até hoje, eu tenho contato com alguns, como o Leandro, que trabalha no SAMU. Algumas vezes, quando passo por alguma ocorrência, ele me chama para ajudar também. Então, foi muito importante porque quebrava essa visão de hierarquia, de um ser mais importante que o outro, que a medicina pode mais e tem mais privilégios do que a enfermagem”.*

A narrativa da enfermeira Jade vem corroborar com o entendimento atual da necessidade de abordagem interdisciplinar e intervenção interprofissional na saúde. Os conhecimentos descontextualizados e as disciplinas abordadas de forma segmentada, comprometem visão ampliada do processo saúde-doença, bem como a capacidade do trabalho em equipe, o que inviabiliza a resolutividade do cuidado (FARIAS *et al.*, 2018).

A história que se segue trata de memórias que marcam a construção contínua e consolidação do Curso de Enfermagem da UVA, por meio da fala de Jade sobre os campos de prática na visão como estudante e, posteriormente, como professora.

*“Enquanto aluna era uma novidade nos campos de prática, quando chegavam a época dos estágios, a turma inteira ficava animada para ir, porque era a oportunidade de exercer aquilo que o professor colocava na teoria em sala de aula ou exercer aquela prática que era realizada nos laboratórios. Só que, na minha época, percebi que muitos profissionais ainda olhavam o aluno como se ele fosse atrapalhar o serviço (...). Outra situação era que, muitas vezes, vimos o profissional do serviço fazendo de uma forma diferente (...) eles mesmo diziam: olha isso aqui, não está na teoria, o certo é você fazer o que está na teoria, mas nós fazemos dessa forma. E trazendo para esse momento agora que eu estou como docente do curso, eu percebo maior aceitabilidade dos profissionais. Tanto é que quando tem disponibilidade de campo e prática, os profissionais sempre perguntam quando é que os alunos da UVA vão voltar para aquele local, quando vão estagiar mais tempo naquele serviço (...). Percebe-se, também, que nós temos muitos egressos da UVA nos campos de prática. Isso é um ponto muito positivo, porque eles conhecem as necessidades daqueles que ainda vão se formar. Por isso, eles são muito disponíveis para ensinar os nossos alunos”.*

Finalmente, Jade narra os desafios impostos pelo período de enfrentamento da Covid-19 como professora e enfermeira.

*“Com a pandemia da covid-19, houve uma reestruturação da forma de ensino e aprendizagem dos nossos alunos (...) Foi aquele período de incerteza, mas um momento de amadurecimento porque eles tiveram a oportunidade de estar ali no campo, en-*

*frentando uma situação pandêmica, crítica, ou seja, nós tivemos a oportunidade de inserir os alunos e fazer com que eles pensem de forma diferente em situações críticas, para a nossa sociedade. E, aí, isso foi um ponto positivo, apesar do desgaste, dos riscos a que todos nós estávamos expostos. (...) Quando houve o retorno das atividades presenciais, percebi os nossos alunos muito fragilizados psicologicamente; tinham medo de vir assistir às aulas, mas eles perceberam a importância e a diferença de um ensino remoto para um ensino presencial (...) eu também estive na linha de frente da covid. Trabalhei no serviço de leito de suporte respiratório, no qual recebia pacientes mais críticos para tentar estabilizar e não ir para UTI. Tive internos da UVA neste serviço e isso foi um ponto muito importante, porque os profissionais na pandemia estavam sobrecarregados. Eles (os internos) só tinham insegurança no primeiro dia. (...) então, eu percebi certa maturidade nos nossos alunos de enfermagem no enfrentamento de situações críticas e isso foi muito bom”.*

### **Quinto Narrador:** Marcos Pires Campos

O estudante Marcos é natural de Itapipoca, Ceará, de uma família com seis irmãos, com poucas condições financeiras. Mas, sua determinação e vontade de vencer para ajudar todas da família transformaram este propósito em foco, garra e coragem. Em 2017, ingressou no Curso de Enfermagem da Universidade Estadual Vale do Acaraú. Algumas histórias e memórias do Marcos estão pontuadas aqui, como:

*“Cheguei ao Curso de Enfermagem no dia 10 de julho de 2017 e com aquele olhar de esperança que tudo ia dar certo e a gente viu que logo em seguida, um dia após, foi inaugurado o restaurante universitário, no qual eu já coloco que foi um dos marcos na minha vida acadêmica, foi o restaurante universitário e a residência universitária, estes dois equipamentos já eram uma luta muito antiga, antes da minha entrada na universidade, esta luta já vinha sendo levantada pelos estudantes, pelos centros acadêmicos e pelo DCE. Isso baseado nas demandas e necessidades dos estudantes da UVA. A maioria reside em outros municípios da Região Norte. Então, um restaurante e uma residência universitária é sem sombra de dúvida a melhor política inclusiva criada na UVA, e que beneficiou os estudantes do Curso de Enfermagem.”*

Marcos detalha e destaca a Implantação da Residência Universitária da UVA, em que muitos dos estudantes do Curso de Enfermagem foram beneficiados:

*“Eu fiz uso por muitos anos, quase quatro anos foi a residência universitária, creio que para mim e os demais estudantes do Curso de Enfermagem também e as demais estudantes da UVA, inaugurada em 2018, naquele momento de muita alegria, quando eu vi meu nome lá naquele edital desde a minha preparação da documentação que eu já vinha sentindo dificuldades, porque minha família não tinha mais condições de estar me sustentando com aluguel aqui em Sobral. Então, estar sendo apoiado por esta política universitária foi muito bom. Pude me concentrar mais nos estudos e realizar um curso com qualidade. Realmente, foi um acalento em nossas vidas, princi-*

*palmente dos estudantes que são economicamente mais desfavoráveis, então, assim, a residência pôde trazer um conforto.”*

O estudante destaca o Restaurante Universitário como política de apoio à permanência universitária. Enfatiza-se que as políticas de permanência nas IES são reconhecidas como estratégias para minimizar os efeitos da desigualdade social e estão pautadas nas orientações do Plano Nacional de Assistência Estudantil - PNAES (BRASIL, 2010).

O apoio institucional oferecido pela Residência Universitária constitui marco que beneficiou os estudantes da instituição, em especial os do Curso de Enfermagem. Pode ser confirmado com os resultados de estudo que teve como objetivo avaliar o impacto da moradia estudantil sobre a vida acadêmica de universitários, o qual conclui que houve crescimento do rendimento acadêmico maior entre os residentes. Além disso, os residentes passaram a trancar menos disciplinas, após o ingresso na moradia, se comparados aos não residentes. Esses resultados confirmam o impacto positivo da moradia estudantil sobre o rendimento acadêmico e a permanência do estudante na universidade (LACERDA; VALENTINI, 2018).

Quanto às memórias que marcaram durante o curso, Marcos demarcou com muita ênfase a pandemia da Covid-19 e as atividades acadêmicas dos estudantes de enfermagem:



*“A gente teve que se adequar a essa nova realidade. Estávamos saindo de um modelo presencial e tivemos que ir para o modelo on-line. E aquele momento foi de muitas incertezas, quando tudo voltará ao normal? Quando isso irá acabar? Será que conseguirei me formar? Na história do Curso de Enfermagem, ninguém tinha passado por isso durante esses 50 anos, então, assim, nós dessa década, passar por essa pandemia foi, assim, muito desafiador. Perdemos o colega e amigo Altenório, que morreu de Covid-19. Depois da morte dele, nossos medos aumentaram. Medo de se contaminar na linha de frente, medo de perder um ente querido, medo de estar desenvolvendo nossas práticas em hospitais e postos de saúde, mas, ao mesmo tempo, percebi o quanto a Enfermagem é potente, o quanto somos importantes para o SUS durante a pandemia, pois não arredamos o pé, estamos lá como acadêmicos de enfermagem.*”

## **Pilares para edificação e travessia da ponte constituída pelas memórias**

Este texto foi construído a partir da imagem de uma ponte, escolhida para representar as conexões, os percursos, as travessias no Curso de Enfermagem da UVA. Quando se traz a história e as memórias de pessoas que fizeram parte destes 50 anos de caminhada, busca-se compreender e ressaltar os pilares que contribuíram para construção do curso nesta travessia, conforme Figura 1.

.Figura 1 - Pilares para edificação e travessia da Ponte - Curso de Enfermagem da UVA, de 1972 a 2022.



Fonte: Primária (2022).

A Figura 1 demonstra os seis pilares que emergiram das histórias e memórias dos personagens: (1) Luta e resistência; (2) Formação humana/Acolhimento; (3) Formação contextualizada; (4) Produção do conhecimento científico; (5) Aspectos estruturais e logísticos; e (6) Atuação em crises e desafios.

O pilar da **luta e resistência** foi evidenciado nas histórias e memórias de Lourdes, assumindo dois lugares na construção do Curso de Enfermagem, como estudante e egressa da primeira turma e, em outro momento, como docente. Percebe-se, claramente, a luta para o reconhecimento do curso e as dificuldades enfrentadas para que o

curso fosse reconhecido nacionalmente. Ao concluir o curso, também ficam evidentes as dificuldades que os egressos do curso tiveram, demonstrando a luta e resistência para inserção no mercado de trabalho. Esse pilar também se fortalece na narrativa sobre o engajamento e protagonismo de enfermeiros e estudantes de enfermagem na recente pandemia da Covid-19, como relatou Jade, que atuou na linha de frente no combate ao coronavírus, e Marcos que, como estudante, vivenciou esse momento. O estudante Marcos, ao contextualizar as necessidades de políticas de apoio estudantil, enfatizou as características de muitos estudantes de enfermagem, demonstrando, também, movimento de luta para conclusão do curso e resistência às barreiras impostas pelo ensino superior em instituições públicas.

A **formação humana e o acolhimento** emergiram como outro pilar. As histórias e memórias de Lia, Sheyla, Jade e Marcos demarcaram o quanto os protagonistas que fazem o Curso de Enfermagem da UVA caminharam, produzindo esta formação humanizada e acolhedora, fortalecendo a importância dos relacionamentos interpessoais para formação, superação dos conflitos e ênfase na empatia, por meio do acolhimento autêntico no cotidiano das atividades no curso.

Quanto à **formação contextualizada**, destaca-se o zelo desde a fundação do curso, com a qualidade do processo de ensino-aprendizagem, para garantir a formação de egressos com perfil para o mercado de trabalho

por meio da busca incessante desde a legalização do curso, como apresentado pela Lourdes, à atualização do Projeto Político Pedagógico do Curso, com mudanças no currículo, incorporando as Diretrizes Curriculares Nacionais e, a partir das mudanças nos paradigmas da saúde de cada período, como lembraram Lia e Sheyla, assim como o enfrentamento dos desafios para garantir as vivências práticas de qualidade junto à equipe multidisciplinar para garantir a interprofissionalidade, como partilhado pela Jade. Essa formação contextualizada está em consonância com a missão da UVA, que prima por ofertar ensino superior de excelência, de forma inclusiva, flexível e contextualizada, e buscar, por meio da pesquisa e extensão, soluções que promovam a qualidade de vida.

No que se refere à **produção do conhecimento científico**, evidenciou-se na narrativa de Lia o quanto a iniciação científica impactou na formação acadêmica, na década de 1990. Sheyla também destacou a inserção do TCC na graduação em Enfermagem da UVA. Desde então, a incorporação da pesquisa no Curso de Enfermagem foi ganhando notoriedade, por intermédio da elaboração de pesquisas científicas dos professores com os estudantes e incentivo à apresentação de trabalhos e publicação em revistas e livros, com destaques nacional e internacional, assim como a participação e organização em eventos científicos. Articulada à pesquisa e ao ensino, destaca-se, ainda, a forte atuação extensionista do Curso de Enfermagem, promovendo a produção e aplicação do conhecimen-

to, mediante a interação transformadora da universidade com outros setores da sociedade.

Com relação aos **aspectos estruturais e logísticos**, para constituição da Ponte que é o Curso de Enfermagem da UVA, foi fundamental a modernização da estrutura física do Centro de Ciências da Saúde (CCS), como afirmado por Sheyla, pois permitiu maior conforto para comunidade acadêmica, através da adequação dos ambientes de sala de aula, ampliação e modernização dos laboratórios, edificação do auditório e espaços de convivência. Outro ponto essencial para continuidade e fortalecimento do Curso de Enfermagem foi a implantação de políticas de assistência estudantil, como o auxílio financeiro a estudantes em vulnerabilidade social, por meio de bolsas de permanência na universidade e a construção da Residência e do Restaurante Universitário, como partilhado por Marcos.

No que tange à atuação em **crises e desafios**, as narrativas apresentaram, em algum momento, as dificuldades vivenciadas naquele período, seja para reconhecimento do curso e dos profissionais egressos, a busca pelo emprego, os modelos de saúde vigentes no Brasil, as limitações impostas pelo baixo nível socioeconômico dos estudantes e o impacto da pandemia pela Covid-19 na continuidade dos componentes acadêmicos, devido à suspensão das atividades presenciais. Situações desafiadoras estiveram presentes nessa travessia, contudo, não foram capazes de destruir o alicerce da ponte. O Curso de Enfer-

magem continuou firme e forte, com vistas a garantir formação acadêmica e humana de qualidade para os estudantes, sem perder de vista o acolhimento, a empatia e a ética.

## **Considerações Finais**

Ao final deste capítulo, cumpriu-se um percurso de histórias e memórias que traçam o panorama dos cinquenta anos do Curso de Enfermagem da UVA.

Como ponte, as memórias aqui relatadas conectam passado e presente, estudantes e profissionais, sonho e luta. Em cada pessoa, em cada fato descrito, percebe-se o compromisso com um cotidiano laborioso e amoroso, que é o alimento das grandes realizações e conquistas.

Vislumbrada pelo olhar de quem participou dessa história, ergueu-se uma ponte sobre pilares potentes, unidos por complexa argamassa de trabalho e afeto, feita por muitas mãos, em variados contextos. Contudo, essa ponte não se acaba, não se completa. Ela se renova e reconstrói no caminho; resiste às intempéries; reinventa-se a cada novo desafio; e quer ir mais além, onde a vista alcançar, onde a necessidade levar. Como a canção que fez sucesso nos anos 1970: “Bridge over troubled water”, a ponte da memória do Curso de Enfermagem, talvez possa também dizer: “Quando os tempos ficarem difíceis / e amigos não puderem ser encontrados / Como uma ponte sobre águas turbulentas / eu vou me estender (...)”.

## Referências

BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade. Lembrança de velhos*. São Paulo: Companhia das Letras, p. 55, 2015.

BRASIL. *O Sistema Público de Saúde Brasileiro*. Ministério da Saúde. Brasília: Ministério da Saúde, 2002.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. *Memórias da saúde da família no Brasil*. Brasília: Ministério da Saúde, 2010.

BRASIL. Decreto nº 7.234, de 19 de julho de 2010. *Dispõe sobre o Programa Nacional de Assistência Estudantil - PNAES*. Brasília, 2010. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/pnaes>. Acesso em: 26 jul. 2022.

FARIAS, D.N.F.; RIBEIRO, K.S.Q.; ANJOS, U.U.; BRITO, G.E.G. Interdisciplinaridade e interprofissionalidade na estratégia saúde da família. *Revista Trabalho. Educação. Saúde*, Rio de Janeiro, v. 16, n. 1, p. 141-162, 2018.

FROTA, M.A. et al. Mapeando a formação do enfermeiro no Brasil: desafios para atuação em cenários complexos e globalizados. *Ciência & Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 25, n. 1, p. 25-35, 2020.

LACERDA, I. P.; VALENTINI, F. Impacto da Moradia Estudantil no Desempenho Acadêmico e na Permanência na Universidade. *Psicologia Escolar e Educacional*, São Paulo, v. 22, n. 2, p. 413-423, 2018.

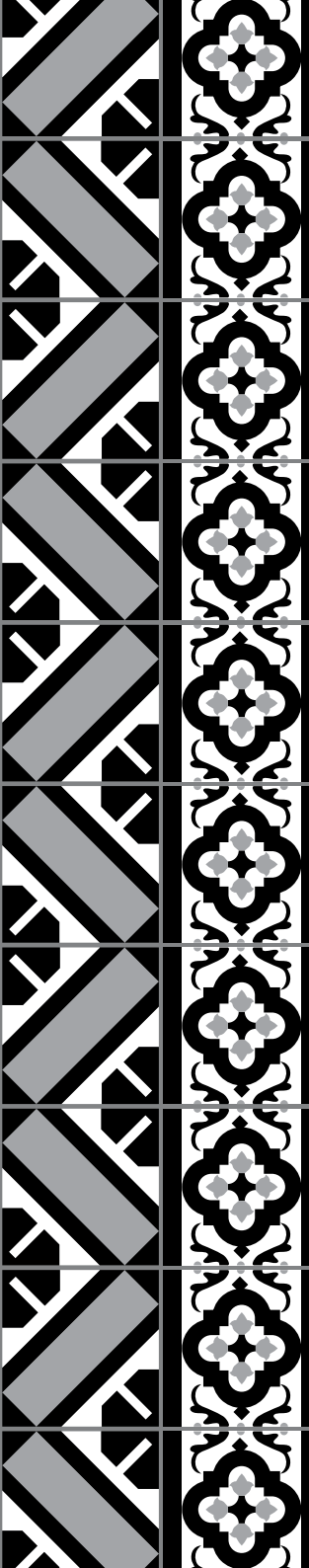
PETRY, S. et al. Curricular reforms in the transformation of nursing teaching in a federal university. *Revista Brasileira de Enfermagem*, Brasília, v. 74, n. 04, 2021.

SOUZA, R. C.; VERDAN, A. S.; SOUZA, C. S. A.; DIAS FILHO, J. L. E. *A importância da escolha do traçado de uma ponte para a mobilidade urbana*. *Conhecendo Online*, [S. l.], v. 6, n. 1, p. 26-41, 2020. Disponível em: <https://conhecendoonline.emnuvens.com.br/revista/article/view/82>. Acesso em: 28 jul. 2022.

WALDOW, V.R. Reflexões sobre Educação em Enfermagem: ênfase em um ensino centrado no cuidado. *O Mundo da Saúde*, São Paulo, v.33, n 4, p. 182-188, 2009.







Desafios e  
Estratégias na  
Formação e no  
Cuidado em Saúde  
Face a Pandemia  
da COVID-19:  
Contribuições  
de Estudantes e  
Egressos do Curso  
de Enfermagem  
da UVA

*Marcos Aguiar Ribeiro*  
*Izabelle Mont'Alverne Napoleão Albuquerque*  
*Ana Beatriz Oliveira do Nascimento*  
*Ana Suelen Pedroza Cavalcante*  
*David Gomes Araújo Junior*  
*Isabel Cristina Kowal Olm Cunha*

# **Desafios e Estratégias na Formação e no Cuidado em Saúde Face a Pandemia da COVID-19: Contribuições de Estudantes e Egressos do Curso de Enfermagem da UVA**

Marcos Aguiar Ribeiro  
Izabelle Mont'Alverne Napoleão Albuquerque  
Ana Beatriz Oliveira do Nascimento  
Ana Suelen Pedroza Cavalcante  
David Gomes Araújo Junior  
Isabel Cristina Kowal Olm Cunha

## **Contextualização**

Antes da declaração da Organização Mundial de Saúde (OMS) de condição de transmissão pandêmica da Covid-19 e considerando o Bicentenário de Florence Nightingale e a campanha de valorização da categoria profissional *Nursing Now*, o ano de 2020 foi definido pela OMS como o 'Ano da Enfermagem'. Ocorre que neste mesmo ano, o mundo viveu a pandemia da Covid-19, onde a Enfermagem teve papel fundamental (GANDRA *et al.*, 2021). Assim, o ano em que se programava celebrar a Enfermagem, torna-se o ano onde os profissionais desta área precisaram superar limites físicos, psicológicos e sociais para permanecer cuidando, em diferentes espaços de atuação e em diferentes sistemas e modelos assistenciais de saúde.

Antecedendo esses acontecimentos, em dezembro de 2019, foram registrados casos de pneumonia com causa desconhecida na cidade de *Wuhan*, província de Hubei, China. A partir do isolamento do material genético do vírus, foi constatado um novo betacoronavírus, inicialmente denominado 2019-nCoV pela Organização Mundial da Saúde (OMS), e posteriormente SARS-CoV-2, causador da Covid-19, que após a propagação na China, se alastrou para todo o mundo (do inglês *Severe Acute Respiratory Syndrome Coronavirus 2*) (BRASIL, 2020a; CHEN, 2020; ZHANG, 2020; HUANG, 2020; BEECHING; FLETCHER; FOWLER, 2020).

Em 03 de janeiro de 2020, o Ministério da Saúde (MS) decretou por meio da Portaria nº 188/2020, o Estado de Emergência em Saúde Pública de Importância Nacional (ESPIN), em virtude da disseminação global da Covid-19 (BRASIL, 2020). Em 11 de março de 2020, foi declarada pela OMS a condição de transmissão pandêmica da doença e em março de 2020 foi declarado estado de transmissão comunitária em todo território brasileiro, conforme Portaria nº 454, do Ministério da Saúde, de 20 de março de 2020 (BRASIL, 2020).

Neste contexto, a Enfermagem atuou diretamente no enfrentamento da pandemia, desde ações de cuidado às pessoas infectadas pela Covid-19, medidas de prevenção e promoção à saúde, práticas de gestão e gerenciamento de processos, serviços e equipamentos de saúde, entre outros.

A pandemia da Covid-19 impulsionou reflexões acerca do processo de formação de enfermeiros nas Instituições de Ensino Superior (IES), nos serviços de saúde e sua necessidade de reorientação da formação para a atuação no SUS, sobretudo, no enfrentamento dos desafios relacionados à pandemia (GEREMIA *et al.*, 2020). A Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA), como IES que oferta cursos de graduação e pós-graduação na área da saúde, precisou ressignificar seus meios e processos de formação no cenário de pandemia.

O contínuo e qualificado processo de formação de enfermeiros na UVA e a capilaridade desta Universidade na região noroeste do estado do Ceará, possibilitou ao longo dos últimos cinquenta anos, a inserção de enfermeiros egressos da UVA em diversos municípios e campos de atuação.

Assim, busca-se por meio da análise das narrativas de enfermeiros egressos da UVA, que atuaram diretamente no enfrentamento da pandemia, conhecer os desafios e estratégias na formação e no cuidado em saúde face a pandemia de Covid-19.

### **Itinerário metodológico**

Este capítulo busca, em uma perspectiva descritiva, conhecer os desafios e estratégias na formação e no cuidado em saúde diante da pandemia da Covid-19, na perspectiva de egressos do Curso de Enfermagem da UVA. Assim, o estudo foi desenvolvido sob uma abordagem qualitativa.

Minayo (2014) corrobora ao refletir a capacidade dessa abordagem em incorporar a questão do significado e da intencionalidade como inerentes aos atos, relações e às estruturas sociais.

Deste modo, considerando a *episteme* qualitativa desse estudo, foram sistematizadas as narrativas de 14 enfermeiros que atuaram diretamente no enfrentamento da pandemia. Foram escolhidos enfermeiros, por conveniência, que trabalhavam nos seguintes campos de atuação: Atenção Básica à Saúde (ABS), atenção hospitalar e gestão/gerenciamento. Participaram oito enfermeiros da ABS, cinco enfermeiros da atenção hospitalar e um enfermeiro que atuava em cargo de gestão.

Os participantes selecionados atuavam no município de Sobral, interior do estado do Ceará, e no campo de vivências práticas do Curso de Enfermagem da UVA. O município conta com uma área geográfica de 2.068,474 km<sup>2</sup> e população de pouco mais de 212.437 habitantes segundo a estimativa de 2021 por meio do IBGE (IBGE, 2022).

As informações foram coletadas por meio de entrevistas semiestruturadas, aplicadas de forma remota e presencial, durante o ano de 2021. O roteiro de entrevista apresentava três questões abertas, no entanto, para este capítulo foi utilizado somente o questionamento codificado como I3 que tratava diretamente dos desafios relacionados à formação em enfermagem no contexto da pandemia.

Esta questão buscou traduzir, de forma crítica, as experiências vividas diante dos acontecimentos, além de salientar os processos históricos, os desafios e potencialidades encontradas no cenário de pandemia da Covid-19.

Para análise das informações coletadas, empregou-se a análise de conteúdo, e, para suporte no processo de análise, foi utilizado o software N VIVO 11. Assim, o processo de análise foi organizado em três fases, a saber: 1) pré-análise, 2) exploração do material e 3) tratamento dos resultados, inferência e interpretação (BARDIN, 2011).

Neste sentido, os resultados foram organizados nas seguintes categorias: a) Transformações da práxis profissional da Enfermagem na pandemia; b) Competências para formação de enfermeiros frente a pandemia.

Os participantes atestaram a aquiescência em participar da pesquisa por meio da assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). O recorte apresentado neste capítulo integra um projeto de pesquisa financiado pela Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico (FUNCAP) e apresenta parecer favorável do Comitê de Ética em Pesquisa, sob número de parecer 5.131.907.

## **Ações institucionais da uva com protagonismo do Curso de Enfermagem**

A cidade de Sobral, referência em saúde para outros 55 municípios que integram a macrorregião norte do estado do Ceará, teve papel estratégico no enfrentamento da

pandemia (RIBEIRO *et al.*, 2020; CARVALHO DA SILVA *et al.*, 2021). Especificamente o Curso de Enfermagem da UVA, que atua há 50 anos na formação de profissionais que atuam no município, tinha cinco enfermeiros egressos do Curso de Enfermagem, liderando a equipe gestora da crise em Sobral, dentre eles, a ocupante do cargo de Secretária da Saúde. Notadamente, outros enfermeiros egressos atuaram liderando hospitais, Unidades Básicas de Saúde (UBS), equipes de vigilância em saúde, redes de frios, programas de vacinação, entre outros.

Além disso, a UVA utilizou do seu pilar indissociável e constitucional (BRASIL, 1990) ensino-pesquisa-extensão como ferramentas fundamentais para apoio estratégico na crise sanitária que se instalava, com destaque para ações realizadas em Sobral, município onde está localizada a sede da Universidade.

Foram incorporadas tecnologias de comunicação e informação para dar continuidade na formação dos estudantes e foram mantidos estudantes em processo de internato em serviços de saúde que atuavam diretamente no enfrentamento da Covid-19.

Para garantir a manutenção das atividades de ensino no formato remoto foram distribuídos chips com pacote de internet para os estudantes em situação de vulnerabilidade social possuírem acesso. Esta ação foi coordenada pela Secretaria da Ciência, Tecnologia e Educação Superior (SECITECE) e Empresa de Tecnologia da Informação do Ceará (ETICE), em caráter excepcional, em decorrência da pandemia da Covid-19.



Os internatos foram redimensionados e os alunos atuaram em equipes multiprofissionais na vigilância e monitoramento de casos no hospital de campanha, na imunização e em pesquisas realizadas nos âmbitos municipal, estadual e nacional. Para subsidiar a inserção dos estudantes no cenário assistencial de pandemia, a Escola de Saúde Pública Visconde de Sabóia (ESP-VS) colaborou na capacitação de estudantes em biossegurança e condutas de vigilância.

Pesquisadores e integrantes de grupos de pesquisa permaneceram pesquisando o fenômeno da pandemia em diversos campos. Em particular, o Observatório de Pesquisas para o SUS (OBSERVA-SUS) da UVA esteve apoiando diretamente o Escritório de Crise da Pandemia em Sobral, com suporte ao desenvolvimento de boletins e análises de situação da doença nos territórios, como forma de dar suporte ao processo de tomada de decisão de gestão.

Além disso, a UVA colaborou com a logística das ações que foram realizadas para o combate da Covid-19, uma vez que apoiou no processo de descentralização das atividades de imunização e consequente ampliação do acesso ao imunizante. Assim, a estrutura do campus Betânia da UVA acolheu o drive de vacinação contra o vírus.

No âmbito institucional, a administração da Universidade criou o Comitê de Enfretamento da Pandemia da Covid-19, onde representantes docentes, discentes, servidores técnico-administrativos e funcionários terceirizados, planejavam ações estratégicas para o combate a esta

doença na universidade. Foram deliberados protocolos internos e orientações para toda a comunidade acadêmica.

A UVA integrou ainda o Centro de Operações de Emergências em Saúde Pública de Sobral (COESP-S), por meio de portaria emitida pela Prefeitura. O COESP-S é um colegiado intersetorial responsável pela coordenação das ações de resposta às emergências em saúde pública, incluindo a mobilização de instituições, órgãos, profissionais e demais recursos para o restabelecimento dos serviços de saúde e a articulação entre as esferas de gestão do SUS, sendo constituído por profissionais das coordenações-gerais e áreas técnicas (CARVALHO DA SILVA, 2021).

Deste modo, é notório que a integração entre ensino-serviço-comunidade é fundamental para a garantia do atendimento às necessidades em saúde da população. A colaboração do Curso de Enfermagem no planejamento e na execução de ações junto a Secretaria de Saúde foram importantes para o fortalecimento do SUS e para o enfrentamento da pandemia da Covid-19.

### **Transformações da práxis profissional da enfermagem na pandemia por egressos da UVA**

A pandemia da Covid-19 exigiu que os trabalhadores da saúde ressignificassem sua práxis profissional, objetivando adequar-se às constantes mudanças, permitindo respostas rápidas aos novos desafios impostos pelo cenário de crise. Neste sentido, foram analisadas nas narrativas de

enfermeiros (Enf) egressos do Curso de Enfermagem da UVA, participantes deste estudo, aspectos e/ou condições que exigiram transformações no sentir, pensar e agir frente a pandemia.

Foram relatadas novas formas de atendimento aos usuários, tais como teleatendimento, principalmente dirigidos a manutenção do cuidado a pessoas com condições crônicas, conforme expressa no seguinte depoimento: *“iniciamos os teleatendimentos de pacientes com hipertensão e diabetes”* (Enf3).

Caetano *et al.* (2020), em uma revisão abrangente da literatura, refletiu a intensidade de iniciativas de telessaúde desencadeadas em curto espaço de tempo, de modo que o surgimento da Covid-19 representa um momento de expansão das aplicações e usos da telessaúde como forma de melhorar a resposta do sistema de saúde à crise.

Os participantes também apresentaram estratégias de qualificação da comunicação no ambiente hospitalar e na ABS, com destaque para videochamadas, diálogos em aplicativos de mensagens e a utilização de redes sociais como espaço para práticas de promoção da saúde e prevenção da Covid-19:

*“começamos a pensar em novas formas de se comunicar com as famílias, pois as visitas estavam suspensas [...] inventamos as videochamadas, mensagens em whatsapp, ligações para passar a evolução das últimas 24 horas [...]”* (Enf1).

*“a comunicação com a comunidade precisou ir além dos atendimentos individuais e das visitas domiciliares [...] precisamos*

*pensar em outras formas, o Instagram foi um deles, fizemos lives, postávamos vídeos e isso ajudou a conscientizar a população a usar máscaras e de saber os fluxos de atendimento no posto de saúde” (Enf7).*

No âmbito dos serviços de saúde, ainda é necessário fortalecer as relações de comunicação, informação e diálogo, produzidas entre os profissionais da saúde e os usuários, uma vez que o ato comunicativo está diretamente relacionado ao desenvolvimento do projeto terapêutico (CORIOLANO-MARINUS *et al.*, 2014).

Neste contexto, com a popularização do acesso à internet, as redes sociais passaram a constituir-se como importantes ferramentas que podem qualificar a comunicação. Na pandemia de Covid-19, os dados de redes sociais foram usados na vigilância em saúde, uma vez que a velocidade da disseminação do vírus exigiu respostas rápidas e as redes sociais possibilitaram o compartilhamento de informações de forma ágil, colaborando para que a população tomasse suas decisões influenciadas por elementos relacionados à prevenção da Covid-19 e a promoção da saúde em meio ao isolamento social (XAVIER *et al.*, 2020).

Todavia, em oposição ao compartilhamento de informações seguras cientificamente e socialmente, viveu-se uma disseminação indiscriminada de *Fake News*, que desestimulavam a adesão de parte da população quanto às orientações de isolamento social e vacinação (GALLHARDI *et al.*, 2022), bem como amplificava discursos irresponsáveis e negacionistas por parte do governo federal

brasileiro (GIOVANELLA *et al.*, 2020). Este cenário precisou ser enfrentado por meio de compartilhamentos de informações verdadeiras e combate às *Fake News*.

Além disso, refletiu-se a necessidade de ressignificar a práxis e qualificar a gestão do cuidado por meio da centralidade no sujeito, clínica ampliada, educação permanente e de adequação às mudanças em protocolos assistenciais/organizacionais:

*“Passamos a nos comunicar melhor com o hospital [...], pois tinha um grupo de WhatsApp onde passávamos os casos de Covid-19 e a equipe do hospital e da regulação orientava o melhor fluxo do paciente [...] desenvolvemos um PTS de uma paciente que teve Covid e um surto psiquiátrico no mesmo período. Foi desafiador, mas a equipe da psiquiatria e do CAPS estiveram juntos desde a identificação do caso, internação, alta e acompanhamento no território. Tudo de forma remota pelo Meet e WhatsApp” (Enf13)*

*“Meus usuários hipertensos e diabéticos foram quase esquecidos. Muitos tiveram complicações pois estávamos muitos distantes e focadas na Covid” (Enf2).*

Cecílio (2011) define a gestão do cuidado em saúde como a disponibilização de tecnologias em saúde, em consonância às necessidades singulares do indivíduo, a fim de objetivar o bem-estar, segurança e autonomia. Neste sentido, olhar para as singularidades do sujeito na pandemia da Covid-19 foi um desafio, uma vez que a necessidade de atendimentos rápidos e o distanciamento provocado pelo

isolamento afastaram os usuários que não estavam contaminados pela Covid-19 dos serviços de saúde. Fato que dificultou o cuidado, principalmente de usuários com condições crônicas.

Além disso, as estratégias de Educação Permanente em Saúde, que antes na maioria das vezes agrupava profissionais de modo presencial, precisaram acontecer de forma remota, como podemos verificar no seguinte relato:

*“Fomos capacitados de forma remota por uma equipe do hospital [.../ mudava tudo muito rápido e tínhamos que aprender a fazer já implementando no nosso dia a dia”* (Enf2).

Assim, os espaços virtuais permitiram a conexão entre educação e o trabalho, por meio de processos de educação permanentes, transformadores e coerentes com os desafios diários (CECCIM; FEURWERKER, 2004) enfrentados na pandemia, e ainda na perspectiva da clínica ampliada, foram narradas estratégias de ações clínicas e intervenções compartilhadas e apoio matricial adaptadas ao contexto da pandemia:

*“[...] o serviço da policlínica ficou suspenso por um tempo [...], mas a enfermeira da policlínica fazia videochamada comigo para me orientar a forma de cobertura do curativo de um usuário diabético do meu território”* (Enf 10).

*“a enfermeira do CAPS me matriciou por videochamada o caso de uma paciente que tentou suicídio na minha área”* (Enf2).

O apoio matricial afirma-se como um recurso de construção de novas práticas colaborativas de cuidado por meio de um compartilhamento e corresponsabilização de saberes e práticas. Esta construção coletiva é mediada pelo encontro entre diferentes atores, que ao compreenderem a centralidade do usuário, promovem um cuidado singular e coerente com as reais necessidades dos sujeitos, suas famílias e seus territórios.

Para isso, o trabalho em equipes colaborativas é fundamental e na pandemia, os desafios foram amplificados, devido às jornadas exaustivas e a necessidade de manter o isolamento. No entanto, foi relatada a importância da equipe para enfrentar a saúde da família, dos medos e incertezas:

*“Na pandemia a relação com a equipe mudou, acho que por conta que estava bem distante da minha família devido a necessidade de isolamento e medo que estava de morrer de Covid ou levar essa doença para casa. Criei relações mais fortes e mais amigáveis. Foi uma forma de serem um pouco mais leves os momentos de tanto estresse com os pacientes graves” (Enf13).*

Nesta perspectiva, o afeto construído em equipes minimizou a exaustão do trabalho e o medo, promovendo uma dimensão terapêutica no encontro entre trabalhadores. Maia e Guimarães Neto (2021) corroboram ao refletir que relações profundas e dialógicas entre os profissionais,

atravessadas pela afetividade, transformam o mundo do trabalho.

Os relatos abordam ainda a necessidade e disponibilidade para o enfrentamento da crise vivida e gerenciamento de riscos associados:

*“Toda a equipe ficava atento na forma de utilização e estoque de EPI e medicamentos” (Enf1).*

*“A gerente foi contaminada de covid e de forma muito natural assumi a liderança da equipe [...] como estávamos muito juntos em todas as decisões, ficou mais fácil assumir o trabalho que minha coordenadora fazia [...] foi tão natural, mesmo não tendo cargo nenhum, eu me sentia tão responsável pelo serviço que fazia, que não podia deixar as coisas soltas e aí assumi por esse período e deu tudo certo” (Enf3).*

Desta maneira, o sentimento de pertencimento, responsabilidade, implicação e mobilização estimula enfermeiros a assumir lideranças e reconhecer riscos associados a disseminação da Covid-19. Ribeiro, Santos e Meira (2006) refletem que o exercício da liderança na enfermagem é essencial e intrínseco da profissão, de maneira que contribui para o cuidar.



## **Competências para formação de enfermeiros frente a pandemia**

A partir das narrativas de enfermeiros egressos da UVA acerca das transformações em sua práxis no cenário de pandemia, foram sistematizadas doze competências que precisam ser exploradas e sedimentadas no processo de formação em Enfermagem, considerando que a pandemia da Covid-19 trouxe impactos clínicos, sociais, culturais, políticos que irão permanecer na sociedade, o que exige mudanças nos modelos de atenção e, consequentemente, no processo de formação.

O Quadro 1 apresenta a sistematização de competências para formação em enfermagem frente as transformações exigidas no cenário de pandemia da Covid-19.

Quadro 1. Competências para formação em Enfermagem frente a pandemia. Sobral, Ceará, Brasil (2022)

<b>Competências esperadas</b>
Capacidade de utilizar tecnologias de informação e comunicação.
Capacidade de desenvolvimento de estratégias de comunicação efetivas com usuários, famílias e outros profissionais.
Capacidade de construir relações profissionais que qualifiquem o trabalho em equipe.
Capacidade de utilizar redes sociais digitais para amplificar as estratégias de promoção da saúde e prevenção de doenças e agravos.

Capacidade a ressignificar a práxis e qualificar o cuidado por meio da centralidade no sujeito, clínica ampliada, educação permanente e de adequação às mudanças em protocolos assistenciais/organizacionais.
Capacidade para desenvolver processos de matriciamento.
Capacidade de desenvolvimento de projetos terapêuticos colaborativos entre profissionais de diferentes profissões e serviços da rede de atenção.
Capacidade de enfrentamento de crises e gerenciamento de riscos.
Capacidade de desenvolver estratégias de liderança e gerenciamento de equipes, estruturas e processos.
Capacidade de pertencimento, responsabilidade, implicação e mobilização.
Capacidade de sistematizar evidências científicas de qualidade e traduzir o conhecimento científico à prática.
Capacidade de mobilizar as mentes e corações em defesa do SUS e contra práticas negacionistas que coloquem a vida em risco,

Fonte: Elaborado pelos autores (2022)

As Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN) apontam para o exercício da Enfermagem, competências gerais no âmbito da atenção à saúde, tomada de decisões, comunicação, liderança, administração e gerenciamento e educação permanente (BRASIL, 2001; BRASIL, 2018). As competências dispostas no Quadro 1 apresentam interface com os domínios de competências descritos nas DCN e já esperadas na formação generalista do enfermeiro.

Todavia, ao sistematizar competências relacionadas às transformações exigidas no cenário de pandemia da Covid-19, busca-se estimular que docentes, pesquisadores e estudantes reflitam junto com o sistema de saúde as transformações na práxis profissional do enfermeiro e a partir de então promovam mudanças que reorientem as matrizes curriculares para os novos desafios do sistema de saúde.

### **Considerações Finais**

O cenário de pandemia da Covid-19 trouxe importantes desafios ao sistema de saúde e para a formação em enfermagem, de maneira exigir transformações nos modos de sentir, pensar e agir em enfermagem. Deste modo, essas transformações vividas na pandemia da Covid-19 exigem que os modelos de atenção à saúde sejam ressignificados, assim como a formação em saúde. Para isso, são esperadas competências para a formação em enfermagem, coerentes com os desafios contemporâneos. As dozes competências sistematizadas, em interface com as competências previstas na DCN, buscam promover reflexões acerca da formação em enfermagem por meio da necessidade de desenvolvimento de capacidades relacionadas a comunicação, trabalho colaborativo e em rede, utilização de novas tecnologias, gerenciamento de crise, pertencimento, responsabilidade, implicação, mobilização e defesa do SUS, entre outros.

Neste contexto, o protagonismo do Curso de Enfermagem da UVA na pandemia da Covid-19 reforça o seu papel implicado com os desafios do SUS e com a construção de uma formação contextualizada e socialmente referenciada, que se ressignifica frente aos cenários desafiadores com criatividade, inovação e comprometimento.

## **Referências**

BEECHING, N.J.; FLETCHER, T.E.; FOWLER, R. COVID-19. *BMJ Best Practice*. 2020. Disponível em: <https://bestpractice.bmj.com/topics/en-gb/3000201>. Acesso em: 16 nov. 2022.

BRASIL. *Constituição da República Federativa do Brasil*: promulgada em 5 de outubro de 1988. 4. ed. São Paulo: Saraiva, 1990.

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Superior. *Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação em Enfermagem n. 3 de 7 de novembro de 2001*. Brasília: MEC, 2001. Disponível em: [https://normativasconselhos.mec.gov.br/normativa/view/CNE\\_CESo3.pdf?query=Curr%C3%ADculos](https://normativasconselhos.mec.gov.br/normativa/view/CNE_CESo3.pdf?query=Curr%C3%ADculos). Acesso em: 20 nov. 2022.

BRASIL. Ministério da Saúde. *Resolução n. 573, de 31 de janeiro de 2018*. Aprovar o Parecer Técnico n. 28/2018 contendo recomendações do Conselho Nacional de Saúde (CNS) à proposta de Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN) para o curso de graduação Bacharelado em Enfermagem. 2018 Disponível em: <https://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2018/Reso573.pdf> . Acesso em: 01 nov. 2022.

BRASIL. Ministério da Saúde. *Diretrizes para diagnóstico e tratamento da COVID-19*. Brasília: Editora do Ministério da Saúde, 2020.

BRASIL. Ministério da Saúde. *Portaria nº 188, de 3 de fevereiro de 2020*. Declara Emergência em Saúde Pública de importância Nacional (ESPIN) em decorrência da Infecção Humana pelo novo Coronavírus (2019-nCoV). Brasília: Diário Oficial da União, 2020.

BRASIL. Ministério da Saúde. *Portaria nº 454, de 20 de março de 2020*. Declara, em todo o território nacional, o estado de transmissão comunitária do coronavírus (COVID-19). Brasília: Diário Oficial da União, 2020.

CAETANO, R. et al. Desafios e oportunidades para tele-saúde em tempos da pandemia pela COVID-19: uma reflexão sobre os espaços e iniciativas no contexto brasileiro. *Cadernos de Saúde Pública*. v. 36, n. 5, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0102-311X00088920>. Acesso em: 10 out. 2022.

CARVALHO DA SILVA, R. C. et al. Estratégias de gestão e (re)organização da rede de saúde de Sobral-ce no enfrentamento da COVID-19. *SANARE - Revista De Políticas Públicas*, v. 20, n. 1, p. 7-16, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.36925/sanare.v20i0.1504>. Acesso em: 20 out. 2022.

CECILIO, L. C. O. Apontamentos teórico-conceituais sobre processos avaliativos considerando as múltiplas dimensões da gestão do cuidado em saúde. *Interface (Botucatu)*, Botucatu, v. 15, n. 37, p. 589-599, 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/icse/a/sBcTQJFRbBYmMgwSpN-RkSrt/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 10 ago. 2022.

CECCIM, R. B.; FEUERWERKER, L. M. O quadrilátero da formação para a área da saúde: ensino, gestão, atenção e controle social. *Physis*, v. 14, n. 1, p. 41-65. 2004.

Disponível em: <https://www.scielo.br/j/physis/a/GtNSGFwY4hzh9G9cGgDjqMp/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 18 ago. 2022.

CHEN, Y. et al. Structure analysis of the receptor binding of 2019-nCoV. *Biochem Biophys Res Commun*. 2020.

Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC7092824/> . Acesso em: 10 out. 2022.

GANDRA, E.C. et al. Enfermagem brasileira e a pandemia de COVID-19: desigualdades em evidência. *Escola Anna Nery*. v. 25 (spe), 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ean/a/ccWCPqt8ffm4fbDFvgb68gL/?format=pdf&lang=pt>.

Acesso em: 19 out. 2022.

GALHARDI, C. P. et al. Fake news e hesitação vacinal no contexto da pandemia da COVID-19 no Brasil. *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 27, n. 05, p. 1849-1858, 2022.

Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/PBmHtLCpJ7q-9TXPwvdVZ3kGH/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 11 out. 2022.

GEREMIA, D.S. Pandemia COVID-2019: formação e atuação da enfermagem para o Sistema Único de Saúde. *Enferm. Foco*. v.11, n. 1 Especial, p. 40-47, 2020. Disponível em: <http://revista.cofen.gov.br/index.php/enfermagem/article/view/3956/801>. Acesso em: 10 nov. 2022.

GIOVANELLA, L. et al. Negacionismo, desdém e mortes: notas sobre a atuação criminosa do governo federal brasileiro no enfrentamento da Covid-19. *Saúde em Debate*, v. 44, n. 126, p. 895-901, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/sdeb/a/yjzTqB9mNMpxj7hsrqmSmKs/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 01 out. 2022.

HUANG, C. et al. Clinical features of patients infected with 2019 novel coronavirus in Wuhan, China. *Lancet*. v. 395, n. 10223, p. 497-506, 2020. Disponível em: [https://www.thelancet.com/article/S0140-6736\(20\)30183-5/fulltext](https://www.thelancet.com/article/S0140-6736(20)30183-5/fulltext). Acesso em: 22 out. 2022.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas. *Sobral - CE - IBGE - Cidades*. 2022. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ce/sobral/panorama>. Acesso em: 19 jul. 2022.

MAIA, A. O. B.; GUIMARAES NETO, A. C. Resiliência de profissionais de saúde frente à COVID-19. *Rev. SBPH*, São Paulo, v. 24, n. 1, p. 147-161, 2021. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rsbph/v24n1/14.pdf>. Acesso: 22 jul. 2022

MINAYO, M. C. S. *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. 14ed. São Paulo: Hucitec, 2014.

RIBEIRO, M. A. et al. (RE)Organização da Atenção Primária à Saúde para o enfrentamento da COVID-19: Experiência de Sobral-CE. *APS EM REVISTA*, v. 2, n.2, p.177-188, 2020. Disponível em: <https://apsemrevista.org/aps/article/view/125/54>. Acesso em: 18 jul. 2022.

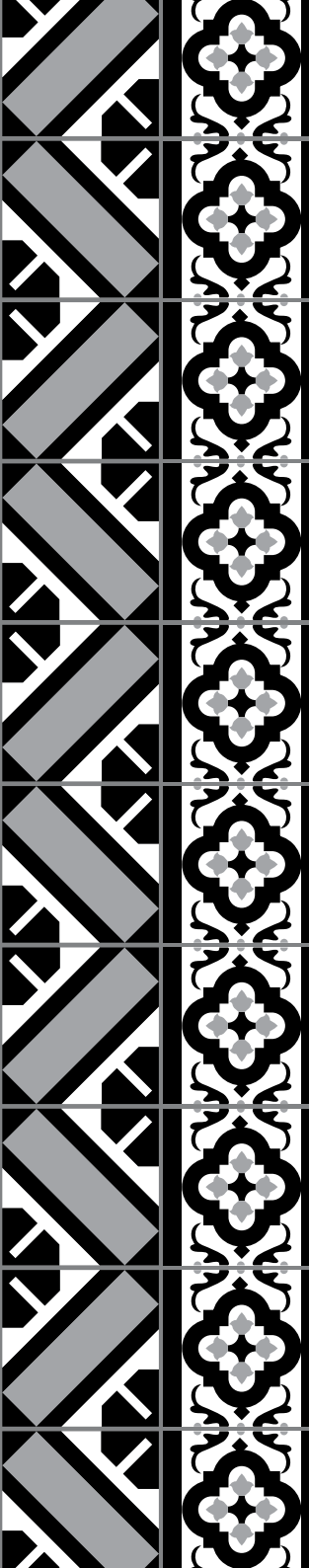
RIBEIRO, M.; SANTOS, S.L.; MEIRA, T.G.B.M. Refletindo sobre liderança em Enfermagem. *Escola Anna Nery*. v. 10, n. 1, p. 109-115, 2006. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ean/a/HNL3jgqyYH4rFx75LRDLnDD/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 09 nov. 2022.

XAVIER, F. et al. Análise de redes sociais como estratégia de apoio à vigilância em saúde durante a Covid-19. *Estudos Avançados*. v. 34, n. 99, p. 261-282, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ea/a/mJdn8gkLSwfbgXNvnfnQF-g/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 01 ago. 2022.

ZHANG, J-J et al. Clinical characteristics of 140 patients infected with SARS-CoV-2 in Wuhan, China. *Allergy*. 2020. Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1111/all.14238>. Acesso em: 09 nov. 2022.







Curso de  
Enfermagem  
da UVA: Bases  
Sólidas para  
uma Formação  
Profissional  
Socialmente  
Implicada com  
os Desafios  
Contemporâneos

*Izabelle Mont'Alverne Napoleão Albuquerque*

*Marcos Aguiar Ribeiro*

*Ana Beatriz Oliveira do Nascimento*

*Maristela Inês Osawa Vasconcelos*

*Lielma Carla Chagas da Silva*

*Maria Socorro de Araújo Dias*

# **Curso de Enfermagem da UVA: Bases Sólidas para uma Formação Profissional Socialmente Implicada com os Desafios Contemporâneos**

Izabelle Mont'Alverne Napoleão Albuquerque

Marcos Aguiar Ribeiro

Ana Beatriz Oliveira do Nascimento

Maristela Inês Osawa Vasconcelos

Lielma Carla Chagas da Silva

Maria Socorro de Araújo Dias

## **Contextualização**

A criação da Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA) em 1968 esteve diretamente ligada à Igreja e sua relação sinérgica com a gestão municipal, com o protagonismo do Mons. Francisco Sadoc de Araújo, fundador e primeiro reitor (MONT'ALVERNE; ALBUQUERQUE, 2018). Ao longo do seu processo de desenvolvimento, a UVA foi se solidificando como uma Instituição de Ensino Superior (IES) de referência para a região noroeste do estado do Ceará, constituindo-se como universidade *mater*, uma vez que a partir dela todas as outras IES foram criadas e/ou implementadas, seja por meio do apoio no processo de implantação ou na formação dos seus líderes.

No dia 03 de junho de 1971, foi criada a Faculdade de Obstetrícia de Sobral pelo Conselho Diretor da Fundação Vale do Acaraú. No entanto, apenas em fevereiro de

1972 foram iniciadas as atividades acadêmicas e em junho do mesmo ano houve o primeiro vestibular para o curso em questão. (MONT'ALVERNE; ALBUQUERQUE, 2018).

A partir de então, foram cinquenta anos de Curso de Enfermagem da UVA, que acompanharam o desenvolvimento local do município de Sobral e da própria construção do ser enfermeiro no Brasil. Durante esse período, diversas correntes e modelos, entre estes o modelo religioso, o modelo biomédico e, mais recentemente, o modelo dos marcos conceituais e teóricos, foram (CARVALHO, 2009). Neste sentido, o processo de desenvolvimento do Curso de Enfermagem da UVA foi historicamente construído, socialmente contextualizado e atravessado pelas dimensões científica, tecnológica, ética, filosófica, estética e política, relacionadas ao processo de construção da identidade do ser enfermeiro pela UVA.

Na evolução do Curso de Enfermagem da UVA, coerente com o desenvolvimento da enfermagem no mundo e no Brasil, as primeiras expressões do saber se deram a partir do desenvolvimento de técnicas, principalmente relacionadas ao parto, uma vez que se constituía como principal causa de mortalidade materna e infantil nos primórdios de criação do curso. A posteriori, vieram os princípios científicos e as teorias que representam a expressão mais contemporânea do saber em enfermagem (ALMEIDA; ROCHA, 1989). Neste processo, a Enfermagem da UVA passou por etapas distintas que vão desde o enfoque técni-

co à busca dos princípios e métodos científicos para subsidiar a complexidade que envolve o cuidado

Nesta perspectiva, busca-se refletir as bases da formação de enfermeiros na UVA, para uma práxis socialmente implicada com os desafios contemporâneos.

### **Oportunidades e estratégias de enfrentamento dos desafios na formação do enfermeiro da UVA**

É intrínseco que a perspectiva contemporânea exige da sociedade a formação de enfermeiros coerentes com o acelerado processo de modernização científica e tecnológica. Diante disso, a construção do conhecimento demanda cada vez mais do processo de formação de profissionais, sobretudo, os que envolvem o âmbito da saúde (SILVA *et al.*, 2010). Para tal colocação é pertinente a reflexão sobre o Curso de Enfermagem da UVA, uma vez que ao longo de seu processo de desenvolvimento, as transformações epidemiológicas, demográficas, sociais, culturais e políticas exigiram novas competências de formação, coerentes com os desafios vividos no cotidiano do trabalho em saúde.

A formação do enfermeiro deve ser entendida como um processo dinâmico e em constante modificação a partir das novas descobertas e inovações. Silva (2018) reforça que o profissional de enfermagem precisa ser preparado para o processo de tomada de decisão, sustentado por conhecimentos evidenciados cientificamente e contextualizados socialmente.

Neste sentido, registra-se que em seu processo histórico foram vividos importantes desafios ao longo dos 50 anos do Curso de Enfermagem da UVA. Ademais, foram exploradas oportunidades e desenvolvidas estratégias de superação, com destaque para: (a) modelos biomédicos e tecnicistas, com o cuidado centrado na doença; (b) projetos políticos pedagógicos descontextualizados favorecendo a dicotomia entre teoria e prática; (c) restritivos investimentos e estímulos ao desenvolvimento da Pesquisa e Extensão; (d) novos perfis de estudantes imersos no contexto das tecnologias digitais, redes sociais e pós-cenário de pandemia da Covid-19.

O campo de conhecimento da enfermagem foi historicamente influenciado por diversos fatores e desenvolveu-se ao ritmo das grandes correntes de pensamento. Na primeira metade do século XX, se afastou gradativamente dos valores religiosos e morais, passando a adotar um modelo biomédico e tecnicista (CARVALHO, 2009). Neste sentido, a herança biomédica e tecnicista atravessou períodos e ainda se constitui como um importante desafio na formação em enfermagem.

Melo (2016) ainda reforça que o modelo biomédico traz à tona um grande desafio tanto no campo da pesquisa quanto nos campos de formação e trabalho. Este modelo faz com que a práxis do enfermeiro torne-se a de auxiliar do médico em muitos ambientes de trabalho.

No âmbito da enfermagem da UVA, esse desafio era potencializado pela característica inicial de formação do

corpo docente que era formada, na sua maioria, por profissionais médicos. Neste cenário, estudantes de enfermagem tinham médicos como referência em sua formação, o que fragilizava a construção da identidade do ser enfermeiro, impactando em uma prática profissional centrada na doença.

Deste modo, ao longo do tempo, com a realização de concursos públicos e processos seletivos, o perfil docente do Curso de Enfermagem da UVA foi alterando, de maneira que passou a predominar enfermeiras como docentes. Assim, a formação em enfermagem na UVA foi gradativamente se deslocando de um currículo proposto por médicos para uma matriz formativa desenvolvida com o protagonismo de enfermeiras. Fato que proporcionou expressivas mudanças, principalmente no que se refere ao processo de reconhecimento e identificação por parte dos estudantes. Pava e Neves (2010) corroboram ao refletir a importância do docente enfermeiro no movimento de construção da identidade.

Nesta perspectiva, a ocupação do espaço docente por enfermeiras, possibilitou tensionamentos acerca das matrizes curriculares vigentes, bem como possibilitou a incorporação e desenvolvimento de conhecimentos, habilidades e atitudes, alicerçadas em princípios e métodos científicos de planejamento da assistência, bem como a formulação de concepções teóricas relacionadas ao ato de cuidar em enfermagem (CARVALHO, 2009).

Outro importante desafio é superar projetos políticos pedagógicos descontextualizados com as realidades da sociedade e do mundo do trabalho. As Diretrizes Curriculares Nacionais (DCNs) do curso de graduação em Enfermagem, homologada a partir da resolução nº03 de 07 de dezembro de 2001, propõe a integralidade de um perfil generalista, humano, crítico e reflexivo tendo como pilar o princípio científico com vistas a desenvolver competências que envolvam a atenção à saúde, resolutividade, tomada de decisões, comunicação, empreendimento, liderança, administração, gerenciamento e educação permanente (BRASIL, 2001; SANTOS, 2003).

Para Corbellini *et al.*, (2010) as competências estão voltadas para a implementação de estratégias fundamentadas com base nas diretrizes do Sistema Único de Saúde (SUS) no que envolve os conceitos de saúde e a utilização de metodologias ativas que favoreçam o ensino-aprendizagem.

Neste contexto, em 1997, na enfermagem da UVA, já se discutia uma nova proposta curricular que atendesse de forma ativa os desafios de uma formação contextualizada e socialmente referenciada. Na prática, a reformulação da matriz curricular da enfermagem da UVA passa por uma reorientação da formação a partir das transformações desta matriz curricular por meio do Programa Nacional de Reorientação da Formação Profissional em Saúde (Pró-Saúde) em 2005. Surge daí uma busca da instituição por uma proposta de ensino que se direcione às reais necessi-



dades da população e do sistema de saúde e, diante dessa discussão, em 2009, criou-se uma comissão para propor o novo modelo pedagógico. A partir de então, o Curso de Enfermagem da UVA adotou o sistema modular, como módulos sequenciais e longitudinais. Um exemplo potente desta transformação se dá por meio da inserção de competências que fomentem a formação longitudinal em Atenção Básica à Saúde (ABS), coerente com compreensão da ABS como coordenadora do cuidado (BRITO, 2014).

Outros processos formativos indutores da formação para o Sistema Único de Saúde (SUS) ajudaram a potencializar o desejo de mudança na formação em enfermagem da UVA, bem como a construção de uma relação sinérgica entre a universidade e o sistema de saúde. Como exemplo, destaca-se o Programa de Educação pelo Trabalho para a Saúde (PET-Saúde) pela Portaria Interministerial MS/MEC nº 1.802, de 26 de agosto de 2008, como uma proposta do Ministério da Saúde, por intermédio das Secretarias de Gestão do Trabalho e da Educação na Saúde e Secretaria de Atenção à Saúde, e do Ministério da Educação (BRASIL, 2008).

O PET-Saúde busca por meio de grupos de aprendizagem tutorial, em áreas estratégicas do SUS, qualificar em serviço preceptores/profissionais da saúde e estudantes de graduação em saúde, por meio de imersão no mundo do trabalho, ampliação dos cenários de atuação e fomento a educação interprofissional, tendo como pressuposto a integração ensino-serviço-comunidade (SILVA *et al.*, 2015).

Neste sentido, o Curso de Enfermagem da UVA foi contemplado com o Pró-Saúde I (2006-2007); PET-Saúde (2009-2010); PET-Saúde/Saúde da Família (2010-2011), PET-Saúde/Vigilância em Saúde (2010-2011); PET Saúde/Saúde Mental (2011-2012); Pró-Saúde/PET-Saúde (2012/2014); PET-Saúde/Vigilância em Saúde (2013/2015); PET-Saúde/Redes de Atenção (2013/2015); PET-GraduaSUS (2016/2018); o PET-Interprofissionalidade (2019 a 2021) e PET- Gestão e Assistência (2022-2023).

Outro potente processo formativo foi o Projeto de Vivências e Estágios na Realidade do SUS (VER-SUS), que teve sua primeira edição em Sobral em 2004 e posteriormente retomada em 2012. O VER-SUS foi desenvolvido pela Rede Unida e Ministério da Saúde e consistia em uma imersão no SUS por estudantes de graduação de diferentes cursos de graduação da saúde e áreas afins. O VER-SUS buscava por meio de um estágio interdisciplinar de vivência a mobilização de mentes e corações em defesa do SUS (RIBEIRO *et al.*, 2016). Os movimentos do VER-SUS colaboraram para o fortalecimento do movimento estudantil da enfermagem da UVA e da construção de um coletivo de estudantes que refletiam criticamente a formação e sua coerência com as realidades do SUS.

A construção de relações sinérgicas entre o Curso de Enfermagem da UVA e o sistema de saúde demarcada principalmente pela inserção de estudantes e professores em serviços de saúde de Sobral colaborou para a constru-

ção de um Sistema de Saúde Escola. Soares *et al.*, (2008) reflete o sucesso do Sistema Saúde Escola de Sobral como o resultado positivo do esforço de agentes que trabalham, colaboram e se debruçam em busca da integração entre ensino-serviço.

Salienta-se ainda o desafio de estimular a pesquisa e extensão no âmbito da formação em enfermagem. O tripé universitário está atrelado à construção de bases sólidas para o processo de formação do enfermeiro. Diante de sua conceitualização, é essencial englobar o ensino, pesquisa e extensão ainda na graduação para favorecer uma vivência ampla e de qualidade, compreendendo que para qualificar um profissional é necessário que ele seja inserido nos mais diversos cenários práticos.

Pivetta *et al.*, (2010) reafirmam que as funções da universidade inseridas em um contexto contemporâneo são pautadas em princípios democráticos e transformadores diante dos espaços técnicos-científicos e sociais incorporados nas IES. Essas funções implicam na entrada de novos paradigmas que possibilitam olhares ampliados e caminhos que perpassam entre os diferentes saberes disciplinares para fortalecer a integração entre ensino, pesquisa e extensão.

O ensino, a pesquisa e a extensão funcionam como uma ferramenta transformadora para as atribuições do enfermeiro como profissional. Esse tripé fomenta a ideia de um profissional já familiarizado com a prática, com co-

nhecimentos sociais e uma base humanística solidificada nas interações que esse importante dispositivo proporciona.

Na enfermagem da UVA, para o desenvolvimento da pesquisa científica, docentes enfermeiras iniciaram um movimento de deslocamento de Sobral para Fortaleza, com a intencionalidade de acessar a pós-graduação e a partir de então qualificar a formação docente e incorporar o desenvolvimento de pesquisas científicas no âmbito do Curso de Enfermagem da UVA.

Destaca-se a criação do primeiro grupo de pesquisa da UVA, o Laboratório de Pesquisa Social, Educação Transformadora e Saúde Coletiva (LAB-SUS), que representa um importante avanço do desenvolvimento da pesquisa científica na enfermagem da UVA. A partir de então, outros grupos foram sendo criados, em sua maioria relacionando a Enfermagem com o campo da Saúde Coletiva. Dentre eles, podemos destacar o Observatório de Pesquisas para o Sistema Único de Saúde (OBSERVA-SUS), o Grupo de Estudos em Vulnerabilidade em Saúde (GEVS) e o Grupo de Estudo e Pesquisa Saúde Mental e Cuidado (GESAM).

Ao longo do tempo, as pesquisas foram ganhando qualidade e repercutindo em âmbito regional, nacional e internacional, por meio de publicações científicas, participação em eventos científicos e financiamento de órgãos de fomentos estaduais e nacionais. Este processo impactou ainda no desenvolvimento da pós-graduação, com o

protagonismo de docentes da enfermagem da UVA para a criação e manutenção do Programa de Mestrado em Saúde da Família da Universidade Federal do Ceará (UFC) e, posteriormente, a participação da UVA na Rede Nordeste de Formação em Saúde da Família (RENASF/FIOCRUZ), com a oferta em rede de Mestrado e Doutorado Profissional em Saúde da Família.

Assim, de acordo com dados da Coordenação de Iniciação Científica da UVA, nos últimos 3 anos, o Curso de Enfermagem captou 11% do total das bolsas na UVA, considerando cotas da Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico (FUNCAP), Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC), Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica e Tecnológica (PIBITI) e Programa de Bolsas de Permanência Universitária (PBPU). Das 13 bolsas de Produtividade em Pesquisa, Estímulo à Interiorização e à Inovação Tecnológica (BPI/FUNCAP) concedidas no último edital (2020), três foram de docentes da Enfermagem da UVA.

Ressalta-se ainda, que o único projeto aprovado de IES no interior do estado no edital Programa de Pesquisa para o SUS - PPSUS 2017 foi de docente da Enfermagem da UVA, com aprovação nas duas versões anteriores (2013 e 2015). No que tange a participação de docentes da Enfermagem em editais de premiação, destaca-se o INOVASUS e a Mostra Nacional de Experiências Bem-Sucedidas em Epidemiologia, Prevenção e Controle de Doenças.

Importantes eventos científicos e de extensão na área da saúde foram organizados por docentes e estudantes da Enfermagem da UVA nos últimos anos, a exemplo do I Congresso Internacional Saúde e Sociedade (2017), I Congresso da Região Norte de Saúde Baseada em Evidências (2015), captando recursos do Ministério da Ciência, Tecnologia, Inovações e Comunicações no edital de apoio a eventos da 13<sup>a</sup> Semana Nacional de Ciência e Tecnologia (SNCT 2016), com o tema “Ciência alimentando o Brasil”, sendo um dos 94 projetos apoiados no país em 2016, envolvendo 10 municípios da Região Norte do Estado do Ceará.

No bojo das ações de extensão desenvolvidas por docentes e discentes da Enfermagem e outras áreas, com atuação interdisciplinar, destacam-se as Ligas acadêmicas com atuação nas áreas da Saúde mental (Lisam), Saúde do adolescente (Lipsa), Saúde da criança (Liscr), Saúde da Família (Lesf), Saúde do idoso (Liger), Urgência e Emergência (Lelue), Saúde cardiovascular (Lecardio), Oncologia (Lion) e Enfermagem em Cuidados Clínicos (Laecc).

As ligas acadêmicas vêm de encontro com a importância da extensão, uma vez que a associação da teoria-prática atrelada a realidade das comunidades e diversos cenários propostos ressignificam o saber do enfermeiro. A enfermagem da UVA amplia e potencializa esse processo a partir da inserção de ligantes nos mais diferentes campos de práticas que envolvem a assistência hospitalar, a vivência na atenção primária, escolas e dispositivos do SUS que

englobam os três níveis de atenção e incorporam aprendizados em saúde da família, cardiovascular, oncológico, urgência e emergência, cuidado à criança e adolescente, materno e infantil, processos semiotécnicos, idosos dentre outros campos que fortalecem o processo do cuidar e do saber.

É interessante traduzir a extensão como uma importante fonte de prática e transformações, já que promove a inserção de professores, técnicos e alunos na realidade do território diante de uma perspectiva extramuro da universidade. Tal ferramenta colabora para a troca de experiências e fomenta as atribuições estudadas nos módulos transversais que vão além do ensino técnico-científico com vistas a promover a revisão constante de seus valores (SILVA, 2020).

No que se refere aos desafios relacionados aos novos perfis de estudantes imersos no contexto das tecnologias digitais, redes sociais e pós-cenário de pandemia da Covid-19, reflete-se que em um contexto dinâmico e globalizado, é esperado que cada vez mais adultos-jovens e adolescentes deem entrada na graduação. Em uma perspectiva de remodelagem do ensino, atrelado às novas tecnologias e a contemporaneidade da nova geração, verifica-se um novo perfil de estudantes de enfermagem que adentra no ensino superior com uma íntima relação com o mundo digital, a internet e os processos tecnológicos.

Campeiz (2017), contribui ao ponderar que essa geração se encontra imersa nas redes sociais, o que impacta

em uma dificuldade em constituir vínculos. Esse contexto geracional, potencializado pela pandemia da Covid-19, que exigiu períodos de isolamento social e um excesso de comunicação digital, traz uma potente afinidade dos estudantes com mídias e comunicação digital, o que pode potencializar o uso e aplicabilidade de produtos e processos tecnológicos no ensino e na aprendizagem. Em contrapartida, a praticidade que a tecnologia possibilita fragiliza os constructos sociais em um sentido de afastamento do real ao tecnológico.

Este novo perfil exige o desenvolvimento de novas estratégias e metodologias de ensino-aprendizagem, bem como a necessidade de incorporar ao ensino novas linguagens e inovações. Neste sentido, a enfermagem da UVA vem refletindo com maior densidade o ensino da saúde, com a construção de uma proposta de Mestrado Profissional em Ensino na Saúde submetida ao Aplicativo para Propostas de Cursos Novos (APCN) das Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior em 2022.

Dito isto, em um contexto de construção de bases sólidas para o processo formador, elencar atributos que favorecem esse caminho é essencial, dessa forma, é importante para as instituições conectar por meio de uma perspectiva dinâmica e ativa, a ciência e a tecnologia como uma ferramenta de estímulo à permanência de estudantes no ensino superior. Podemos elencar ainda que há um desafio em consonância a evasão de alunos. É necessário compre-



ender que a graduação é um caminho de construções coletivas, democráticas, humanas e sociais, para isso, é fundamental que as universidades proponham ferramentas que favoreçam o processo motivacional dos alunos, bem como, fortaleçam a produção do conhecimento e o envolvimento com a prática.

### **Considerações Finais**

A graduação de Enfermagem da UVA tem significativa relevância para o desenvolvimento da região noroeste do estado do Ceará, de modo que sua trajetória histórica, ao longo dos 50 anos, possibilitou a formação de enfermeiros que atuassem em diversos segmentos profissionais: gestão, atenção à saúde, formação, pesquisa, política, empreendedorismo etc.

Assim, o Curso de Enfermagem da UVA buscou com inovação, implicação, criatividade e comprometimento, superar os desafios atravessados ao longo de sua existência, dentre eles modelos biomédicos e tecnicistas, com o cuidado centrado na doença; projetos políticos pedagógicos descontextualizados e dicotomia teoria-prática, restritivos investimentos e estímulos ao desenvolvimento da Pesquisa e Extensão e novos perfis de estudantes imersos no contexto das tecnologias digitais, redes sociais e pós-cenário de pandemia da Covid-19.

Deste modo, o sucesso da formação em enfermagem da UVA é um reflexo da qualidade do ensino, pesquisa e extensão. O que reforça o já referenciado reconhecimento

de força matriz para o desenvolvimento regional/estadual ao subsidiar o ecossistema do mundo do trabalho em saúde profissionais capacitados, sobretudo, com expertise de exercer uma prática socialmente contextualizada e politicamente implicada por meio de atuação transformadora e atenta aos preceitos éticos e de cidadania.

Seguimos conscientes de uma permanente incompletude na busca de uma utopia necessária de construirmos uma região, estado e país que erradiquem as iniquidades e que todos, se assim for seus projetos de vida, tenham acesso à universidade e que esta cumpra seu papel precípua de formação universal, para tanto, com formação cidadã que incorpore as dimensões científica, tecnológica, ética, filosófica, estética e política do ser enfermeiro.

Neste ínterim, o Curso de Enfermagem da UVA tem se empenhado em uma busca contínua, assumindo uma posição de vanguarda no enfrentamento dos desafios com a implementação de políticas institucionais e ou projetos colaborativos. Com isso, a colheita tem sido farta e prazerosa e são notórios os potentes itinerários dos egressos do Curso de Enfermagem ao assumirem cargos expoentes de gestão de políticas e instituições, ascensão a pós-graduação e aprovação em concursos públicos, por exemplo.

E neste ano de celebração do cinquentenário do Curso de Enfermagem da UVA temos a alegria de ter como reitora desta universidade uma egressa do Curso de Enfermagem, professora Isabelle Mont'Alverne Napoleão Albuquerque.

## **Referências**

ALMEIDA, M.C.P., ROCHA, J.S.Y. *O saber de enfermagem e sua dimensão prática*. Cortez Editora. 1989. 128p.

BRITO, M.C.C. *Formação do enfermeiro para a atenção básica: análise da orientação teórica, cenários de prática e orientação pedagógica a partir de um curso de graduação*. 2014. 1v. 123f. Dissertação (Mestrado em Saúde da Família) Universidade Federal do Ceará - UFC. Disponível em: [https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/26401/1/2014\\_dis\\_mccbrito.pdf](https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/26401/1/2014_dis_mccbrito.pdf). Acesso em: 03 de nov. 2022.

BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. Conselho Nacional de Educação, Câmara da Educação Superior. *Parecer nº 3, de 7 de novembro de 2001 - institui as Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação em Enfermagem*. Brasília, 2001. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/CES03.pdf>. Acesso em: 04 nov. 2022.

BRASIL. Ministério da Saúde. Portaria Interministerial nº1.802, de 26 de agosto de 2008. *Institui o Programa de Educação pelo Trabalho para a Saúde – PET – Saúde*. Brasília: Ministério da Saúde; 2008. Disponível: [https://bvsmms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2008/pri1802\\_26\\_08\\_2008.html](https://bvsmms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2008/pri1802_26_08_2008.html). Acesso: 05 de nov. 2022.

CAMPEIZ, A.F. *et al.* A escola na perspectiva de adolescentes da Geração Z. *Revista Eletrônica de Enfermagem*. 2017, v.19, n.58, p. 1-9. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/fen/article/view/45666/25011>. Acesso em: 03 nov. 2022.

CARVALHO, V. Por uma epistemologia do cuidado de enfermagem e a formação dos sujeitos do conhecimento na área da enfermagem – do ângulo de uma visão filosófica. *Esc. Anna Nery Rev. Enferm.*, v. 13, n. 2, 2009. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ean/a/sMkwnTkhyNNVJB8DXkP-cFVv/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 01 de nov. 2022.

CORBELLINI, V.L. *et al.* Nexos e desafios na formação profissional do enfermeiro. *Revista Brasileira de Enfermagem*. 2010, v. 63, n. 4, p. 555-560. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/reben/a/7hZWYKHqpX9nFQ3SPKy3qzC/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 28 de out. 2022.

MELO, C.M.M. Desafios contemporâneos sobre trabalho e formação da enfermeira no brasil. 2016. *Editorial*. Disponível em: <https://pdfs.semanticscholar.org/17b8/45b550919477f6e5c41742f10a88b154e461.pdf>. Acesso em: 23 de out. 2022.

MONT`ALVERNE, G.G.S.; ALBUQUERQUE, I.M.N. *Cinquentenário da Universidade Estadual Vale do Acaraú. Sobral*. Edições UVA, 2018.

PAVA, A.M., NEVES, E. B. A arte de ensinar enfermagem: uma história de sucesso. *Rev Bras Enferm.*, v. 64, n.1, 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/reben/a/4n3W-tkW8R7mwqMC7tkpHqjC/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 03 de nov. 2022.

RIBEIRO, M.A. et al. Vivências e Estágios na Realidade do Sistema Único de Saúde (VER-SUS) como agente promotor de mudanças na formação de graduação e nas práticas profissionais. *Saúde & Transformação Social*, v.7, n.1, 2016. Disponível em: <https://incubadora.periodicos.ufsc.br/index.php/saudeettransformacao/article/view/3687/4539>. Acesso em: 03 de nov. 2022.

SANTOS, S.S.C. Currículos de enfermagem do Brasil e as diretrizes: novas perspectivas. *Rev Bras Enferm.*, v. 56, n. 4, p. 361-64, 2003. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/reben/a/ybfmFncnZkWR5mGfmMfP39L/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 30 de out. 2022.

SILVA, M.G. et al. Processo de formação da(o) enfermeira(o) na contemporaneidade: desafios e perspectivas. *Texto & Contexto – Enfermagem*, v. 19, n. 1, 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tce/a/TpDL8SFcVyQJGPn7RL-GTKKD/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 26 de out. 2022.

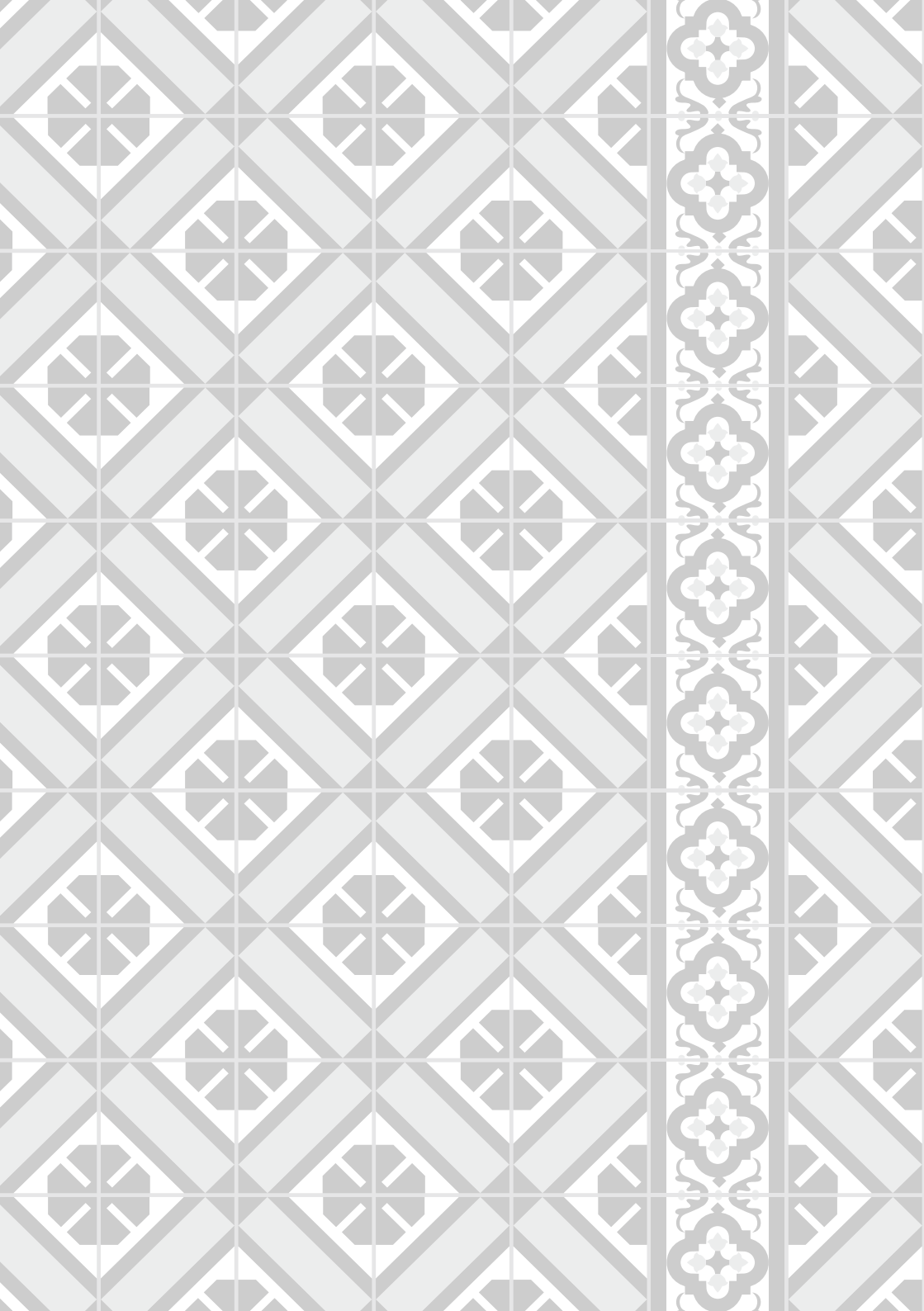
SILVA, C. R. *Desafios contemporâneos da formação dos profissionais de enfermagem para a atuação profissional em promoção da saúde*. 2018. 61 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Ensino em Biociências e Saúde) - Instituto Oswaldo Cruz, Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2018. Disponível em: <https://www.arca.fiocruz.br/handle/icict/34380>. Acesso em: 25 de out. 2022.

SILVA, W.P. Extensão universitária: um conceito em construção. *Revista Extensão & Sociedade*, ed. 2020.2. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/extensaoesociedade/article/view/22491/14110>. Acesso em: 30 de out. 2022.

SILVA, A.L.F. *et al.* Saúde e educação pelo trabalho: reflexões acerca do PET-Saúde como proposta de formação para o Sistema Único de Saúde. *Interface - Comunicação, Saúde, Educação*, v. 19, 2015. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/icse/a/rGDpFbbhcWFTz6gJwMbJVWF/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 02 de nov. 2022.

SOARES, C.H.A. *et al.* Sistema saúde escola de sobral-ce. *SANARE Sobral*, v.7, n.2, p.7-13, 2008. Disponível em: <https://sanare.emnuvens.com.br/sanare/article/view/26/21>. Acesso em: 02 de nov. 2022.

UVA. Universidade Estadual Vale do Acaraú. *Dados da Coordenação de Iniciação Científica da UVA*. Sobral. 2022. Disponível em: [http://www.uvanet.br/ini\\_cien/](http://www.uvanet.br/ini_cien/). Acesso em: 25 de out. 2022.



## **Sobre os(as) Autores(as)**

**ALESSANDRA PONTE DE QUEIROZ MIRANDA** - Enfermeira. Egressa do Curso de Enfermagem da Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA). Especialista em Gestão de Sistemas e Serviços de Saúde (UVA). Residência em Saúde da Família pela Escola de Saúde Pública Visconde Saboia (ESP-VS/UVA). Mestranda em Saúde da Família pela Universidade Federal do Ceará. Vereadora do Município de Sobral (2016/2020) e (2020/2024).

**ALOÍSIO RIBEIRO DA PONTE** - Médico Psiquiatra. Docente Aposentado do Curso de Enfermagem da Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA). Ex-diretor da Faculdade de Enfermagem e Obstetrícia da UVA (1978-1984).

**ANA BEATRIZ OLIVEIRA DO NASCIMENTO** - Enfermeira. Egressa do Curso de Enfermagem da Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA). Membro do Observatório de Pesquisa para o SUS (OBSERVA-SUS).

**ANA SUELEN PEDROZA CAVALCANTE** - Enfermeira. Egressa do Curso de Enfermagem da Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA). Doutoranda em Saúde Coletiva pela Universidade Estadual do Ceará (UECE). Mestre em Saúde da Família pela Universidade Federal do Ceará (UFC).

**ANDRÉA CARVALHO ARAÚJO MOREIRA** - Enfermeira. Egressa e Docente do Curso de Enfermagem da Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA). Doutora em Enfermagem pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Mestre em Saúde Pública pela UFC. Docente do Mestrado Profissional em Saúde da Família da Rede Nordeste de Formação em Saúde da Família – Nucleadora UVA (RENASF-FIOCRUZ-UVA). Membro do Grupo de Pesquisa e Estudo em Vulnerabilidades em Saúde (GEVS).



**ANTONIO RODRIGUES FERREIRA JÚNIOR** - Enfermeiro. Egresso do Curso de Enfermagem da Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA). Pós Doutor em Saúde Coletiva pela Universidade de Fortaleza (UNIFOR). Doutor em Saúde Coletiva pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Mestre em Saúde Coletiva pela Universidade de Fortaleza (UNIFOR). Docente do Curso de Enfermagem da Universidade Estadual do Ceará (UECE). Coordenador Adjunto e Docente do Programa de Pós-graduação em Saúde Coletiva da UECE. Docente do Programa de Pós-graduação em Saúde Coletiva da UNICAMP. Líder do grupo de pesquisa Redes Integradas de Saúde. Bolsista de Produtividade em pesquisa 2 pelo CNPQ.

**AUGUSTA BRITO DE PAULA** - Enfermeira. Egressa do Curso de Enfermagem da Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA). Especialista em Saúde da Família. Prefeita do município de Graça no período de 2005 a 2012. Deputada Estadual no período de 2015 a 2022. Eleita Senadora Suplente pelo estado do Ceará para exercício de 2023 a 2030.

**CARLOS HILTON ALBUQUERQUE SOARES** - Odontólogo. Docente do Curso de Enfermagem da Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA). Mestre em Gestão e Modernização Pública pela (UVA). Secretário Municipal de Saúde de Sobral (1997 a 2012). Vice-prefeito de Sobral (2013 a 2016). Secretário Estadual de Saúde (2022).

**CHRISTIANNE MARIE AGUIAR COELHO** - Enfermeira. Egressa do Curso de Enfermagem da Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA). Especialista em Saúde Pública pela Escola de Saúde Pública do Ceará e em Saúde da Família pela Universidade Estadual Vale do Acaraú e Escola de Saúde Pública Visconde Saboia. Vereadora do município de Sobral (2012/2016); Vice-Prefeita de Sobral (2016/2020) e (2020/2024).

**CIBELLY ALINY SIQUEIRA LIMA FREITAS** - Enfermeira. Egressa e Docente do Curso de Enfermagem da Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA). Pós-Doutora em Enfermagem pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). Doutora em Enfermagem na Promoção da Saúde pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Docente do Mestrado Profissional em Saúde da Família da Rede Nordeste de Formação em Saúde da Família – Nucleadora UVA (RENASF-FIOCRUZ-UVA) e do Mestrado Acadêmico em Saúde da Família da UFC.

**DAVID GOMES ARAÚJO JUNIOR** - Enfermeiro. Egresso do Curso de Enfermagem da Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA). Doutorando em Saúde Coletiva pela Universidade Estadual do Ceará (UECE). Mestre em Saúde da Família pela Universidade Federal do Ceará (UFC).

**ELIANY NAZARÉ OLIVEIRA** - Enfermeira. Docente do Curso de Enfermagem da Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA). Pós Doutora pela Faculdade de Ciências da Educação e Psicologia do Porto (FPCEUP). Doutora e Mestre em Enfermagem pela Universidade Federal Ceará (UFC). Docente do Mestrado Profissional em Saúde da Família da Rede Nordeste de Formação em Saúde da Família – Nucleadora UVA (RENASF-FIOCRUZ-UVA). Docente do Mestrado Acadêmico em Saúde da Família (UFC- Sobral). Líder do Grupo de Estudo e Pesquisa Saúde Mental e Cuidado (GESAM).

**EROTEÍDE LEITE DE PINHO** - Nutricionista. Docente do Curso de Enfermagem da Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA). Mestre em Ciência e Tecnologia de Alimentos pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Especialista em Nutrição e Dietoterapia pela Universidade de Fortaleza (UNIFOR).

**FRANCISCO METON DE VASCONCELOS** - Enfermeiro. Egresso e Docente do Curso de Enfermagem da Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA). Especialista em Enfermagem na Saúde do Trabalhador (UVA) e em Psicopedagogia (UVA).

**FRANCISCO ROSEMIRO GUIMARÃES XIMENES NETO** - Enfermeiro Sanitarista. Egresso e Professor do Curso de Enfermagem da Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA) e dos Programas de Pós-Graduação - Mestrado Profissional em Saúde da Família da Rede Nordeste de Formação em Saúde da Família – Nucleadora UVA (RENASF-FIOCRUZ-UVA) e do Mestrado Acadêmico em Saúde da Família (UFC- Sobral). Doutor em Ciências pela Escola Paulista de Enfermagem/Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP) e Mestre em Saúde Pública pela Universidade Estadual do Ceará (UECE).

**GLAUBERTO DA SILVA QUIRINO** - Enfermeiro. Egresso do Curso de Enfermagem da Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA). Pós Doutor em Enfermagem pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Doutor em Educação em Ciências: Química da Vida e Saúde pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Mestre em Bioprospecção Molecular pela Universidade Regional do Cariri (URCA). Docente do Curso de Enfermagem da URCA. Docente do Mestrado Profissional em Saúde da Família, da Rede Nordeste de Formação em Saúde da Família – Nucleadora URCA (RENASF/URCA).

**ISABEL CRISTINA KOWAL OLM CUNHA** - Enfermeira. Doutora em Saúde Pública pela Universidade de São Paulo (USP). Docente Associada Livre Docente Aposentada do Departamento de Administração e Serviços de Saúde. Orientadora Permanente do Programa de Pós-Graduação da Escola Paulista de Enfermagem da UNIFESP.

**IZABELLE MONT'ALVERNE NAPOLEÃO ALBUQUERQUE**

- Enfermeira. Egressa e Docente do Curso de Enfermagem da Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA). Possui Pós-doutoramento em Enfermagem pela Universidade Federal de São Paulo – UNIFESP. Doutora em Enfermagem pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Mestre em Enfermagem pela UFC. Pós-doutorado em Enfermagem pela Universidade Federal de São Paulo – UNIFES. Reitora da Universidade Estadual Vale do Acaraú. Docente do Mestrado e Doutorado Profissional em Saúde da Família da Rede Nordeste de Formação em Saúde da Família – Nucleadora UVA (RENASF-FIOCRUZ-UVA). Docente do Mestrado Acadêmico em Saúde da Família da Universidade Federal do Ceará (UFC). Líder do Grupo de Pesquisa: Observatório de Pesquisas para o Sistema Único de Saúde – OBSERVASUS/UVA.

**JOSÉ MARIA XIMENES GUIMARÃES**

- Enfermeiro. Egresso do Curso de Enfermagem da Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA). Pós Doutor em Cuidados Clínicos em Enfermagem e Saúde pela Universidade Estadual do Ceará (UECE). Doutor em Saúde Coletiva pela UECE. Mestre em Saúde Pública pela UECE. Docente dos Programas de Pós-Graduação em Saúde Coletiva e Saúde da Família da UECE.

**JOSÉ VILSON BARRETO ARAÚJO**

- Enfermeiro. Egresso do Curso de Enfermagem da Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA). Primeiro Coordenador do Curso de Enfermagem e Obstetrícia da UVA (1990 a 1996). Docente Aposentado do Curso de Enfermagem da UVA (1981 a 2013). Especialista em Metodologia do Ensino Superior

**JOYCE MAZZA NUNES ARAGÃO** - Enfermeira. Egressa e Docente do Curso de Enfermagem da Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA). Doutora e Mestre em Enfermagem pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Docente do Mestrado Profissional em Saúde da Família da Rede Nordeste de Formação em Saúde da Família – Nucleadora UVA (RENASF-FIOCRUZ-UVA). Docente do Mestrado Acadêmico em Saúde da Família (UFC- Sobral). Membro do Laboratório de Pesquisa Social, educação Transformadora e Saúde Coletiva (LABSUS-CNPq/UVA)

**KEILA MARIA DE AZEVEDO PONTE** - Enfermeira. Egressa e Docente do Curso de Enfermagem da Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA). Doutora e Mestre em Cuidados Clínicos e Enfermagem pela Universidade Estadual do Ceará (UECE). Docente do Mestrado Profissional em Saúde da Família da Rede Nordeste de Formação em Saúde da Família – Nucleadora UVA (RENASF-FIOCRUZ-UVA). Membro do Grupo de Pesquisa e Estudos de Vulnerabilidades em Saúde (GEVS).

**LIELMA CARLA CHAGAS DA SILVA** - Enfermeira. Egressa do Curso de Enfermagem da Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA). Doutoranda do programa de Pós-Graduação Profissional em Saúde da Família da Rede Nordeste de Formação em Saúde da Família – Nucleadora UVA (RENASF-FIOCRUZ-UVA). Membro do Laboratório de Pesquisa Social, educação Transformadora e Saúde Coletiva (LABSUS-CNPq/UVA).

**MANOEL ALVES TEIXEIRA** - Enfermeiro. Egresso e Docente Aposentado do Curso de Enfermagem da Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA) (1983 a 2017). Diretor do Centro de Ciências da Saúde (2015 a 2017). Coordenador Adjunto do Curso de Enfermagem da UVA (2013 a 2015). Especialista em Metodologia do Ensino Superior e Enfermagem Obstétrica

**MANUELLE MARIA MARQUES MATIAS** - Enfermeira. Egressa do Curso de Enfermagem da Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA). Doutora e Mestre em Saúde Coletiva pelo Instituto de Medicina Social da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (IMS/UERJ). Docente do Departamento de Planejamento em Saúde do Instituto de Saúde Coletiva da Universidade Federal Fluminense (MPS/ISC/UFF). Coordenadora Adjunta da Comissão Intersectorial de Recursos Humanos e Relações de Trabalho (CIRHRT) do Conselho Nacional de Saúde (Gestão 2019 a 2021).

**MARCOS AGUIAR RIBEIRO** - Enfermeiro. Egresso do Curso de Enfermagem da Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA). Doutor em Ciências pelo Programa de Pós-graduação em Enfermagem da Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP). Mestre em Saúde da Família pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Chefe de Gabinete da reitoria e docente colaborador do Curso de Enfermagem da UVA. Vice-líder do Observatório de Pesquisa para o SUS (OBSERVA-SUS).

**MARIA ADELANE MONTEIRO DA SILVA** - Enfermeira. Egressa e Docente do Curso de Enfermagem da Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA). Pós Doutora em Enfermagem pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Doutora e Mestre em Enfermagem Universidade Federal do Ceará (UFC). Docente do Mestrado Profissional em Saúde da Família da Rede Nordeste de Formação em Saúde da Família – Nucleadora UVA (RENASF-FIOCRUZ-UVA). Líder do Grupo de Pesquisa e Estudos em Vulnerabilidades Sociais (GEVS).

**MARIA ALZENI COELHO PONTE** - Enfermeira. Egressa e Docente Aposentada do Curso de Enfermagem da Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA) (1983 a 2013). Ex. Coordenadora Adjunta do Curso de Enfermagem da UVA. Especialista em Metodologia do Ensino Superior e Enfermagem Obstétrica

**MARIA AMÉLIA CARNEIRO BEZERRA** - Médica Veterinária. Docente do Curso de Enfermagem da Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA). Doutora e Mestre em Farmacologia pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Membro pesquisadora do Grupo de Pesquisa e Extensão em Ensino, Tecnologia e Saúde (GPETS).

**MARIA DA CONCEIÇÃO COELHO BRITO** - Enfermeira. Egressa do Curso de Enfermagem da Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA). Doutora em Cuidados Clínicos em Enfermagem e Saúde pela Universidade Estadual do Ceará (UECE). Mestre em Saúde da Família pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Docente do Curso de Enfermagem da Faculdade Luciano Feijão (FLF). Membro do Laboratório de Pesquisa Social, Educação Transformadora e Saúde Coletiva (LABSUS-CNPq/UVA).

**MARIA DE LOURDES ALVES** - Enfermeira. Egressa e Docente Aposentada do Curso de Enfermagem da Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA). Especialista em Metodologia do Ensino Superior pela Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA) e Especialista em Gerontologia pelo (CETREDE – UFC).

**MARIA DO SOCORRO MELO CARNEIRO** - Enfermeira. Egressa e Docente do Curso de Enfermagem da Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA). Mestre em Saúde Pública pela Universidade Estadual do Ceará (UECE). Doutoranda em Saúde Coletiva pela UECE. Membro do Observatório de Pesquisas para o SUS (ObservaSUS) - UVA e do Grupo de Pesquisa Redes Integradas de Saúde (REDIS) - UECE

**MARIA SOCORRO CARNEIRO LINHARES** - Enfermeira. Egressa e Docente do Curso de Enfermagem da Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA). Doutora em Saúde Pública pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Mestre em Enfermagem pela UFC. Docente do Curso de Mestrado Profissional em Saúde da Família da Rede Nordeste de Formação em Saúde da Família – Nucleadora UVA (RENASF-FIOCRUZ-UVA).

**MARIA SOCORRO DE ARAÚJO DIAS** - Enfermeira. Egressa e Docente do Curso de Enfermagem da Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA). Pós-doutorado em Cuidados Clínicos em Enfermagem e Saúde pela Universidade Estadual do Ceará (UECE). Doutora e Mestre em Enfermagem (Saúde Comunitária) pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Coordenadora Adjunta do Doutorado e Mestrado Profissional em Saúde da Família da Rede Nordeste de Formação em Saúde da Família – Nucleadora UVA (RENASF-FIOCRUZ-UVA). Líder do Laboratório de Pesquisa Social, Educação Transformadora e Saúde Coletiva (LABSUS-CNPq/UVA)

**MARISTELA INÊS OSAWA VASCONCELOS** - Enfermeira. Docente do Curso de Enfermagem da Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA). Pós Doutora em Cuidados Clínicos e Enfermagem pela Universidade Estadual do Ceará (UECE). Doutora e Mestre em Enfermagem pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Coordenadora e Docente do Doutorado e Mestrado Profissional em Saúde da Família da Rede Nordeste de Formação em Saúde da Família – Nucleadora UVA (RENASF-FIOCRUZ-UVA). Vice-Líder do Laboratório de Pesquisa Social, Educação Transformadora e Saúde Coletiva (LABSUS-CNPq/UVA).

**REBECA SALES VIANA** - Odontóloga. Docente do Curso de Enfermagem da Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA). Doutora em Ciências da Educação pela Universidade Trás-dos Montes e Alto Douro (UTAD). Mestre em Gestão Pública pela Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA). Membro do Grupo de Pesquisa e Estudos de Vulnerabilidades em Saúde (GEVS).



**ROBERTA CAVALCANTE MUNIZ LIRA** – Enfermeira. Egressa do Curso de Enfermagem da Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA). Doutora em Saúde Pública pela Faculdade de Saúde Pública/ Universidade de São Paulo (USP). Mestre em Educação e Saúde pela Universidade de Fortaleza (UNIFOR). Docente efetiva do Curso de Medicina da Universidade Federal do Ceará/Campus Sobral (UFC). Docente do Mestrado Acadêmico em Saúde da Família da UFC.

**ROGENA WEAVER NORONHA BRASIL** - Enfermeira. Docente do Curso de Enfermagem da Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA). Mestre em Saúde Pública pela Universidade Estadual do Ceará (UECE). Assessora do Conselho Estadual da Saúde do Ceará (Cesau).